

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA ARTE
MESTRADO EM CIÊNCIA DA ARTE

Dona Romana de Tocantins:
UMA FANTÁSTICA ICONOGRAFIA

Dissertação de Mestrado

Mestranda

Delfina Renck Reis,

Orientador

Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa

DELFINA RENCK REIS

Dona Romana de Tocantins:

UMA FANTÁSTICA ICONOGRAFIA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Ciência da Arte da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Linguagens da Arte. Linha de Pesquisa: Estudos Poéticos

Orientador: Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa

Niterói

Novembro de 2008

DELFINA RENCK REIS

Dona Romana de Tocantins:

UMA FANTÁSTICA ICONOGRAFIA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Ciência da Arte da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Linguagens da Arte. Linha de Pesquisa: Estudos Poéticos

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa: Orientador

Prof. Dr. José Maurício Saldanha Alvarez

Prof. Dr. Ricardo Gomes Lima (UERJ)

Niterói
Novembro de 2008

Agradecimentos

Aos meus pais, por seus exemplos de vida e pelo privilégio de ter sempre contado com seu amor e apoio incondicional.

A Dona Romana de Tocantins, que me recebeu com muita gentileza e disponibilidade para mostrar sua obra e contar sua história de vida.

Ao meu orientador, professor Wallace de Deus Barbosa, por sua amizade, incentivo e clareza que muito ajudaram na elaboração deste trabalho.

A Manuel José Teixeira Nogueira, o Tito, que com magnânima generosidade cedeu todas as decupagens de suas filmagens, com todas as seqüências escritas das falas de Dona Romana de Tocantins, o que facilitou e enriqueceu sobremaneira esta pesquisa.

Aos Professores Doutores José Mauricio Saldanha Alvarez, Luis Sérgio de Oliveira, José Carlos Monteiro e Latuf Isaias Mucci, do programa de Ciência da Arte da UFF, pela interlocução e colaboração.

Ao Professor Doutor Ricardo Gomes Lima, da UERJ e Diretor da Sala do Artista Popular do Museu do Folclore pelas idéias durante a qualificação desta dissertação.

A Simone Camêlo Araújo, Diretora, em Natividade, do Programa Monumenta, do Ministério da Cultura, que me recebeu em com muita cordialidade e me passou muitas informações relevantes sobre Dona Romana e a cidade de Natividade.

A Rosane Rodrigues Faria que nos hospedou em Palmas na viagem em que acompanhei Dona Romana

A Lunah, do SENAC de Tocantins, que me ciceroneou em Palmas e me ajudou maneira generosa e gentil. Me foi apresentada por Dinair, a quem também agradeço.

A Julia e Walderson, médiuns que trabalham no Centro Bom Jesus de Nazaré e que muito colaboraram durante a pesquisa de campo no Sítio da Jacuba.

A Manoel Prado pela passagem aérea.

A Maria de Lourdes Renck Real pelo apoio material.

A Sabrina Bittencourt e Almir Miranda da Silva, pelo empréstimo de equipamentos de gravação de som e vídeo.

A Luciana Fleischman que revisou e opinou sobre o projeto inicial

A Monica e Viviana Herrera que traduziram o resumo desta dissertação para o inglês.

A minha irmã Andréa Renck Reis, e à amiga Gabriela Maldonado, mestrandas recentes, pelo incentivo e encorajamento.

A meus filhos Pedro Reis Garcia e João Reis Garcia, pela compreensão e incentivo.

A meus colegas de mestrado e todos os meus amigos que das mais variadas maneiras colaboraram e compartilharam do desenvolvimento desse trabalho.

A todas as bibliotecárias que me ajudaram a encontrar os volumes pesquisados

A todas as pessoas que porventura tenham ajudado de alguma forma e eu não tenha lembrado de citar aqui

RESUMO

Palavras-chave: **Dona Romana de Tocantins – arte incomum – arte fantástica - milenarismo**

Apresentamos nossa pesquisa de mestrado sobre a vida e a fantástica obra predominantemente escultórica de Dona Romana. Nascida em 1941, vidente e artista popular afro-descendente, começou a ter visões e apresentar fenômenos paranormais há cerca de quarenta anos. Vive no interior de Tocantins, na cidade de Natividade, onde se pode apreciar centenas de esculturas, desenhos e algumas pinturas murais. Criado ao longo de mais de trinta anos, esse autêntico acervo é composto na sua maioria por obras de grandes dimensões (algumas esculturas alcançam até oito metros de altura), construídas com pedra, cimento e areia, e decoradas com cacos de espelho. A arte de Dona Romana é muito peculiar. Difere de muitas outras manifestações de arte popular encontradas no Brasil, no que se refere a um aspecto fundamental: sua produção artística não é produzida com o intuito de comercialização, mas como imperiosa necessidade interior. Segundo ela, as imagens, ou "aparições", não se ausentam enquanto não forem registradas plasticamente. A totalidade de sua obra permanece no sítio onde mora, onde se originaram e devem permanecer as obras, como explica, por estarem localizados em pontos geográficos específicos, determinados por seus mentores, seres que somente ela vê e ouve. Sua iconografia inclui seres mitológicos, bichos, cruzeiros, arqueiros, anjos, guardiães, murais com inscrições indecifráveis e "antenas", esculturas aéreas de arame que servem de conexão com outros mundos que visitou

A denominação fantástica, usada nesse caso, com a mesma conotação, no mesmo sentido usado para referir-se à literatura fantástica do escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986), que se valia de seus conhecimentos nas áreas de filosofia, metafísica, mitologia e teologia, como auxílio para elaborar suas narrativas.

ABSTRACT

**Keywords: Dona Romana de Tocantins – Unusual art – Fantastic art -
Milenarism**

I would like to introduce my Masters degree's search about Dona Romana's life and her fantastic, predominantly sculptural, work. Afro-descendent clairvoyant and naïf artist, she was born in 1941 and started to have visions and to experience paranormal phenomena since forty years ago. She lives in the state of Tocantins, in the town of Natividade, where hundreds of sculptures, drawings and some mural paintings can be appreciated. Most of her authentic works, created during thirty years, has huge sculptural pieces (some of them reaching almost twenty six feet high) and are built on stone, cement, sand and decorated with little pieces of mirror. Dona Romana's art is very peculiar and very different from other Brazilian popular artistic expressions, according to one fundamental point: her work is not made for marketing, but created as an urgent interior need. According to her, the images or "appearances" don't go away until they are not physically built. Her total work remains in her plot where the sculptures are created and kept because, as she says, they are located on specific geographical points, determined by her mentors (beings that only she can see or hear). Her iconography includes mythological beings, animals, crosses, archers, angels, guardians, murals with indecipherable signs and some "antennas", wire air sculptures which connect her with the other worlds she uses to visit.

The word fantastic used in this case with the same connotation and in the same way, referring the fantastic literature of the Argentine writer Jorge Luis Borges (1899-1986) who used his knowledge in philosophy, metaphysics, mythology and theology, as a creating source of his narrative.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: A vida e a obra de Dona Romana de Tocantins	
I. 1. Biografia de Dona Romana	21
I. 2. O Fundamento: Firmeza do eixo do planeta Terra.....	27
I. 3. O Asteróide: Visões versus Ciência.....	38
I. 4. O Sítio da Jacuba: Misto de templo, moradia e repositório de esculturas.....	42
I. 5. A Casa	44
I. 6. As Pinturas	49
I. 7. As peças: Cimento, arame, pedras.....	53
I. 8. As Antenas: Parte significativa do acervo.....	68
I. 9. O Arquivo: As cartolinas e os cadernos.....	71
I. 10. As consultas: Medicina popular.....	79
I. 11. O GALPÃO: armazenamento para o futuro.....	84
I.12. A cidade de Natividade	90
CAPÍTULO II: Considerações sobre Arte Popular e outras categorias de Arte.	

II. 1. Arte e Cultura Popular.....	92
II. 2. Arte Primitiva.....	97
II.3. Arte Bruta.....	100
II. 4. Arte, Psiquiatria, Psicanálise, Psicologia.....	103
CAPÍTULO III: Relação da Arte com o Esoterismo e o Sagrado	
III. 1. Dona Romana: Autoridade Espiritual.....	108
III. 2. A Artista Dona Romana.....	113
III. 3. Arte, Sagrado, Religião.....	128
III. 4. Arte e Magia.....	133
III. 5. Os “trabalhos”: Centro Bom Jesus de Nazaré.....	135
III. 6. A criação de roupas ritualísticas.....	141
GLOSSÁRIO.....	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS	
BIBLIOGRÁFICAS.....	149+.3

INTRODUÇÃO

Tendo desistido de continuar me debruçando no motivo de interesse que seria o tema anterior da dissertação de mestrado, estava refletindo sobre qual seria um assunto que eu gostasse realmente de estudar sobre. Constatei que desde menina, junto aos livros de arte, tive sempre como leitura regular os relativos ao lado espiritual, místico, metafísico, esotérico. Os livros de arte sempre foram coisa corriqueira numa casa com uma mãe artista/professora de arte na universidade e uma irmã artista/quase arquiteta. E os de cunho espiritual e metafísico, também entravam habitualmente no contexto desta biblioteca caseira, a da casa paterna. A vida inteira são esses os assuntos de maior interesse na minha própria biblioteca, a saber, a arte e a espiritualidade. Uma busca da verdade, as respostas que se procuram especificamente ou não, e que chegam na hora certa, na hora que tem que vir ou na única que entenderíamos. “Quando o aluno está pronto o mestre aparece”. Quando, como, quem é? Isso já não se sabe e entraríamos em domínios zen budistas e o zen é um campo praticamente infinito e assunto no qual não somos especialistas. Dessas leituras todas, a Bíblia, Allan Kardek e a decodificação do espiritismo, cristianismo, reencarnação, vidas passadas, zen budismo, umbanda, candomblé, física quântica, Krishna, Sai-Baba, Osho, Yogananda, Carlos Castañeda, Mestres da Grande Fraternidade Branca e alguns outros livros, autores e gurus afins, fui formando uma cosmogonia pessoal onde todas essas correntes se interpenetram, revalidam se umas às outras e ecumenicamente se complementam. Tudo é questão de ponto de vista e visão de mundo de cada um. Já na idade adulta, comecei a estudar também psicologia e mitologia, por conta da formação em arte terapia, que sucedeu a formação em

artes plásticas. Paralelo a esses estudos, a arte sempre veio mais como um fazer, sempre de maneira fácil e fluida, espontânea e prazerosa. Muitas vezes necessária até, pois não são só os pacientes dos hospitais psiquiátricos nos seus devidos setores de terapia ocupacional que se beneficiam salutar e harmonicamente com o fazer artístico. Inúmeras vezes, essa arte proveniente de hospitais, ou de pessoas sem formação regular em arte, fora da regra culta ou feita por mãos de pessoas simples, do povo, foram importantes catalisadores de meu próprio processo criativo como artista plástica, gerando entusiasmo, inspiração e novas idéias. A primeira vista, poderia parecer praticamente impossível que emergisse um objeto de pesquisa que conseguisse juntar em seu escopo o fazer artístico e todo esse manancial do oculto, espiritual, religioso, mágico e esotérico. Mas como se diz que quando se sabe o que se quer o universo inteiro conspira a nosso favor, fui um dia ao cinema, como quem não quer nada, para assistir ao curta-metragem que Tito Nogueira, meu amigo pessoal, realizara sobre Dona Romana de Tocantins. Eu já escutara diversos relatos sobre Dona Romana e a estada da equipe de filmagem de “Todos os tempos são um” em Tocantins, mas sómente nessa época, uns dois meses antes da data limite da entrega do projeto de pesquisa é que fui finalmente ver o filme... Eureka! (como diria Arquimedes na antiguidade grega...) Tinha muito de um tudo ali e um pouco mais... Um universo rico e instigante com algumas ligações com meus estudos espontâneos. Naquele exato momento tive a certeza tranqüila de haver encontrado um tema onde me sentiria praticamente “em casa”. Um fato curioso foi que esse despertar para o tema aconteceu cerca de quatro anos depois de eu ter tido o primeiro contato com o mundo de Dona Romana. Eu assinava uma revista que depois de lida todos os meses era compartilhada com minhas vizinhas de prédio e foi assim que o cineasta Tito Nogueira teve a idéia de preparar sua câmara de filmagem, uma barraca e o carro e seguir para Tocantins,

depois de ler a reportagem sobre Dona Romana na revista que eu tinha emprestado para sua mulher nessa época... Tempos depois seria a minha vez de rumar para Tocantins, por via aérea, conferir de perto a obra de Dona Romana e o muito que ela tem a dizer. Quando dessa ida para realizar a pesquisa de campo, graças às disciplinas cursadas no Programa de Pós Graduação em Ciência da Arte, já adquirira alguns conhecimentos na área da Antropologia e me familiarizado com textos de Frazer, Malinovski, Lévi-Strauss, entre outros, extremamente úteis para lançar um novo olhar, in loco, sobre a obra de Dona Romana e seu cotidiano impregnado de arte e religiosidade. As disciplinas Antropologia das Representações Sensíveis, Metodologia da Pesquisa, Ecloração do Fenômeno Artístico, Arte e Sistemas Semióticos, Seminários Especiais e Passagens da Arte Moderna e Contemporânea. foram muito importantes para elucidar, desvendar e enriquecer alguns aspectos pertinentes ao tema e ao universo do objeto de pesquisa.

Quando se fala de Dona Romana de Tocantins, adentra-se em um universo tão rico, multifacetado, diversificado e sui generis, que se torna possível contextualizá-lo em variados recortes estéticos e antropológicos. Pretendo informar um pouco sobre a artista e líder espiritual que Dona Romana é. Negra, sertaneja, pobre e semi analfabeta, aos sessenta e sete anos de idade essa pessoa e sua obra são de uma riqueza e singularidade impressionantes. No interior do estado de Tocantins, no município de Natividade está situado o Sítio da Jacuba. Lá se encontra o acervo completo de sua obra escultórica, centenas de figuras feitas com argila, arame, pedra ganga, cacos de espelhos, pequenas pedras. As esculturas, que ela chama de peças, compõem a parte maior de sua produção artística. Lá também se encontram as pinturas murais, na casa que é sua residência e que abriga também o Centro Bom Jesus de Nazaré. Além disso, encontramos as intrigantes *cartolinas*, centenas de desenhos que

mostram seres extraterrestres, mapas, plantas baixas e fachadas de monumentos arquitetônicos, meios de transporte, grafismos intrincados representando campos de energia, alguns com símbolos muito semelhantes aos encontrados na cabala e ensinamentos alquímicos. Cruzes, santos, animais, anjos, guerreiros, asteróides, o sol, a lua, o mar... Enfim, um repertório de imagens muito variado e inusitado. Há muitos desenhos que tornam visíveis aos nossos olhos cenas que só ela viu, conduzida em viagens astrais. O motivo de seu acervo se encontrar intacto se deve ao fato de que toda a obra foi elaborada a serviço de, em suas palavras, um *fundamento*, onde o fator principal é a mudança ou verticalização do eixo do planeta Terra. Segundo as vozes que escuta, o eixo do planeta entortou quando houveram grandiosos cataclismos seguidos do desaparecimento dos dinossauros. *A grande hora*, quando o eixo da terra voltará ao normal, pode se dar a qualquer momento. Há previsão de muita destruição e transformação. As profecias falam que um asteróide colidirá com o planeta, que dos cinco continentes sobrarão apenas três e haverá sete dias de escuridão. Dona Romana não tem luz elétrica em casa, não ouve rádio, nem vê televisão. É interessante observar que algumas escolas esotéricas também falam sobre isso e o terceiro segredo de Fátima há pouco tempo desvelado pelo Vaticano, também cita esses sete dias e sete noites de escuridão. Lida-se o tempo inteiro com o real e o imponderável, impossível passar imune por sua obra sem suscitar inúmeros questionamentos, quando se trata dessa pequena mulher, tão gentil, educada e solícita, uma autoridade espiritual que é respeitada por alguns e julgada louca por outros.

A artista plástica e benzedeira Romana Pereira da Silva, vidente e escultora, nasceu em 1941 e é a mais velha entre dezoito irmãos. Vive no Sítio da Jacuba, localizado na saída do município de Natividade para Dianópolis, no interior do Tocantins. O lugar é repositório

de centenas de esculturas, seres mitológicos e *antenas*, esculturas aéreas de arame que servem de conexão com outros mundos que ela visitou e desenhou.

Dona Romana, que ao longo de 40 anos construiu um parque de esculturas ao ar livre, mesmo sendo semi-analfabeta desenha alfabetos intrincados e relata viagens a outros mundos, nossos desconhecidos. Suas esculturas e desenhos têm uma função não apenas estética, mas também didática e ilustrativa: servem para tornar visível o invisível, para que possamos ver o que só ela vê. É o meio que comunica visualmente o que ela chama de ”*fundamento*”. Toda sua obra está a serviço de um fundamento para a firmeza do eixo do planeta Terra, que saiu do prumo quando houve grandes cataclismos e transformações no planeta, na época do desaparecimento dos dinossauros. Dissertaremos amplamente mais adiante sobre o fundamento que norteia toda a produção artística de Dona Romana.

Na entrevista de classificação para o programa de pós-graduação em Ciência da Arte, manifestei a intenção de proceder a uma análise comparativa, por similaridade, entre a obra de Dona Romana e a de outros artistas populares. Professor Wallace de Deus Barbosa, presente nessa banca, ressaltou que poderiam haver muitas diferenças e singularidades também. Com o passar do tempo e o desenvolvimento da pesquisa, realmente foram aflorando cada vez mais as características únicas da obra de Dona Romana, as singularidades mais presentes do que as similaridades em comparação às obras de outros artistas que à primeira vista poderiam parecer bastante semelhantes.

O principal objetivo dessa pesquisa é estudar e documentar esse autêntico acervo artístico que se encontra em Tocantins, na cidade de Natividade. Criado ao longo de cerca de quarenta anos, admitido como parte integrante do mundo da arte popular brasileira e que

contribui com uma rica gama de imagens, produzido com espontaneidade e linguagem própria por Dona Romana de Tocantins, essa obra, feita pelas mãos de uma artista popular, pertence um gênero que, embora tido como dos mais belos e criativos do mundo, não é suficientemente (re) conhecido.

É nossa intenção, igualmente, para quem não conhece tornar conhecida essa arte, fonte viva da cultura; para quem já conhece sua obra, pretendemos possibilitar o acesso a informações sobre sua vida e seu trabalho, que podem ser relevantes para a apreciação e um maior entendimento de sua produção.

Levantaremos aqui a hipótese de uma arte popular classificada pelo parâmetro da ancestralidade, ponto de vista amplamente defendido pelo pesquisador, historiador e crítico de arte Clarival de Prado Valladares, que a nosso ver, poderia estar presente na feitura do trabalho de Dona Romana de Tocantins. Segundo este pesquisador,

Definir a produção de um artista pela ancestralidade seria uma forma de poder explicar como um criador, de modo totalmente intuitivo, pode encontrar na sua criação um filão já resolvido, mas com o qual ele não tem necessariamente contato direto ou imediato. Essa vocação poderia portanto ser explicada quase como uma herança cultural, veiculada pelo inconsciente coletivo, pela qual o criador naturalmente encontra suas soluções formais. (apud AGUILLAR, Néilson, 2000.)

Pensando dessa maneira, alguns artistas afro-descendentes encontrariam em suas obras soluções mais ou menos próximas de sua origem mais remota, resgatando modos de representação formal provenientes de religiões africanas e ritos da cultura iorubá.

Seria pertinente, aqui, investigar se os elementos da iconografia desta artista seriam análogos ou contrários ao naturalismo pré-histórico, se esta seria, segundo a classificação de

Heuser, uma “*arte a serviço da vida cotidiana corrente, como instrumento de uma técnica mágica.*” (HAUSER, Arnold. *Historia Social da Literatura e da Arte*. São Paulo, 1972, p.11)

Existem poucos registros acerca de sua obra inventiva, original e espontânea; nesse sentido, buscamos revelar aspectos menos conhecidos desta produção artística popular, que tem sido identificada como arte incomum, arte fantástica, arte visionária ou arte da imaginação. Pretendemos considerar a escultora e sua obra como singularidade, dar ênfase a sua individualidade e peculiaridades, abordando sua visão de mundo, em que condições é desenvolvida sua produção, que particularidades ocorrem em relação ao contexto em que se situa.

Em 1999, o escritor e documentarista Alexandre Acâmpora conheceu Dona Romana e, impressionado com sua obra e história de vida, filmou no ano de 2000 um documentário, intitulado *O Equilíbrio do Eixo no Planeta*, que foi exibido em alguns festivais, entre eles o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental. Em suas palavras: “*No Tocantins, ela é a expressão mais original de arte popular e cultura*”. O filme versa sobre a idéia central de suas profecias. Segundo ela, a Terra será atingida por um asteróide semelhante ao que extinguiu os dinossauros há milhões de anos atrás. “*A Terra está inclinada, devido a esse primeiro impacto. Com a queda desse asteróide, que pode acontecer a qualquer momento, ela voltará para seu eixo normal*”. (Jornal O Girassol, Palmas/TO, 7 de outubro de 2005). De acordo com as profecias de Mãe Romana, esse fenômeno causaria destruição em grandes proporções, o mar invadiria cidades, apareceriam grandes rachaduras no solo do planeta e milhões de pessoas morreriam. Tudo o que Dona Romana está fazendo, a pedido das vozes que ouve e de acordo com suas visões de outros mundos, está a serviço do que chama de *fundamento*. Tudo são preparativos para quando a terra sofrer esse grande impacto ao ser

atingida por um asteróide, quando o eixo da terra voltar a sua posição normal. *“Todo esse fundamento é uma preparação para firmeza do grande eixo da Terra”*.

No circuito oficial das artes, foi incluída em importante mostra realizada no CCBB de São Paulo em julho de 2002, na mostra *Pop*, onde, no catálogo, o curador Paulo Klein afirma destacar *"aqueles representantes da arte popular ingênua ou primitiva com maior importância histórica, ou que caracterizam elementos étnicos e antropológicos fundamentais e que refletem, desse modo, aspectos da multi facetada cultura nacional"*. Foi montada no subsolo uma ambientação com fotografias e reproduções de esculturas criadas por Dona Romana, existentes em seu sítio.

As visões de Dona Romana podem aparecer a qualquer momento. *“Todos os tempos são um”*, ensina ela, explicando a intrigante série de relógios esculpidos na parede de sua sala. Esta frase deu o título ao documentário realizado em 2004 pelo cineasta Tito Nogueira, que no mês de setembro de 2005, foi classificado para o Festival de Cinema Etnográfico, no Rio de Janeiro e mostrado pela primeira vez ao público. Além da edição apresentada no documentário, Tito Nogueira gravou várias seqüências em Natividade, com Dona Romana, resultado de filmagens de três viagens a Tocantins. Todas as seqüências transcritas foram gentilmente cedidas para facilitar a presente pesquisa.

Em 2005, foi incluída no Pequeno Dicionário do Povo Brasileiro: Século XX, de Lélia Coelho Frota.

Num discurso estranhamente ingênuo expressado com liberdade de criação, a arte de Dona Romana é muito peculiar. Difere de muitas outras manifestações de arte popular

encontradas no Brasil, no que diz respeito a um aspecto fundamental: sua produção artística não se destina à comercialização, a arte de Dona Romana não é produzida com o intuito de garantir a sobrevivência, mas como uma imperiosa necessidade interior. Segundo ela, as imagens, ou "aparições", não se ausentam enquanto não forem registradas através de desenhos, pinturas ou esculturas. Longe do mercado altamente competitivo dos grandes centros, Dona Romana vive de doações e o acervo total de sua obra permanece no sítio onde mora, local onde se originaram e devem permanecer as obras, conforme explica, por estarem localizadas em pontos geográficos específicos, locais determinados por seus mentores, seres que somente ela vê e ouve.

Tudo no Sítio da Jacuba, domínio de Dona Romana, é produzido de maneira independente. Nada é comprado no “shopping”, que, aliás, nem existe por lá, na cidade de Natividade, longe disso. O comércio é pequeno, melhor dizendo, mínimo e bem restrito. Desde as roupas, passando pelos alimentos, (por exemplo, não se come pão feito em uma padaria no café da manhã, mas polenta cozida,) até se chegar à produção artística, os desenhos, pinturas e esculturas e ao ritual religioso que acontece diariamente no Centro Bom Jesus de Nazaré, tudo é feito lá mesmo. Os trabalhos, como são chamados esses rituais ou sessões religiosas diárias, se compõem de ritos e cânticos que não vem de fora, mas são todos criados lá, recebidos através de intuições ou inspirações.

Relatarei aqui um pouco da pesquisa de campo que realizei durante 18 dias, no sítio da Jacuba, localizado a 4 km do centro da cidade de Natividade, em Tocantins. Fiquei hospedada no sítio onde Dona Romana reside e fui recebida com uma simplicidade, gentileza e hospitalidade exemplares.

No decorrer da “costura” dessa dissertação, conclui que o melhor caminho seria dar voz a Dona Romana de Tocantins, publicar suas próprias palavras todas as vezes que possível, pois seus relatos, a transmissão de informação via oral, se constituem num importante segmento de apreensão e compreensão de sua vida, obra e visão de mundo. Também considerei importante salientar seu próprio discurso, pois muitas vezes, para atender linguagens e parâmetros acadêmicos, se fazem adequações que podem desviar o curso e o sentido das informações e fatos originais da pesquisa.

Scwartzmann cita o esforço existente, por parte da tradição sociológica e antropológica, de “*construir uma interpretação da realidade que pudesse ir além dos mitos e representações correntes, seja dos pesquisadores, seja dos pesquisados.*” E nos alerta para o “perigo” de se adulterar a veracidade dos conteúdos que se pesquisa, e até de um pesquisador se julgar o dono da verdade, ocasionado por diversas questões e procedimentos. Segundo ele:

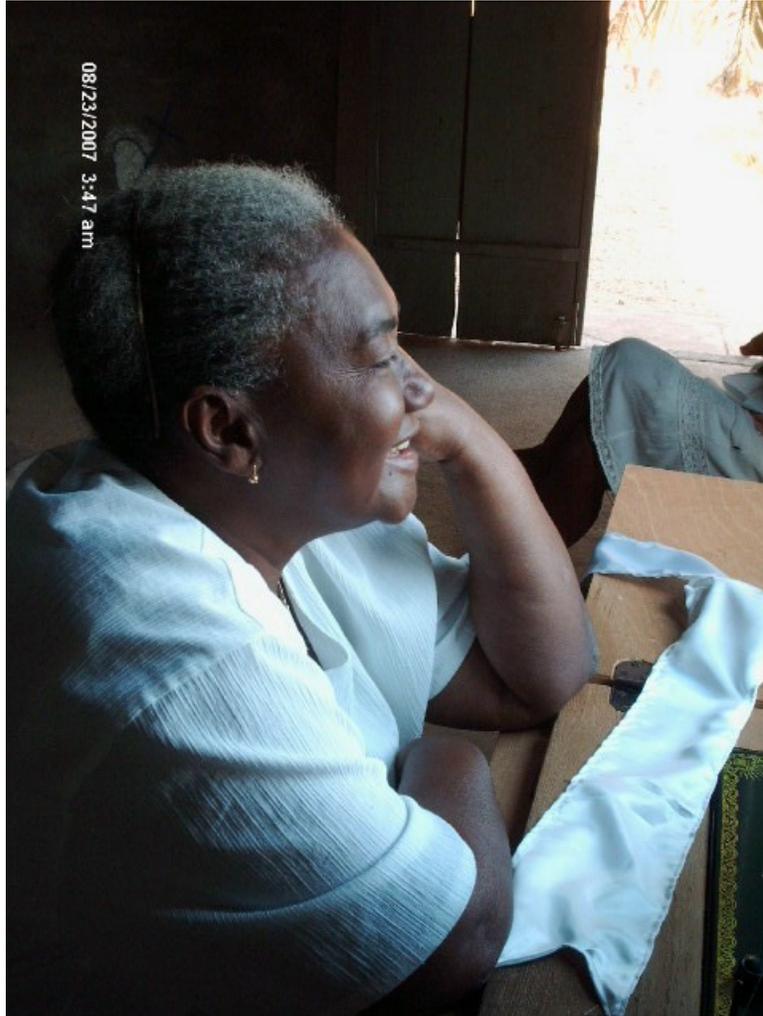
Vista nos quefazeres cotidianos, a pesquisa científica não seria mais nem menos “racional” do que qualquer outra atividade humana. Os conhecimentos obtidos não derivam de uma lógica ou razão atemporais, nem de generalizações ou abstrações obtidas diretamente da observação sistemática dos fatos. Eles surgem como construções provisórias e tentativas, desenvolvidas em um processo gradual de decisões oportunistas, negociações e, em muitos casos, a imposição dos pontos de vista de uns sobre os demais. (Schwartzmann, Simon. A Redescoberta da Cultura. 1997. cap.6).

Como podemos perceber, todo cuidado é pouco e deveremos nos policiar ao expressar nossas deduções, tendo sempre em vista o foco principal que é apresentar os fatos e assuntos pelo que realmente são.

Deparamo-nos com um universo multidisciplinar: além das artes visuais, foco principal desta investigação poderíamos nos aprofundar em vários assuntos como mediunidade, sincretismo religioso, magia, fé, ufologia, ecologia, fenômenos climáticos, astronomia, ciência, fito terapia e mais. Tangenciaremos alguns desses temas na medida em que apareçam entremeados no cerne da produção artística de Dona Romana.

CAPÍTULO I: A vida e a obra de Dona Romana de Tocantins

I. 1. Biografia de Dona Romana



Romana Pereira da Silva nasceu em 22 de fevereiro de 1941, na Jacuba, sítio localizado a 4 km da cidade de Natividade, no estado de Tocantins. Filha mais velha do casal Marcolino Pereira da Costa e Luiza Pereira da Costa, teve 18 irmãos. Foi casada duas vezes, durante oito anos no primeiro e vinte e dois no segundo casamento. Teve doze partos, seis

filhos sobreviveram e lhe deram 24 netos e quatro bisnetos. Logo depois de seu primeiro casamento, conturbado e violento, Romana foi acometida por fortes dores, uma doença que não se conseguia explicar o que era. *“Um médico me disse que o meu problema não era de saúde”*, conta Mãe Romana, que começou a ter visões e ouvir vozes. Ela relata: *“Esse caminho de missões eu acho que só quem sofre, quem é obrigado a seguir é que sabe. Eu comecei, eu fui casada, não deu certo, então me separei, vivi quase três anos sozinha, cuidando de quatro filhos, muito sofrido porque aqui era super atrasado... eu botava o feixe de lenha na cabeça aqui e ia vender lá na cidade, agora a cidade tá mais perto porque cresceu mais, mas daqui lá era 4 Km, carregava toda essa lenha na cabeça pra dar de comer aos filhos né? Vendendo lenha, lavando roupa pros outros, faxinando casa... fazendo tudo, tudo que eu dava conta eu fazia. Aí depois eu montei um cafezinho e aí, as coisas foram melhorando, num instantinho melhorou as coisas. Só que aí eu comecei ficar doente, né? Começou eu doente, doente, muito doente, era uma asma, era tanta doença que aparecia no meu corpo que eu tava doida sem saber. Eu tocava um cafezinho ia até muito bem. Aí comecei caminhar pra Porto. Porque nessa época, tinha o Dr. Osvaldo, nessa época tava no auge dele. Aí comecei caminhar pra lá. Eu fui umas duas vezes, umas três e ele falou assim – Olha Romana eu vou te falar uma coisa. Eu sou seu amigo, você sabe que eu sou amigo de todo mundo, mas vou te falar uma coisa – Você procura outra maneira de se tratar, em médico você não se trata. Aí eu perguntei a ele porque, se eu tava com uma doença ruim, o que era – não, simplesmente você procura outra maneira de se tratar. Então ele era espírita e eu nem sabia, eu nem sabia.*

As primeiras vozes que ouviu orientavam que colhesse determinadas ervas e raízes. Sem saber para que inicialmente, começou a curar centenas de pessoas que a procuravam, na

década de setenta, em busca de cura através de chás, garrafadas e benzimentos. No começo de todas essas manifestações, enfrentou o preconceito e a desaprovação de toda sua família, hoje em dia recebe o apoio de poucos filhos e irmãos. Com resignação, segue tudo que as vozes determinam que faça. *“Eu nasci para construir esse fundamento”*, ressalta.

Dona Romana diz que tudo começou em 1972, 73. Que foi quando começou a ouvir vozes. Ela conta: *“Quando foi dia 24 de dezembro ia ter uma formatura num colégio em frente a minha venda. Se eu tivesse condições, era o dia de eu fazer muito dinheiro. Porque nessa época não tinha quem vendesse um cafezinho, não tinha quem vendesse um churrasco, não tinha quem vendesse nada na cidade, só tinha o meu. Aí aquilo, eu fiquei por ali pensando, levantei, fiz meu café, tomei. Quando eu acabei de tomar o café foi que eu dei fé que o meu fogo tava bom, que era uma asma assim que eu num tinha fogo pra nada, mas eu dei fé que o fogo tava bem. Aí, levantei ligeiro assuntei, nada, num tava sentindo nada. E eu corri praqui e pracolá, arrumei tudo, matei frango, fiz muito bolo, quando foi a noite eu tava do jeito que eu queria. Aí começou a festa e eu comecei, pau, vendendo, vendendo. Nessa época eu fiz 5 mil cruzeiros, dinheiro estrondoso, eu tava com um lote encostado na minha venda, eu querendo comprar o lote que custava 70 cruzeiros mas eu não tinha condições. Pra mim que tinha feito 5 mil, então dava pra comprar o lote, construir a casa, fazer tudo, não era? Aí eu peguei, naquela alegria, aquele dinheiro, pensei muita coisa, deitei. Mas aquilo foi questão de segundos, segundos. Eu vi a Terra se jogando água pra cima e quebrando tudo, quebrando cidade, quebrando serras, matando gente, matando bicho, acabando com tudo, tudo. E eu no que eu do fé eu tava de pé em cima de um pau nadando por cima daquelas águas que tava se jogando ali no chão. Os bichos morrendo, tudo quebrando e eu em pé olhando. Nisso o pau que eu tava em cima dele virou de frente pra cá.*

No que virou eu vi duas luas novas, mas lua grandona assim. Aquilo foi me assustando, minha Nossa Senhora, aí eu fiquei apavorada. Isso não foi um sonho. O que é isso? E aquilo eu tremia e aquilo eu... e eu sozinha. Aí eu lembrei, digo é que eu to tirando do povo e eu vou morrer e vou pro inferno. Aí eu levantei, fiz uma oração ao Bom Jesus de Nazaré, que toda vida pra mim é o santo da minha devoção, pedi a ele que se ele visse que aquela venda tava dando prejuízo a minha alma, que ele que me deu ele tomasse conta e me desse uma maneira de viver. E se ele visse que eu tava certa, então ele tinha me dado, me ajudasse. Não foi nada não, as coisas voltaram pra trás com tudo, com 6 meses eu tava quase pedindo esmola. Mas só que daí em diante eu via tudo, eu escutava onde a pessoa falasse coisa que era pra eu escutar, eu escutava tudo, eu ouvia tudo.

Em 1989, 90 começou o trabalho com as peças de pedra e em 1983, as de arame. Apareciam desenhos e imagens na sua frente e ela ouvia que era para desenhar e guardar. Começou com um pequeno caderno de desenhos e tempos depois passou a desenhar em cartolinas. Ela não sabia para que e se não registrasse sofria dores e desconforto físico. Em 1989 recebeu ordens que deveria se mudar de seu sítio na Bizarria para o sítio da Jacuba, onde mora até hoje e onde começou o trabalho das esculturas ou peças que é como ela denomina as construções tridimensionais feitas com pedras e cimento. Um trabalho de dezessete anos. Ela imaginava que na Jacuba, terra herdada por seus pais, trabalharia com horta e curando pessoas com benzimentos e garrafadas de ervas, como anteriormente na Bizarria. Conta que na chegada, quando estavam limpando o terreno, ela e outras pessoas ajudando, era chamada várias vezes em diversos pontos do terreno e as vozes pediam que ela riscasse no chão os desenhos que apareciam como riscos luminosos. Ela teve uma visão, quando uma das mulheres presentes se aproximava, viu na frente dela várias pedras se

movimentando, flutuando e se posicionando em cima de um dos riscos luminosos, mostrando o que deveria ser feito. Então, Dona Romana colocou pedras em algumas marcações no chão. Ela relata que acendeu velas, rezou e pediu para não ter que trabalhar com pedras, um trabalho penoso e pesado, para ela que sempre tivera uma vida dura. Foi dito que se resignasse, que ela nascera já com a missão de realizar esse trabalho, que tudo já estava escrito há muito tempo. Dona Romana sofreu vários acidentes e fraturas de ossos durante sua vida e nessa época já passara por dois acidentes com fraturas graves, curadas sem auxílio médico, de difícil acesso no sertão da época. Dona Romana tem a coluna quebrada em dois lugares. Relatou vários incidentes que sofreu durante a vida: Teve o maxilar, o nariz e um pé quebrados, decorrente da fúria de seu primeiro marido por ela ter quebrado, acidentalmente, o espelhinho que ele usava para se barbear. Seu queixo ficou torto e só endireitou quando um dentista arrancou um dente. Essa foi a última ação dele antes de sumir, temeroso das conseqüências penais que poderiam decorrer de seus atos. Quando ainda morava no sítio da Bizarria, antes de vir para seu sítio atual, na Jacuba, caiu de uma rede, sentiu muita dor, mas no dia seguinte continuou trabalhando, atendendo a grande quantidade de pessoas que a procuravam na época em busca de cura. Nessa época, na década de 1970, chegou a preparar mais 300 garrafadas num dia. Quando finalmente foi ao médico, meses depois do tombo da rede, foi feita uma radiografia . Conta que o médico ficou muito surpreso e disse que nunca vira antes nada parecido, que sua coluna havia sido sobreposta e estranhamente, fora costurada. Dona Romana diz que sua coluna foi costurada pelos guias. Tempos depois, viajando de carona na carroceria de um caminhão, no percurso entre Natividade e Brasília, terminou ficando soterrada embaixo de toda a carga, depois que o caminhão capotou. Disse que a carga tinha 5 mil quilos e ninguém imaginava que houvesse alguém vivo ali embaixo e

então ouviram algo parecido com um miadinho, seus gemidos pareciam de um gatinho, e sua presença lá embaixo foi detectada. Um outro rapaz foi jogado longe. Foram retirando a carga até encontrá-la. Estava grávida e nada aconteceu ao bebê. Outro acidente foi uma queda de cachoeira. Caiu de uma altura de 30 metros, disse que tentava se segurar em alguma coisa e a cachoeira, escorregadia, “*parecia quiabo*”. Dessa vez quebrou a clavícula e costelas dos dois lados do corpo, além do antebraço. Quando mexia nos seus dedos tudo estalava em seu braço. Ficou por volta de 30 dias em repouso. O “*Velho*”, (um de seus guias espirituais) mandou que colocasse umas ataduras no braço com ervas. Se curou sem ir ao médico. No seu histórico médico também consta uma grave e delicada intervenção cirúrgica. Depois de um tempo hospitalizada em Palmas, em 2006, sua transferência para Araguaina foi providenciada por sua amiga, a professora Rosane Faria, que entrou em contato com o governador do estado, Marcelo Miranda, que prontamente chamou seu médico particular, viabilizou seu traslado e pagou a intervenção cirúrgica de seu próprio bolso. Apenas 5% de suas veias estavam funcionando e foi realizado um cateterismo. O médico falou: - Você só não morreu por que tem uma missão.

Dona Romana leva uma vida dura, de renúncia a muitas coisas. Só faz o que é permitido pelos três curadores, que são os seus guias. Teve de abdicar da vida de casada. Um dia, seu segundo marido retirou-se silenciosamente, cômico de um status impossível de ser mantido. Ela não reclama e mantém o bom humor e um sorriso fácil, mas leva uma vida de certa forma penosa, no mínimo, muito trabalhosa. Tudo no Sítio da Jacuba é concebido e elaborado lá mesmo, das esculturas às roupas que são usadas nos trabalhos mediúnicos. Durante os dezoito dias em que realizei minha pesquisa de campo, foram consumidos 8 sacos de cimento, utilizados para restauro e novas peças. E há o atendimento ao público, acender

velas, benzer, fazer garrafadas, presidir o terço diariamente com voz forte, cortar e costurar roupas, administrar a casa e providenciar comida para no mínimo trinta pessoas diariamente, entre residentes, visitantes e parentes. Isso sem contar algumas noites de trabalho intenso fora do corpo físico, segundo conta, resolvendo diversos tipos de situações onde é solicitada a sua intervenção ou ajuda.

Recebida com respeito e consideração por muitos moradores de Natividade nos estabelecimentos comerciais e pelas ruas, Dona Romana é ignorada pela maioria da comunidade católica e raramente comparece à Igreja, pois prefere evitar conflitos. Algumas vezes, comparece à festa do Senhor do Bonfim.

Por toda sua história de vida, foi homenageada e recebendo um Diploma e a medalha de honra ao mérito “Pio Pinto Cerqueira, em junho de 2007 em Natividade, Tocantins.

I. 2. O Fundamento: firmeza do eixo do planeta Terra

Segundo Dona Romana, todo o trabalho é um fundamento para a firmeza do eixo do planeta. Se esse trabalho não for feito agora, tudo pode se perder: *“Sei que isso aqui tá tudo preparado para a firmeza do grande eixo, mas como vai firmar eu não sei. Eu sei bem que muitas peças dessas chegavam em tamanho gigantesco. Aí eu conversava com eles: vocês sabem que eu não tenho condições de fazer essa peça desse tamanho. Romana o importante não é você fazer o tamanho. O importante é você por em cada ponto em que aquela energia que vem de dentro da terra tá fluindo, ali você põe em cima. Então depois do grande momento, cada uma tomará o seu tamanho normal.”*



Diferentes fases do planeta Terra

Esse trabalho era para ter sido feito todo quando o eixo do planeta inclinou pela primeira vez, mas o homem ficou com preguiça. Naquele tempo, as almas gêmeas ainda não tinham sido separadas, e se encontravam mais interessadas umas nas outras do que em qualquer outra coisa.

Nas palavras de Dona Romana:

“Já teve época das almas gêmeas e foi quando, eu acredito que dessa época que foi entrando tudo quanto foi coisa no mundo. Porque aí, teve uma época que diz as lendas, eu não sei, eu não fui até lá, mas que existiam as almas gêmeas e foi assim misturado, misturou, misturou, misturou e espalhou ela na Terra. Então hoje pra se encontrar uma alma gêmea é muito difícil. Só que depois da grande hora haverá novamente (o encontro).

(...) Mas é que as almas gêmeas elas não tinham pressa pra nada, elas estavam felizes. E Deus precisava de uma Terra que ele queria povoada, mas só com as almas gêmeas juntas... Ninguém tinha pressa pra fazer nada. Então foi aí que veio, misturou tudo, espalhou e aí agora fica todo mundo naquele desespero, ninguém é feliz, ninguém acerta com nada, mas eles têm que trabalhar pra poder novamente eles encontrarem.

Quando existiam as almas gêmeas, até da época que o homem, povo fala que o homem veio do macaco... A ciência tem essas besteiras, mas que eu já vi um homem existente na Terra que nessa época era meio parecido com o leão, era meio parecido com leão só que caminhava em pé como o homem, as pernas eram curtas, o corpo cumpridão, tipo leão mesmo. Agora não cortava o cabelo, ficava muito parecido.

Eu tenho muitos casos de alma, inclusive eu tenho muitos registros de casas, de às vezes de lugares que eu fui obrigada a juntar muitas e colocar ali, formar muitas coisas de alma gêmea, então eu sei que ali a felicidade é completa. Da hora que encontra, mesmo que seja duas crianças, mas se ele for duas almas gêmeas ao encontrar deles já a felicidade tá. Eu acredito que a maior parte hoje dessa inquietude de todo mundo é mais é isso. Sem saber eles sofrem aí procurando desesperadamente a sua companheira, a sua metade, sem saber. Mas elas vão voltar, vão se encontrar novamente.”

Segundo Dona Romana, toda a obra faz parte de sua missão de vida:

“Então foi como essa voz falou pra mim que eu já tinha nascido com a missão de fazer esse fundamento e que esse aqui é um fundamento espiritual para a firmeza do grande eixo da Terra e que se eu não fizesse... Deus já tinha dado licença para o homem fazer,

mandado o homem fazer, quando a Terra inclinou. Então o homem traçou ele na Terra, já tinha sido marcado aqui, ainda juntou bastante pedra mas não fez, e aí por isso a Terra inclinou e ficou inclinada. E agora que ela vai levantar, se eu não fizesse, podia ela levantar e tornar a inclinar e perdia toda a vida que tivesse na Terra. Então eu já achei a responsabilidade muito grande. Falei – mas eu não dou conta de fazer essa beleza que eu to vendo. A voz me respondeu que não tinha problema, que eles sabiam que a mão humana não dava conta, mas que eu fizesse com amor, com o coração tudo que eu visse e no lugar certinho pra não tirar nada fora do lugar. Então aí eu fui fazendo. Só que eu nunca pensei de chamar a atenção de ninguém, pensava que isso aqui simplesmente eu tava fazendo, mas não ia chamar a atenção de ninguém como tem chamado hoje”.

No livro Memórias, sonhos e reflexões, de Jung, encontramos uma afirmação de um chefe dos índios pueblos, em 1925, que também se refere à influência da ação humana interferindo no destino dos astros:

Somos um povo que habita o teto do mundo, somos os filhos de nosso Pai o Sol, e, por intermédio de nossa religião, ajudamos cotidianamente nosso pai a atravessar o céu. Não o fazemos apenas por nós, mas pelo mundo inteiro! Se cessássemos nossas práticas religiosas, dentro de dez anos o Sol não se ergueria mais. Seria noite para sempre. (JUNG, Carl Gustav. Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p.251-252)

A parte mais antiga do fundamento são os desenhos, as peças de pedra vieram posteriormente. Nas palavras de Dona Romana: *“Como todas as outras coisas que apareceu desde quando começou essa missão, foi aparecendo as peças de pedra e eu fui fazendo. Então quando tava um pouco, umas cinco ou seis, eu falei, eu pedi, acendi uma vela e entreguei e falei que eu não ia dar conta de fazer esse trabalho por ele ser um trabalho muito pesado, e outra que eu não dava conta de fazer a beleza que eu tava vendo.”*

A dificuldade de representação das visões está resumida nos dizeres de uma placa que está colocada em um dos primeiros conjuntos de peças realizado: *“Todo o trabalho é um cristal para ser lapidado”*.

Um dado que de alguma maneira consolida algumas idéias do *fundamento* a que se refere Dona Romana é a revelação do Terceiro Segredo de Fátima. Mantido oculto pelo Vaticano durante muitos anos, foi revelado recentemente. Em 1917, Nossa Senhora apareceu em Fátima, Portugal para três pastorinhos - Lúcia, Francisco e Jacinta. A Virgem fez revelações que mais tarde ficaram conhecidas como os três segredos de Fátima. A 1ª e 2ª parte do Segredo foram escritas por Lúcia no ano de 1941 e conhecidas logo a seguir. A terceira parte do Segredo foi escrita em 1944, A 3ª parte do Segredo foi escrita em 1944 numa correspondência privada para ser aberta somente pelo Papa. No dia 26 de Junho de 2000, a 3ª parte do Segredo foi finalmente publicada na íntegra pelo Vaticano. Também este segredo revelado profetiza os sete dias de escuridão, e cita o planeta higienizador, sobre o qual nos referiremos novamente mais adiante.

Muitas características encontradas no *fundamento* professado por Dona Romana de Tocantins fazem eco ao milenarismo, que se encontra vinculado à escatologia, que de acordo com o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, *“é a doutrina das coisas que devem acontecer no fim dos tempos, no fim do mundo, que trata do destino final do homem e do mundo; pode apresentar-se em discurso profético ou em contexto apocalíptico.”*

O significado originário de milenarismo não era muito abrangente. Relacionava-se a uma escatologia cristã e a uma doutrina que sempre se referiu a termos como *“os últimos tempos”*, ou *“os últimos dias”* ou *“o estado final do mundo”*; o milenarismo cristão

fundava-se na autoridade do apocalipse (XX, 4 – 6). Jesus Cristo, depois de sua segunda vinda estabeleceria na Terra o milênio, um período de mil anos de justiça, felicidade e paz, um reino messiânico onde reinaria até o juízo final.

Atualmente o termo milenarismo é adotado entre historiadores, sociólogos e antropólogos num sentido mais livre e abrangente, aplicado a tipos particulares de salvacionismo, podendo se referir a qualquer movimento de natureza política e religiosa que se caracteriza pela espera da salvação iminente e coletiva deste mundo.

Segundo Norman Cohn,

As seitas e movimentos milenaristas apresentam sempre a salvação, com as seguintes características:

- a) coletiva, na medida em que deverá ser gozada pelos fiéis enquanto coletividade;*
- b) terrena, na medida em que súbita e para breve;*
- c) total, na medida em que deverá transformar completamente a vida na Terra, de forma que o novo estado de coisas não será apenas um aperfeiçoamento do que existe, mas a própria perfeição;*
- e) miraculosa, na medida em que deverá ser realizada por ou com a ajuda de agentes sobrenaturais.* (COHN, Norman. Na senda do milênio. 1981. p.11)

A primeira antítese ao milenarismo surgiu no século III, quando Orígenes, provavelmente o teólogo mais influente entre todos os da igreja antiga, tentou desacreditar o milenarismo. Para ele, o Reino teria lugar apenas na alma dos fiéis e sem nenhuma manifestação espaço temporal. Seria a substituição de uma escatologia coletiva e milenarista por uma escatologia da alma individual. Para ele, o progresso espiritual começaria nesse mundo e terminaria no outro.

Encontramos manifestações correlatas situadas conceitual e geograficamente próximas ao universo de Dona Romana de Tocantins, no Planalto Central do Brasil, no

estudo *Milenarismos brasileiros: novas gnoses, ecletismo religioso e uma nova era de espiritualidade universal*, tese da antropóloga Glaucia Buratto Rodrigues, baseada na pesquisa de campo realizada em 1998. Lá é assinalada a existência de uma mística do planalto e citada “*a profusão de igrejas, templos, centros espirituais e doutrinários das religiões tradicionais, bem como de novas seitas.*” (MUSUMECI, Leonarda. (org.) *Antes do fim do mundo; milenarismos e messianismos no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro, 2004. p.103).

As entrevistas de sua pesquisa foram dirigidas três diferentes segmentos: o primeiro, pessoas que nada tinham a ver com os religiosos e esotéricos da região; o segundo correspondia a “*indivíduos ali chegados por acaso ou atraídos pela curiosidade ou pela beleza da região, com intenção de ficar por alguns dias e que já ali estavam já a alguns anos, pois não conseguiam mais partir.*”

Alguns afirmaram não poder partir por ter confiança de ter recebido um chamado e ter a sensação de ter uma missão a cumprir, embora esta não estivesse muito clara para si próprios. Continuamos com o relato da antropóloga: “*A terceira mostra correspondia aos indivíduos e famílias conscientemente ali chegados e estabelecidos por razões esotéricas.*”

Através deles, cientificou-se das crenças, mitos e teorias lá vigentes:

A altitude e a posição central do planalto foram apontadas como muito convenientes àqueles que esperam um novo dilúvio em futuro breve, quando a inclinação do eixo da terra será corrigida para a hipotética verticalidade original.

Encontramos aí um ponto de convergência com o fundamento de Dona Romana, que se refere também à mudança de ângulo do eixo do planeta Terra. A autora complementa:

Assim, grandes massas de águas dos rios, mares e oceanos submergirão continentes inteiros, mas o planalto, por causa de suas proteções naturais e espirituais, ficará acima das águas e será poupado. Ali sobreviverá a civilização do terceiro milênio. (MUSUMECI, 2005, p.105)

Continuando:

A confirmação da antiguidade do terreno, por estudos geofísicos, e a hipótese relativa a fusão original que unia os continentes americano e africano contribuíram muito para a imaginação outros, que afirmaram ter sido o planalto a primeira porção de terra a surgir dos oceanos e que esta constitui o berço da humanidade. (MUSUMECI, 2005, p.106)

Outros entrevistados afirmaram existir afinidades entre a região do planalto e a Atlântida de Platão. Lembramos aqui que Atlântida é muitas vezes citada no discurso de Dona Romana. Outro dado ressaltado na sua pesquisa foi a importância conferida à camada geológica de cristal de quartzo da região, que aflora da terra em certas regiões, especialmente na Chapada dos Veadeiros. Para os esotéricos,

O cristal cria um campo magnético adequado ao desenvolvimento espiritual e esotérico, por causa da frequência vibratória desse mineral, que produz um campo de força na região e favorece a purificação do corpo energético, a integração e o desenvolvimento da via mística, em sintonia com a energia do cosmo. Um tal campo de energia equivale a uma porta pluridimensional para a comunicação entre universos paralelos. (MUSUMECI, 2005, p.106)

Dizem também que essa camada de cristal é vista de cima e atrai extraterrestres, e conseqüentemente, ufólogos espiritualistas.

Nos estudos da doutora em antropologia Glaucia Rodrigues, encontramos dados sobre o Vale do Amanhecer: *“Distante cerca de 50 quilômetros de Brasília, no município de Planaltina, o Vale do amanhecer foi fundado em 1958, pela nordestina Tia Neiva (1925-1985).”* Aos 33 anos, Tia Neiva começou a ter visões e sonhos proféticos, que interromperam sua vida profana *“quando recebeu a missão de reafirmar a doutrina universal das origens, perdida no tempo.”* (MUSUMECI, 2005, p.108)

A sua doutrina espiritualista cristã, fortemente sincrética, funda-se sobre os princípios espiritualistas kardecistas, rituais afro brasileiros de Umbanda, princípios filosóficos aparentados à nova Era, além de orientação espiritual proveniente de 21 falanges, ligadas a uma antiga tradição de origem tibetana.

As crenças por lá são bem complexas e “o mito dessa doutrina conta que, a 32 mil anos, discos voadores aterrissaram sobre a terra. Dessas naves desmbarcaram homens e mulheres duas ou três vezes maiores do que nós, os quais tinham por missão preparar a Terra para as civilizações do futuro. (MUSUMECI, 2005, p.108)

Teriam permanecido 2000 anos e depois que uma catástrofe desconhecida aniquilou esta civilização, foram precedidos por outros extraterrestres que seriam muito desenvolvidos cientificamente e que “teriam sido os responsáveis pela construção das pirâmides e de todos os monumentos megalíticos com vistas a um projeto interplanetário.” (MUSUMECI, 2005, p.109)

Os integrantes do Vale do amanhecer acreditam que a corporificação do Pai Seta Branca iniciará a Nova Era com mil anos de felicidade, paz e harmonia.

A figura de Jesus Cristo ocupa um lugar central e se confunde com a do Pai Seta Branca, o grande guia espiritual do Vale. Ambos são extensões do mesmo deus universal e também Tia Neiva.

Todos são portadores de “um outro princípio teosófico da doutrina, que introduz a concepção do sétimo raio.” “O Pai Seta Branca é ainda, na maneira de entender deles, a última reencarnação de uma seqüência de santos, a qual compreende , inclusive, São João Batista e São Francisco de Assis.” (MUSUMECI , 2005, p.109)

Nesta mesma fonte de pesquisa, encontramos dados sobre a mística da Cidade Eclética, que também apresenta marcantes características milenaristas e está sediada no

planalto central. A fraternidade Eclética Espiritualista Universal formou-se em torno da figura messiânica do Mestre Yokaanam (1911-1985). O mestre era de origem nordestina e seu nome civil era Oceano de Sá. Sofreu um grave acidente aéreo, em 1944, ocasionado por uma manobra incorreta, durante uma aula de vôo ministrada por ele, então piloto. O avião caiu na baía da Guanabara. Uma bela jovem de roupa azul e cabelos muito longos teria surgido das águas para ajudá-lo a sair pela janela do avião e nadar 600 metros, mesmo acidentado. Sua carreira messiânica começou logo após sair do hospital, depois de três meses de terapia intensiva, quando uma entidade espiritual o teria visitado em sonhos e ditado sua missão.

De acordo com a pesquisa de Glaucia Rodrigues,

Em pregações públicas, o mestre Yokaanam realçava os valores da caridade e da humildade e anunciava a agonia do planeta, a urgência de preparação para uma transformação iminente e profunda da humanidade. Dessa forma, ele difundia sua doutrina espiritualista eclética cristã, preconizada por São João Batista e fundada sobre princípios espiritualistas kardecistas, rituais umbandistas e uma antiga tradição esotérica, além de uma abertura para os princípios filosóficos da Nova Era, um gosto pela astrologia, pela ufologia e pelas ciências herméticas. (MUSUMECI, 2005, p.112)

Mestre Yokaanam se apresentava na qualidade de Jesus Cristo, um enviado de Deus, um intermediário entre as entidades divinas e os homens e se atribuía a difícil tarefa de reconduzir a humanidade ao bom caminho e de orientá-la quanto aos acontecimentos futuros, para os quais ele e seus eleitos deviam se preparar.

Ele também se considerava uma reencarnação de São João Batista. Seus adeptos, os fraternários,

Partilham de fé de que o planalto é lugar de eleição, o berço da civilização do terceiro milênio. Alguns reafirmam as crenças na verticalização do eixo da Terra e que, em um futuro bastante próximo, as águas vão subir e vão chegar aos pés da Cidade Eclética. Eles partilham igualmente da profecia espírita propagada na obra de Francisco Cândido Xavier, 'Brasil, Coração do Mundo, pátria do evangelho', que fala que Jesus Cristo elegeu o Brasil com a intenção de aqui reunir 'as crianças de Deus', fundando, bem no 'coração do mundo', a pátria do evangelho. (MUSUMECI, 2005, p.113)

Contam também sobre a aproximação de um planeta, 15 vezes maior que a Terra, que absorveria todos os não eleitos. Dona Romana, bem como participantes de outras correntes místico espiritualistas, também se refere a um planeta com características semelhantes a esse, conhecido como o planeta higienizador e por outros nomes.

Segundo adeptos da Cidade Eclética, em 1947, numa sessão esotérica e mediúnicamente privada, uma *‘entidade espiritual extraterrestre’*, ligada a um *‘comando espiritual das estrelas’*, “adverteu os membros presentes sobre a iminência do fim de um ciclo na Terra, precedido de uma espera do Julgamento final, quando se realizaria a separação do joio e do trigo, antes que o bem reinasse sobre a Terra.”

Seria o planeta denominado *Bóhan*, se aproximando numa velocidade cem vezes superior á do som e seria visível no início da década de 60. Este planeta “escuro” se incorporaria silenciosamente ao nosso sistema solar e, carregado de condições geopsíquicas negativas, atuaria como uma “lixreira da Terra.” E ainda: *Em sua passagem, o Bóhan se chocaria com Plutão e grandes fragmentos do planeta destruído cairiam sobre a Terra, provocando mortes numerosas.* (MUSUMECI, 2005, p.113)

A interposição do Bóhan entre a Terra e o sol provocaria três dias de completa escuridão. O campo gravitacional da Terra, alterado, provocaria um segundo dilúvio e a morte de 70 % da humanidade. Os mortos (não eleitos) renasceriam em Bóhan que a seguir se afastaria. Apesar dos preparativos e do alvoroço dos fiéis, nada disso aconteceu na data prevista, 20 de março de 1962, que coincidiria com o começo da Nova Era. As entidades espirituais, em sessão privada, informaram que o fim dos tempos fora prorrogado para a

década de 70. Depois, para a década de 90. Os fraternários continuam aguardando transformações radicais para um futuro muito em breve, e a chegada de uma idade de Ouro: Paz, caridade, amor fraterno, uma humanidade melhor sobre a Terra.

Eles se espelham no exemplo dos essênios. De acordo com a pesquisa:

Os essênios terão constituído uma espécie de sociedade esotérica secreta na Palestina, por onde teriam passado São João Batista e o próprio Jesus Cristo. (...) Eles tinham obsessão pela pureza, levada a efeito através do batismo e de banhos rituais, estabeleciam uma formação apostólica e buscavam o isolamento. Muito caridosos, pregavam o amor fraterno e praticavam o dom em sigilo aos pobres. (MUSUMECI, 2005, p.113)

Moisés teria deixado a Arca da Sabedoria a seus cuidados, nas cavernas do desfiladeiro de Englandi, onde teria sido fundada sua academia secreta.

I. 3. O Asteróide: Visões versus Ciência

Todas essas idéias sobre o fundamento, cujo fato principal se refere à mudança do eixo da Terra, causada pela colisão de um asteróide com nosso planeta, podem estar sendo encaradas como fatos ou conceitos que nos chegam em linguagem figurada, simbólica, como pequenas e grandes fábulas, alegorias, metáforas. Ou como fruto de uma imaginação surpreendentemente fértil. Ou até, para alguns, embora esta não seja minha opinião, como loucura. Por outro lado, por que se estranharia tanto que estariam por ocorrer grandiosas e drásticas transformações em um planeta tão antigo e atualmente tão explorado e exaurido como é o planeta Terra? A arqueologia fala em 600 e 700 milhões de anos atrás. *"Restos arqueológicos datados de 1º milhões de anos na África revelam a existência de seres a caminho da humanização ou já primitivamente humanos..."* (BOFF, Leonardo. O despertar da água: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 2002. p.61).

Muitas metamorfoses radicais já ocorreram no planeta Terra nesses milhões de anos de existência. A extinção dos dinossauros, a mais falada atualmente, foi precedida por outras quatro destruições anteriores. Atualmente a humanidade, a nossa espécie de seres humanos já chega a 6,7 bilhões de indivíduo. As modificações causadas ao meio ambiente foram tantas que já chegaram a atingir de forma muito grave a biodiversidade das espécies da terra e do mar. Em médio prazo, a própria sobrevivência da população humana começa a ser ameaçada. Inclusive num dos jornais de maior circulação do mundo, o francês Le Monde, se fala sobre isso:

Um número cada vez maior de cientistas não hesita em falar de uma sexta extinção, que será provocada pelas importantes alterações introduzidas pelo ser humano na natureza e no meio ambiente. Esta nova extinção deverá se suceder às cinco precedentes, que estabeleceram o ritmo da vida na Terra. (Le Monde, Paris, França, 14/08/2008.)

Diante desse longuíssimo histórico do planeta Terra, o que se nos afigura muito tempo, pouco mais de 2000 anos, nossa civilização depois de Cristo, pode ser visto também como um tempo relativamente bem curto.

No meio científico encontramos algumas alusões a um asteróide que teria possibilidade de colisão com o planeta Terra. Mesmo estando ciente que nem tudo que se lê on-line é totalmente fidedigno, o simples fato de essa idéia ser veiculada diversas vezes, a nosso ver, justifica sua citação aqui. Selecionamos apenas reportagens veiculadas em grandes veículos da mídia. A fonte dos seguintes dados é o site da BBC de Londres:

A agência britânica responsável pelo monitoramento de asteróides potencialmente perigosos para a Terra revelou que existe a possibilidade de que um deles colida com o planeta em 2014. De acordo com o Centro de Monitoramento de Objetos próximos à Terra, astrônomos dos Estados Unidos descobriram um grande asteróide que estaria se aproximando rapidamente. Os

astrônomos já sabem até a data do possível impacto do asteróide com a Terra: 21 de março de 2014. No entanto, os cientistas acreditam que a chance de que a colisão realmente ocorra é estatisticamente pequena. Cálculos indicam de que a possibilidade é de apenas 1 para 909 mil.(...) O asteróide, chamado de 2003 QQ 47, se aproxima da Terra a uma velocidade de cerca de 32 quilômetros por segundo. Ele mediria cerca de 1 quilômetro de comprimento, o que equivale a um décimo do meteoro que, acredita-se, levou à morte dos dinossauros ao colidir com a Terra – o que teria ocorrido há 65 milhões de anos. Segundo a analista científica da BBC, Christine McGourty, teoricamente o 2003 QQ 47 poderia devastar um continente inteiro. (BBC, Londres, 03/09/2003)

Igualmente no setor de Ciência, encontramos, na Folha on line, outra alusão a um planeta que colidiria com a terra, dessa vez, a previsão seria para alguns anos mais tarde, em 2036. De acordo com dados coletados na Folha de São Paulo,

Um asteróide pode aproximar-se de maneira perigosa da Terra em 2036, disse neste sábado um grupo de astronautas, cientistas e engenheiros reunidos para um evento em San Francisco (Estados Unidos). De acordo com o grupo, a ONU (Organização das Nações Unidas) deve assumir a responsabilidade por uma missão especial para desviá-lo. O ex-astronauta Rusty Schweickart, um dos conferencistas de evento da Associação Americana de Avanço da Ciência, disse que astrônomos estão monitorando um asteróide chamado Apophis, que tem uma chance em 45 mil de atingir a Terra no dia 13 de abril de 2036. Apesar de a chance de impacto ser pequena, o Congresso mandou recentemente que a Nasa aumente suas atividades de monitoração de asteróides ao redor da Terra. ‘Isso deve revelar centenas, ou até milhares, de objetos espaciais que ameaçam o espaço no futuro próximo’, disse Schweickart. Schweickart, um dos tripulantes da Apollo 9, que orbitou a Terra em março de 1969, informou ainda que deve apresentar ao Comitê da ONU de Uso Pacífico do Espaço um documento com planos para criar regras para uma possível resposta à ameaça de um asteróide. Schweickart explicou que Associação de Exploradores Espaciais, grupo formado por ex-astronautas e ex-cosmonautas, pretende organizar seminários neste ano para elaborar o plano e fará uma proposta formal à ONU em 2009. O astronauta americano Ed Lu, veterano da Estação Espacial Internacional, disse que a maneira mais comum para lidar com um asteróide perigoso é enviar uma nave (propulsor de gravidade) que usaria a gravidade para alterar a rota do objeto. O equipamento, ao permanecer perto de um asteróide, exerce uma força que o faz desviar sua rota. Segundo Lu, com um asteróide como o Apophis, que tem 140 metros de comprimento, um propulsor mudaria seu curso em cerca de 12 dias (Folha de São Paulo, 19/11/200/2007)

Citamos essas fontes para ilustrar e fundamentar o assunto relativo à possível colisão de um asteróide com o planeta Terra, fato de grande relevância dentro do universo de Dona Romana e do fundamento ao qual ela se refere. *“O asteróide foi um trem que eu vi ele em, eu não lembro se novembro de 91 uma coisa assim, e ele vem trabalhando, trabalhando, trabalhando com esse asteróide todo tempo e falando nesse asteróide que vinha descendo, que vinha descendo, só que tava alto demais. A primeira vez que eles me mostraram ele. Eu tava aqui, tava trabalhando, Romana precisa de uma grande firmeza sua. E eu corri e vim pro pé do altar. Cheguei, deitei aí e pedi aos médiuns que tavam aí; gente vocês me ajudem a fazer essa concentração. Aí eles falaram, pode soltar da matéria e pode subir. E eu subi, aí pra cima não sei pra onde. E foi a vez que eu mais subi. Aí a Terra foi ficando pequena e eu subindo, subindo, subindo, subindo, até a Terra desapareceu e eles disseram, pode subir. E eu subi, subi, passei por vários lugares até que eu não sabia nem pra onde a Terra tava mais. (...). Mas é grande demais.”*

Embora tenhamos encontrado várias alusões ao asteróide em outras fontes, de cunho mais místico ou esotérico, demos preferência a esses textos de cunho científico e, portanto, mais verossímeis. É interessante lembrar aqui que Dona Romana afirma que da Terra serão enviados naves e artefatos com o intuito de deter e/ou destruir o asteróide do qual ela teve e que diz estar se dirigindo à Terra em uma rota de colisão. Ela diz que estes artefatos vão ficar enganchados no asteróide, mas não impedirão que ele colida com nosso planeta, mas tornarão o asteróide mais pesado, o que adiantará a sua queda em duas horas.

Se essas previsões ou profecias são conceitos simbólicos ou se realmente acontecerão, só o tempo dirá...

I. 4. O sítio da Jacuba: Misto de templo, moradia e repositório de esculturas



Entrada do Sítio da Jacuba

Relato aqui um pouco do universo de Dona Romana, que pude conhecer na pesquisa de campo que realizei durante os 18 dias que permaneci hospedada com Dona Romana no sítio da Jacuba, onde ela reside, na cidade de Natividade, próximo a saída para Dianópolis, no estado de Tocantins.

Para entrar no sítio, se adentra por um pequeno portal de pedra ganga com passagens em curvas delimitadas por muros baixos construídos com o mesmo tipo de pedra.

Deve-se sempre circular em sentido horário e já se começa a encontrar muitas esculturas. A entrada é tão estreita que minha mala teve que ser carregada, pois não havia espaço suficiente para circular sobre rodas. A chegada foi à noite, por volta de 22 horas, devido aos atrasos de conexões aéreas que enfrentei. Estavam acontecendo os *trabalhos*, que é como são chamadas lá as práticas religiosas, rituais onde os médiuns cantam, rezam e incorporam espíritos. Durante os trabalhos as pessoas cantam, giram, andam em círculos e vestem roupas especiais para a ocasião. Antes da pesquisa de campo, não tinha idéia da dimensão, da importância dos trabalhos espirituais realizados diariamente na casa de Dona Romana, mais especificamente, no Centro Bom Jesus de Nazaré, abrigado na mesma construção onde Dona Romana mora. O primeiro pernoite foi dentro da casa, num quarto de hóspedes muito simples, devido a dificuldade que seria montar a barraca à noite. A barraca foi montada no dia seguinte, num local determinado por Dona Romana, próximo a uma árvore de mirindiba e um forno de tijolos, no meio das peças. Ela me acompanhou até o lugar que escolheu e explicou que sua companhia me apresentando às peças facilitaria para não ter nenhum problema, como às vezes acontece, de pessoas ficarem grudadas nas peças de pedra, serem jogadas longe e fatos do gênero. São centenas de peças que Dona Romana registrava

num caderno à medida que iam sendo realizadas. Com o tempo, foi orientada no sentido de não haver necessidade desse registro, pois *“o que é sagrado não se conta.”* Dona Romana duvidou que eu tivesse coragem de dormir só, numa pequena barraca, fora da casa. Existem peças que são consideradas perigosas, por causarem mal estar e outras sensações não muito agradáveis para algumas pessoas. Como por exemplo, o mapa que é identificado por muitos como o triângulo das bermudas. Sobre ele Dona Romana falou: *“Então esse mapa é assim, às vezes ele tá assim cheio de mato, que agora ele tá até pouco, os mato tá pequeno, mas a hora que ele tá grande a gente tem que esperar a hora que ele aceita que a gente entre nele para arrancar os matos. Não é assim toda hora que você sai arrancando, nem todo mundo ele aceita. Tem pessoa que só chegando nessa distância aqui ela começa a sentir aquela tremura, o coração fica... Né?”* Além do parque de esculturas principal, no sítio da Jacuba há ainda outros dois terrenos murados com pedra ganga, a casa que é moradia e sede do Centro Bom Jesus de Nazaré e o galpão de armazenamento. O terreno do sítio mede cerca de 10 mil metros quadrados e é cercado por trinta casas onde moram familiares e agregados. O sítio foi um presente de casamento que seus pais receberam do senhor Sebastião Araújo.

I. 5. A Casa

A residência de Dona Romana é uma casa multiuso: moradia, templo, salão de festas, hospedaria, local de retiros espirituais e cursos, refeitório, consultório. A casa é bem dividida, e não foi construída aleatoriamente: foi feita a partir de uma planta baixa ditada pelos seus guias ou mentores espirituais. Os mentores espirituais de todo o fundamento são conhecidos apenas os *Três Curadores*, sem uma menção individual para cada um deles. Algumas vezes ouvi referências ao *“Velho”*.



Vista lateral da casa de Dona Romana

Dona Romana conta que o lugar do sítio onde foi construída a casa foi escolhido através da espiritualidade. Doze metros representam os doze apóstolos, sete portas remetem ao cabalístico número sete, e quatorze metros se referem a algo que ela não lembrou no momento, provavelmente o dobro de sete. O simbolismo do sete está presente em diversas acepções; *“Corresponde aos sete dias da semana, aos sete planetas, aos sete graus da perfeição, às sete esferas ou graus celestes, às sete pétalas da rosa, às sete cabeças da naja de Angkor, aos sete galhos da árvore cósmica e sacrificial do xamanismo, etc.”* (CHEVALIER, Jean. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro, 1982, p.826)

O número doze, considerado relevante nas medidas de construção da casa, além de se referir aos 12 apóstolos, como diz Dona Romana, também se encontra nos 12 meses do ano,

nos 12 signos do zodíaco, nos 12 frutos da árvore da vida, 12 tribos de Israel e por aí vai: “O número 12 é de uma grande riqueza na simbologia cristã. A combinação do quatro do mundo espacial e do três do tempo sagrado medindo a criação-recriação, dá o número doze, que é o do mundo acabado.” E também: “A mulher vestida com o Sol (Apocalipse, 12-2) tinha sobre a cabeça uma coroa de 12 estrelas. Quanto aos fiéis dos fins dos tempos, são 144.000, 12.000 de cada uma das tribos de Israel (Apocalipse, 7, 4-8; 14-1).” (CHEVALIER , 1982, p.349)



Com poucos móveis, apenas os essenciais, no salão principal há uma grande mesa com dois bancos compridos e mais outro banco encostado a parede. Há sete portas que desembocam no salão principal e que representam os sete talentos. A partir da parede da direita, há uma porta para o quarto de hóspedes, onde há duas camas e uma prateleira construída em alvenaria que toma toda a parede lateral esquerda. Nessa prateleira os

hóspedes e os residentes na casa guardam suas roupas e pouquíssimos pertences. A seguir vemos a porta do Arquivo, onde são guardadas todas as cartolinas. São mais de mil desenhos sobre este tipo de suporte. Nesta sala, o Arquivo, são guardados também muitos cadernos com desenhos e textos, além dos livros didáticos e outros tipos de publicações recebidos com doação. Alguns presentes que Dona Romana ganha são dispostos na parede conforme orientação dos guias. Velas, instrumentos musicais que são utilizados uma vez por ano na Folia de Reis e todas as publicações em jornal, vídeo e revistas que Dona Romana possui sobre seu trabalho também estão na sala do Arquivo. A próxima porta é de comunicação com a salinha de entrada, onde são realizados os trabalhos mediúnicos. Na parede contígua a esta, há a porta para salinha do altar dos três curadores e logo a seguir, para o quarto de Dona Romana. As próximas portas na quarta parede são as que dão acesso ao pátio e logo após, a cozinha e a despensa.



Salão principal

Todos os cômodos possuem fechaduras com grandes chaves de ferro, herança do pai de Dona Romana, que era ferreiro. A casa está sempre cheia de visitantes, hóspedes, médiuns residentes, afilhados, parentes, filhos de criação, amigos, pessoas em busca de cura, estudiosos e curiosos. Há um fluxo de pessoas considerável, com pessoas dormindo no quarto de hóspedes, em redes na volta da casa e algumas vezes em esteiras no chão. Várias pessoas moram com ela e as pessoas funcionam como uma equipe, em uma organização natural. São servidas três refeições diárias, café da manhã, almoço e janta, tudo em grandes panelas e sempre para mais de quinze que são compartilhadas com todas as pessoas que estiverem presentes. São seis ou mais homens e rapazes que são médiuns e moram lá, médiuns que pernoitam após os trabalhos mediúnicos, por morar longe, pessoas que vem visitar e passam hospedados alguns dias, médiuns que necessitam permanecer um determinado tempo a fim de participar dos trabalhos, pessoas que vem para pedir ajuda , alguma criança que esteja sendo criada na casa., temporária ou permanentemente. Perguntada sobre quantas crianças criou ou ajudou a criar, Dona Romana diz que nem lembra direito, perdeu a conta. As refeições nunca são para menos de 15 pessoas, preparadas no forno a lenha e a comida sempre é dividida de maneira que é suficiente para todos. Os víveres, tudo fruto de doações, ficam guardados em uma dispensa que fica trancada. Algumas pessoas que ficam hospedadas trazem alimentos como contribuição e outros não, conforme a vontade ou disponibilidade de cada um. O fogão é de lenha, há também um a gás, raramente utilizado. Não há geladeira na casa e nem se usa eletricidade. Há instalação elétrica para lâmpadas que são acesas apenas uma vez por ano, por ocasião da festa do Divino Espírito Santo.

À noite é aceso apenas um lampião a gás. A eletricidade não pode estar em funcionamento, não é permitido pelos guias, pois a grande hora, o advento do asteróide que

colidirá com o planeta, pode ocorrer a qualquer momento, e nessa ocasião o fluxo de energia na casa e nas esculturas seria muito forte e danificaria toda a energia elétrica da região, devido a uma explosão causada pelos fortes fluxos de energia do lugar. Dona Romana diz que gostaria de instalar placas de energia solar, que não interfeririam na energia elétrica local. Ela explica que depois da transformação a casa não será mais usada como moradia. Ela não sabe com precisão qual será a futura utilização.

I. 6. As Pinturas

As pinturas são murais. Na parede frontal da casa, à esquerda da porta de entrada, há uma figura de Jesus Cristo, de braços abertos, como que a receber todos que chegam. À direita vê-se uma pintura de Nossa Senhora envolta em seu manto.

A salinha de entrada, contígua a duas salinhas onde ficam os altares do Centro Bom Jesus de Nazaré, está repleta de pinturas nas paredes. São figuras de Cristo, madonas, peixes e outros seres marinhos, símbolos e algarismos não identificados, pombas do espírito santo e outros pássaros. À direita, com comunicação com a primeira sala com altar, há pinturas de São João Batista menino, Cosme e Damião, a pomba do Divino. Na segunda salinha, contígua a esta, encontra-se na parede pinturas da sereia do mar, de Iemanjá, pombas, corações e outras.

No salão principal da casa também encontramos pinturas em todas as paredes. Há três mulheres dispostas frontalmente e uma Pietá, onde Maria, Mãe de Jesus, tem ao colo um Jesus Cristo muito ensangüentado. Próximo a eles está a representação da figura de um boi.



Pinturas no Centro Bom Jesus de Nazaré

Na parede seguinte há um Cristo na Cruz, envolto em sangue gotejante. Ao pé da cruz, três mulheres com véus. Nem todas as pinturas foram feitas por Dona Romana, e essa foi realizada a quatro mãos. Dona Romana conta que teve essa visão de Cristo e como estava meio adoentada pediu a um médium que morava lá na época, que fizesse a pintura, descreveu a pintura em detalhes, inclusive o sangue que brotava dos póros de Jesus. O médium preferiu pintar uma imagem mais limpa, alegando que ficaria feio. Na manhã seguinte Dona Romana sentia dores lancinantes e soube que elas só passariam se a pintura fosse corrigida, sendo fiel cópia de sua visão. Então preparou a tinta, subiu em uma escada ou andaime e completou a pintura com o gotejamento de sangue que faltara, o que resultou em total alívio das dores que sentira, que foram acalmando a medida que ia pintando, até desaparecerem totalmente.



Pintura mural no salão principal da casa

No quarto de Dona Romana há pinturas nas três paredes disponíveis, a quarta é ocupada com um armário roupeiro de alvenaria. Ela explica que nada pode ser colocado na casa sem autorização dos guias e que tudo tem uma função, nada que chega na casa é por

acaso. Algumas coisas que ela ganha deve passar para outras pessoas e isso funciona como uma proteção para a pessoa. Conta que um casal de médiuns insistiu em doar um armário de madeira para que colocasse em seu quarto, mas que o armário não ficou muito tempo lá, pois apareceu a visão de uma mulher e ela teve que pintá-la e deixá-la à vista e não encoberta pelo armário em questão.



Três Curadores, parede do quarto de Dona Romana

O antropólogo Simon Schwartzmann contribui com seu ponto de vista sobre a função e maneira de perceber esse tipo de pintura. Em suas palavras:

A pintura sagrada, religiosa, é uma das tantas formas de levar às pessoas um conhecimento específico de algo que está distante, ou seja, a verdade religiosa e divina. (...) A mensagem religiosa não busca transmitir um conhecimento específico, factual, e sim estimular, em cada pessoa, um contato íntimo e pessoal com uma experiência própria e irredutível. A pintura religiosa, as igrejas, as procissões, os

rituais, os lugares sagrados as aparições dos santos e dos anjos, todas essas manifestações são “representações” de experiências que se multiplicam e se reproduzem infinitamente, cada vez de uma outra forma, cada qual com seu próprio conteúdo. É o mensageiro, mais do que a mensagem, que importa: os anjos e os profetas valem pelo que são, muito mais do que pelo que dizem, e se expressam em uma linguagem cifrada que cabe a cada um entender e interpretar e que não corresponde a nenhuma realidade concreta que se pretenda comunicar. (SHWARTZMAN, Simon. A Redescoberta da Cultura. São Paulo. 1997.)

I. 7. AS PEÇAS: cimento, arame, pedras

Iniciado há dezoito anos, o trabalho de construção das peças, que é como são chamadas as esculturas, continua. Os motivos das peças são bastante variados. Podem ser divididas em três categorias principais, que são as peças de arame, as peças só de pedras e as de cimento e pedra. Atualmente a técnica mais utilizada é o cimento com pedras. Durante o período de 18 dias em que fiquei na Jacuba, hospedada com Dona Romana, foram consumidos oito sacos de cimento, adquiridos com os poucos recursos financeiros de que ela dispõe, dependendo de doações que não pede. Uma das primeiras peças realizadas, “a montanha”, está sendo restaurada e modificada. É uma cabana circular, com teto atualmente de telhas, antigamente de palha. Abriga várias peças figurativas de cimento, algumas soltas, encostadas no murinho e que faziam parte das paredes do altar da casa antes de ser reformada pelo ex governador do estado de Tocantins, Marcelo Miranda. Quando a casa, de pau a pique, foi reestruturada com alvenaria, algumas peças em cimento foram retiradas das paredes e agregadas a esse conjunto de peças. Nesse espaço, durante minha estada e pesquisa de campo no Sítio da Jacuba, Dona Romana esteve trabalhando simultaneamente em duas peças: Senhora Santana e Santa Isabel. As duas figuras femininas estão assentadas em tronos

e os detalhes, como a coroa, vão sendo construídos aos poucos, às vezes é necessário aguardar a secagem e firmeza do cimento para então continuar.



Senhora Santana, escultura em processo



Levantando uma peça do solo

O cimento é usado para elaborar figuras, juntar pedras que sustentam as peças figurativas e para realizar restaurações em muros ou peças quebradas. São geralmente modeladas no chão, como chapas de cimento com cerca de cinco centímetros de espessura. Após alguns dias de secagem, são levantadas do chão, colocadas na vertical e fixadas ao solo, utilizando montículos de pedra ganga e cimento para sustentação. Percebe-se que a artista foi desenvolvendo uma técnica que foi condicionando as formas, as formas foram encontrando a técnica mais adequada para sua expressão e hoje existem soluções formais com características bem desenvolvidas e peculiares. As figuras são de seres humanos, anjos solitários ou em duplas e grupos, peixes, animais semelhantes a dinossauros e outros não identificáveis, cruzes, corações e inúmeros outros formatos. Há também uma infinidade de pássaros, alguns como a pomba do espírito santo, um divino dos negros, águias e outros tipos

de voadores. Aparece muitas vezes a figura de um pássaro que tem a extremidade do bico curvada para cima. Dona Romana explica que este pássaro é possuidor de um bico mole e flexível, parecido com bico do peru. Vê-se muitas figuras femininas e masculinas coroadas, guardiões, peças que tem receptáculos para água, como fontes. A maior parte das vezes as peças “pedem” garrafas de vidro com água, que são colocadas próximo a elas. Nem sempre a visão das esculturas é motivo apenas para deleite estético dos visitantes. Para algumas pessoas, a visão das peças causa medo e outros problemas e todos que residem no sítio contam casos de pessoas que passaram mal ou ficaram magnéticamente presas nas pedras. Dona Romana explica: *“Eu tenho que acompanhar porque a energia delas é muito forte e eu não conheço quem as pessoas que elas vão estranhar e nem conheço qual a pessoa que não vai agüentar a energia delas. Então tem várias pessoas que chega, tem delas que elas estranham logo lá na porta, ela não deixa entrar nem no portão, a pessoa volta correndo, chorando, agoniada e vão embora pra lá. E já têm outras que entram aqui dentro e começa a andar e começa a passar mal, elas não aceitam eles andar aqui dentro. Tem outras que chega e fica andando, você sabe que as pessoas são, nós somos muito curiosos, então chega e pega numa delas, pega e ela segura elas. Só que a peça de pedra ela é mais de jogar longe, a pedra joga a pessoa lá, e cai como morto. Aí eu tenho que ir lá ver o que eu tenho que fazer pra ele, pra poder ele acordar.”*

Algumas vezes o susto termina por resultar em fatos positivos e a pessoa passa por um processo curativo, como descreve a seguir: *“Nesse consultório aqui (mostra uma pequena construção de cimento e pedra onde é possível entrar e sentar num dos dois assentos, também construídos de pedra) já foi, foi grudar, um jornalista mesmo, chegou e entrou aí, eu fui entrando atrás e ele – Dona Romana se a senhora tem alguma coisa pra fazer, faça porque*

eu estou grudado aqui. Eu falei – uai, sai daí meu filho. Ele disse – mas como? Só a língua mexia, nem a cabeça, nem as mãos, nem nada, quieto. Aí que eu fui, olhei o que eu podia fazer, aí eu fiz um salmo, eles mandaram eu pegar uma água e despejar nele. E depois que ele saiu, ele ficou muito assim, tremendo muito eu dei uma sacudida nele, tirei ele de lá. Depois que passou tudo ele disse – engraçado, eu entrei aqui sentindo tão mal, tantas dores que eu tava sentindo. Só que com essa grudada que eu grudei aqui, todas as dores saíram. Ele disse que não estava doendo mais nada.”

A exemplo desta casinha onde se pode adentrar, chamada consultório do coração, há outras casas menores, de tamanhos variados, e um grupo de casinhas, construídas junto ao muro do fundo do pátio principal, representando uma cidade que, segundo Dona Romana, existe no fundo do mar. Há muitas construções de templos, que são como maquetes ou cópias de edificações que existem ou existiram em diversos quadrantes do planeta. Há peças que são réplicas rudimentares de monumentos. Vê-se também diversos mapas, com seus territórios delimitados por pedrinhas no chão, no mais das vezes, numerados, com os numerais também formados por pedrinhas. Os mapas estão entre as primeiras peças realizadas e alguns não se encontram totalmente perfeitos, algumas pedras foram saindo do lugar quando da limpeza para retirar a vegetação que nasce entre elas, ou por pessoas que pisam inadvertidamente nas beiradas dessas peças. Todas, ou quase todas as religiões e correntes esotéricas tem sua representação entre as peças. Desde o mundo cristão, com muitas madonas, cruzes, igrejas, santos, a pomba do divino espírito santo, passando por uma corrente budista através de flores de lótus brotando, entreabertas e totalmente abertas. Encontramos também construções de cunho maia, inca, egípcio, indígena, extraterrestre e intraterrestre. Segundo Dona Romana, todas as peças terão sua vida própria na hora certa, só que qual vida será essa ela não sabe.

“A missão dessas peças é, ao levantar do grande eixo da Terra, então elas se ligam e cada uma terá a sua vida normal. Cada uma peça dessa terá a sua vida normal. Então, depois do levantar do grande eixo, hoje elas tem necessidade de mim, pra cuidar delas, pra limpar, e depois elas não vai precisar nem de mim nem de ninguém. Então, as pessoas é que vão necessitar delas.”



Esculturas de Dona Romana

A respeito de doar vida a pedras, encontrei a seguinte citação bíblica em espanhol, conservada no idioma original, pois as traduções e diferentes edições da bíblia vão modificando algumas nuances do que é escrito: *"Os daré corazón nuevo, y pondré espíritu*

nuevo dentro de vosotros; y quitaré de vuestra carne el corazón de piedra, y os daré un corazón de carne.” Ezequiel 36:26

Diante da estranheza e dúvidas que surgem, Dona Romana explica: *“Pra Deus, nada é impossível.”* Compara a construção de suas peças com o mistério das pirâmides do Egito: *“Eu acho que aquilo ali mesmo que ele foi construído pelo homem, aquelas pirâmides, é igual a um trabalho desse. É um trabalho que foi feito por ordem. Mesmo que ele foi feito pequenininho, mas depois a hora que chegou um certo momento que a Terra deu um vai e vem e deu uma ligada nele e ele tomou um tamanho gigantesco daquele.”* Dona Romana explica que tudo que construiu passará por transformações e será modificado, terá uma aparência diferente e uma vida própria. *“É igual a isso aqui, que eles falam que isso aqui é tão grande, tão grande ... ninguém pode imaginar o tamanho que vai ser isso aqui. Eles vai ter a vida normal deles, agora, que vida normal é essa, ninguém sabe.”*

James Frazer, no Livro o Ramo Dourado, analisa os princípios do pensamento nos quais se baseia a magia e conclui que são dois os princípios da magia; o primeiro, Lei da similaridade e o segundo Lei do contato ou contágio: *“(...) Primeiro, que o semelhante produz o semelhante, ou que um efeito se assemelha à sua causa; e, segundo, que as coisas que estiveram em contato continuam a agir umas sobre as outras, mesmo á distância, depois de findo o contato físico.”*

Da Lei da similaridade, *“O mago deduz a possibilidade de produzir qualquer efeito desejado simplesmente imitando-o”*. Da Lei do contato ou contágio, o mago deduz *“que todos os atos que se pratica sobre um objeto material afetarão igualmente a pessoa com a qual o objeto esteve em contato, quer constitua ele parte de seu corpo, quer não.”* A Lei da

similaridade pode ser chamada de Magia Homeopática ou Imitativa, e a Lei do contato ou contágio pode ser chamada de Magia contagiosa. Ao meu ver, todo o processo é semelhante, por analogia, à abóbora que se transforma em carruagem na estória da Bela Adormecida. Como nos contos de fada, por algum tipo de magia, coisas pequenas e simples se transformam em outras grandiosas e elaboradas. A psicanalista Marie Louise Von Frantz, importante colaboradora de Carl Gustav Jung, fundador Psicologia Analítica, estudou com profundidade os contos de fada. Para ela “*os contos de fada refletem a estrutura psicológica elementar do homem muito mais do que os mitos e as produções literárias*” (VON FRANTZ, Marie-Louise. A sombra e o mal nos contos de fada. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p.21)

Para Roberto da Mata,

“*Os ritos e mitos seriam modos de responder às necessidades básicas e primárias, essas necessidades que determinam uma resposta humana e forçam o grupo na direção de uma invenção da cultura. É o rito que abre as portas á esperança de viver num mundo de paz e concórdia.*” (Bisilliat, Sondagem da alma do povo, p.100)

Voltaremos mais adiante a nos referir a esses temas, a saber, mitologia e magia que se vale da arte em seu processo.

Dona Romana criou uma tecnologia própria, elegeu a matéria prima mais adequada para possibilitar a produção em três dimensões daquilo que ela vê, visões que não se ausentam enquanto não forem realizadas no mundo visível e material. Como disse o artista Paul Klee, “*A arte não reproduz o visível, mas torna visível*” (In CHIPP, Herschel B. Teorias da Arte Moderna, 1993, p.183).



Pássaro: figura recorrente na iconografia de Dona Romana de Tocantins

A artista doa forma ao impalpável, interagindo com o ambiente natural onde vive, de acordo com seu modo particular de ser, criando sua obra plástica ímpar e recebendo poucas informações externas. As peças são o meio através do qual ela expressa um pouco da

magnitude de suas visões. A técnica usada para as esculturas em cimento e pedra não é tradicional, ou aprendida com alguém, mas inventada e desenvolvida por si própria. Algumas peças grandes são construídas em partes separadas que são costuradas com arame que depois é recoberto com uma fina camada de cimento. Dois ou três dias depois, quando secas, são erguidas e instaladas no exato local indicado pelos guias. A Grande maioria das peças são apoiadas por trás por pedras ganga empilhadas e unidas com cimento. Dona Romana explica o uso da pedra ganga: *“Era a que tinha aqui em quantidade. Então fazer um tanto de trabalho desse com outra pedra com o tanto de pedra desse aqui não tinha nem condições. E aonde que eu ia achar um tanto de pedra desses, se aqui não tinha, tinha a canga e era o que mostravam, já era a canga. As que não estavam aqui no lugar, ela foi trazida de carroça, na cabeça, nos braços, no saco, então de todo jeito veio. Essas pedras grandes que vocês tão vendo aí, essas foi trazidas no varão. Amarrava as cordas nelas, um homem ficava atrás outro na frente e aí iam trocando até chegar.”* (depoimento colhido por Tito Nogueira, decupagem de filme). A pedra ganga tem características singulares: relativamente leve, parece um amálgama que agrega partes de vários tipos de minerais. Feita de diversos tipos de fragmentos diferentes, parece que vem bem a calhar para transformar-se em todo tipo de coisas bastante distintas umas das outras.

Muitas figuras do imaginário, da obra propriamente dita de Dona Romana estão inseridas em um universo mitológico: heróis, deuses, guardiães, animais sagrados. As almas gêmeas são um tema recorrente e importante de seu discurso:

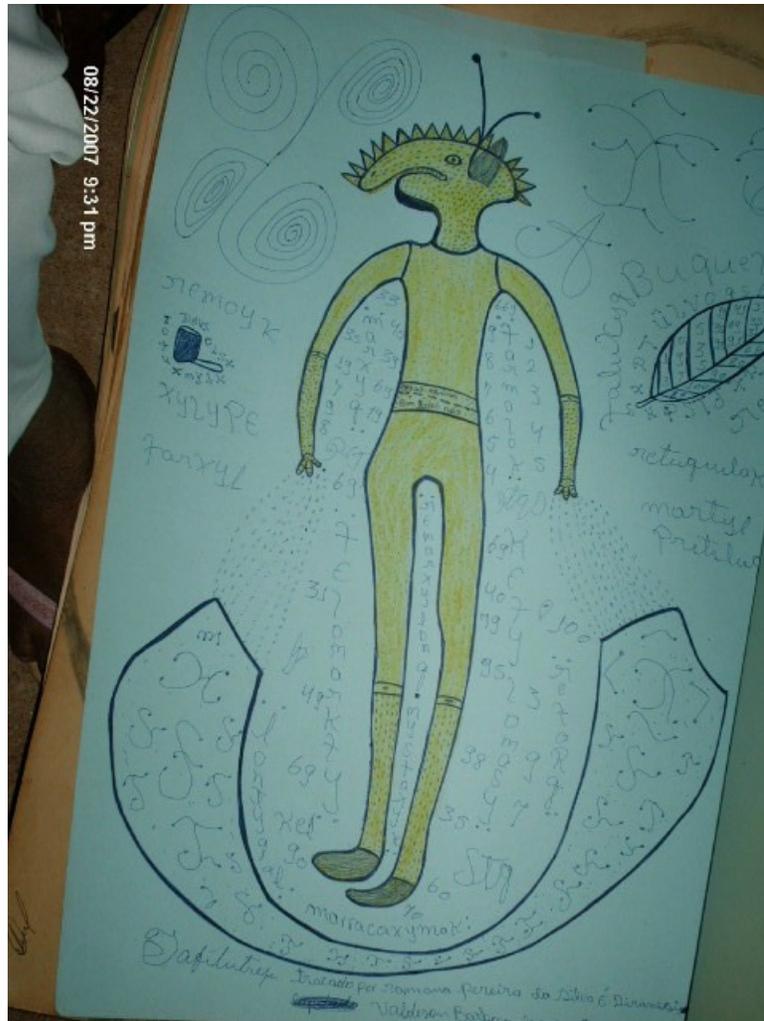
No livro *Mitologia na vida moderna*, no capítulo dedicado a temas mitológicos na literatura e artes criativas, Joseph Campbell relata o mito das almas gêmeas, como relatado por Aristófanes, *“no começo éramos muito diferentes do que somos hoje.”*

Em primeiro lugar, a raça humana era dividida em três; ou seja, além dos dois sexos – masculino e feminino – que temos atualmente, havia um terceiro que compartilhava da natureza de ambos... E em segundo, cada um desses seres tinha uma forma globular, com costas e lados arredondados, quatro braços e quatro pernas e duas faces, ambas iguais, sobre um pescoço cilíndrico, e uma cabeça, com uma face de um lado e uma outra do outro, e quatro orelhas, e duas porções de genitálias e todas as outras partes com seus equivalentes. Eles andavam eretos, como fazemos, para trás ou para frente, conforme desejassem, mas, quando se punham a correr, eles simplesmente firmavam as pernas bem esticadas e giravam e giravam como um palhaço dando cambalhotas.

Campbell continua a narrativa:

Os homens descendiam do sol, as mulheres da terra, os hermafroditas da lua; e sua força e energia eram tanta que eles tentaram – como Aristófanes contou – “escalar as alturas do céu e se sobrepor aos deuses”. Em consequência do que, Zeus, percebendo como eram poderosos e arrogantes, fatiou cada um ao meio, “como se poderia fatiar um ovo”. Continuando: “mas então, quando o trabalho de bissecção estava findo, cada metade ficou sentindo um anseio desesperado pela outra, e correram a se encontrar e lançaram seus braços em torno dos pescoços uma da outra, e não queriam mais nada a não ser rolares unidas. Por isso Zeus, percebendo que o trabalho do mundo nunca seria realizado dessa forma, e que, além do mais todos esses seres imobilizados morreriam em breve de fome, espalhou a humanidade pelo mundo, de modo que cada um de nós, até hoje, nasce separado de sua outra metade. Mas os amantes, ao encontrarem uns aos outros, não desejam mais nada a não ser permanecerem unidos novamente.” E então vocês vêem, cavalheiros,” concluiu Aristófanes, dirigindo-se aos ali reunidos, “a que ponto longínquo do passado o nosso amor inato uns pelos outros remonta.” (CAMPBELL, Joseph. Mitologia na vida moderna. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos tempos, 2002, P.247-248)

É curioso observar que Dona Romana descreve vários tipos de povos e seres extra e intra terrestres. A descrição desse ser, dos primórdios da raça humana descrito por Aristófanes, de quatro membros superiores e quatro inferiores e duas faces me fez lembrar de um ser descrito por ela, que conta ter conhecido criaturas de formato cônico ou piramidal, que tem três lados, três faces, três pernas, três braços. Esse ser para se locomover, não precisa virar de costas, ou girar sobre o próprio corpo, basta mudar de direção.



Desenho de extraterrestre em cartolina

Segundo ela, “Os ET mais estranhos que tem é na nossa própria Terra, como os ET que vivem na parte do grande eixo na parte seca. São os mais estranhos que têm. Porque eles têm 3 lados, ele é um triângulo, aqui ele tem um rosto, de cá ele tem outro, de cá ele tem outro. Ele tem três braços, ele tem três pernas. Ele fala sem parar. Agora já da parte do grande eixo que é na parte de água já são enormes, muito grandes e tranqüilos, bem calmo.”

Dona Romana descreve também o tipo físico de alguns outros E.T's: *“Em Agales de Hangar, eles são muito parecidos com nós, o rosto, só o rosto. Mas já o corpo é diferente e é transparente. Então os ET eu conheço muitos, muitos tipos deles que são transparentes. Então se ele passa aqui, você pode olhar ele de cá e passar alguma coisa de cá você vê ele... é transparente.”*

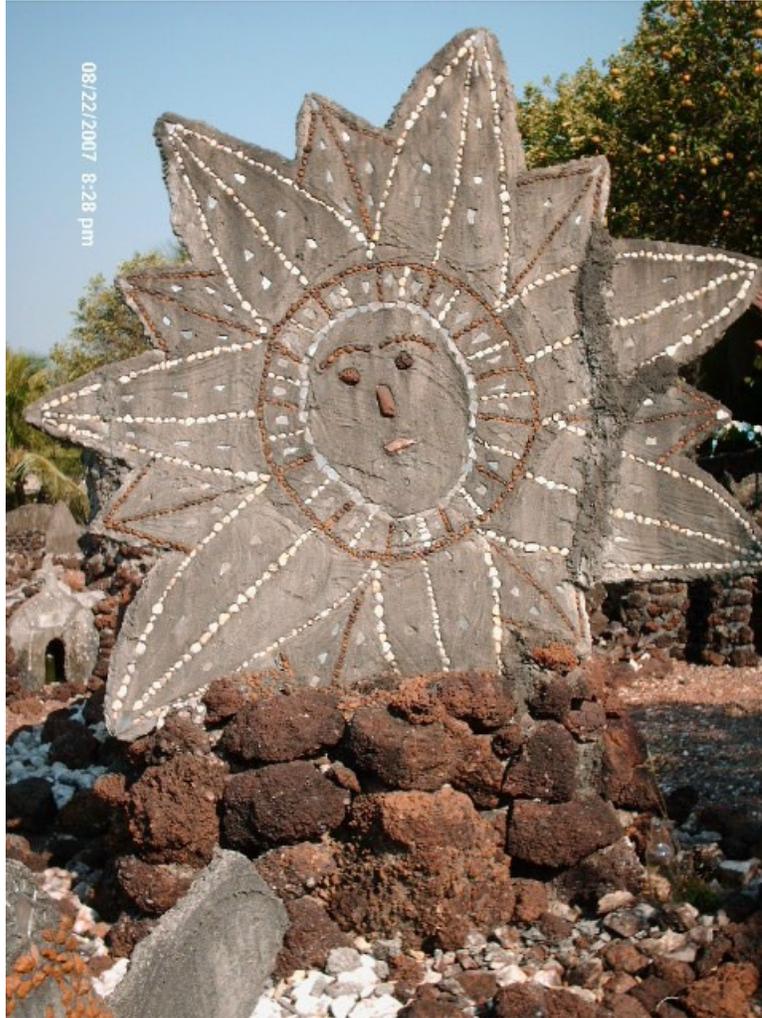
“Netunos é o povo que adora a Terra. Eles querem saber de tudo da Terra e querem dar de tudo que eles puderem de bom pra Terra. Mas eu nunca, nenhum deles, que eu estudo com eles, em nenhum deles eu nunca dei acima do joelho. Eles são enormes, mas muito delicados, o povo de Netuno é muito delicado.”

Um grupo significativo de esculturas é dedicado ao sol Há uma figura humana que representa o rei do sol e se vê várias outras representações solares espalhadas pelo acervo ao ar livre. Inclusive o Grande Sol Central, citado nas mais recentes cosmogonias místico-esotéricas, sob os auspícios dos Mestres da Grande Fraternidade Branca. A presença do sol na mitologia sempre teve destaque, por todo o mundo antigo. O tema mítico do Deus Sol é muito recorrente e importante em muitas civilizações, como a asteca, egípcia e a grega. Segundo Comelin,

Os gregos o adoravam e em seu nome juravam inteira fidelidade às suas promessas. Em uma montanha perto de Corinto, havia muitos altares consagrados ao sol. Entre os egípcios, o Sol era a imagem mesma da divindade. Uma cidade inteira lhe era consagrada, Heliópolis (COMELIN.P. Nova Mitologia Grega e Romana, 1983, p. 86.)



Contíguos ao terreno principal, onde fica a moradia e a maior parte das peças, há mais dois terrenos murados onde os muros são mais altos e formados por pedras maiores. Esses terrenos ainda estão quase vazios, as esculturas lá são poucas e feitas com pedras maiores, todas com denominações precedidas pela palavra *grande*: o grande computador, a grande baleia, o grande cisne, o grande dragão, o grande sol central, a grande antena vibratória e outras. Há uma gruta transfiguradora com as figuras de Jesus, Moisés e Daniel. Dona Romana explicou que há algumas peças que não falam nada e não sabe o que são. Mostrou um portal que é aquático, disse que ele flutuava quando foi feito, que as pessoas que viam de fora diziam que ele ia cair, parecia estar boiando. Essa parte do terreno é pouco visitada e têm muita vegetação, ao contrário do terreno principal, capinado todos os dias.



Peça representando o sol

I. 8. As Antenas: Parte significativa do acervo



As antenas estão muito presentes no conjunto da obra escultórica de Dona Romana. São muitos tipos de antenas captadoras de energia; antenas vibratórias, distribuidoras, infiltradoras, antena mestra. A antena principal, responsável pela luz de todas as outras, chama-se antena *Xiesquelougaster*. Há também antenas interligadas umas com as outras,

antenas que ligam poços de energia, antenas que ligam peças umas com as outras. Algumas são de pequeno porte, medindo por volta de um metro e há também as com mais de cinco metros de altura. São construídas de diferentes formas e materiais, desde um mastro de madeira ou pedra até torres cônicas construídas com pedras empilhadas. Há também as antenas construídas com arame, formando desenhos intrincados de espirais e outros formatos.

Conta-se de pessoas que tocaram em algumas antenas e foram arremessadas longe. Dona Romana explica que não se sabe exatamente a que hora que passa por elas o fluxo de energia e que as que contêm espirais, ela sentia espiralando na própria garganta e que essa sensação não cessava até que fossem construídas. Muitas destas peças causam desconforto físico na artista até estarem realizadas.

O artista plástico Mauricio Bentes (1958–2004), um dos primeiros pesquisadores a revelar o universo de Dona Romana, se refere às esculturas como “extra-sensoriais” e chama a atenção para a *"extrema virtualidade espacial das peças de arame"* (in FROTA, Lélia Coelho. Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro, século X.X. Rio de Janeiro: 2005, p. 389). Algumas delas, segundo a artista, funcionarão como difusores e transmissores de comunicações planetárias. Tratar sobre esculturas captadoras de energia nos que traz um dado que, se não é totalmente novo em termos de arte popular, é no mínimo, raro.



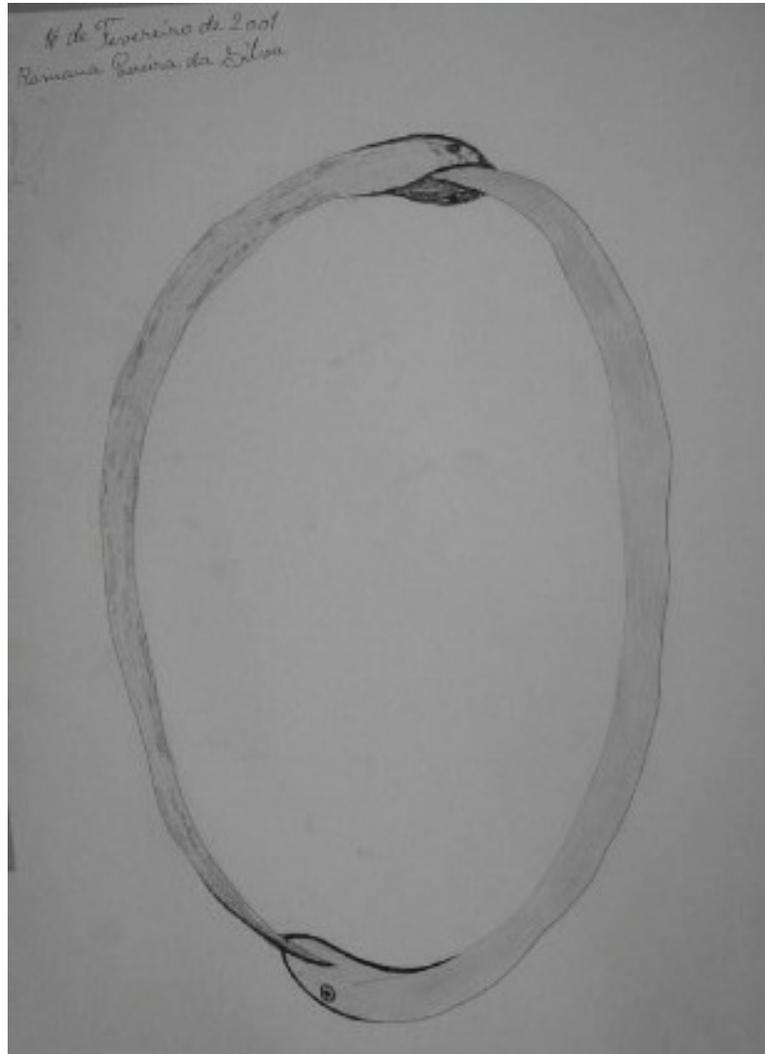
Antena de pedra

I. 9. O Arquivo: as cartolinas e os cadernos



O Arquivo é a sala onde são guardados todos os registros escritos, fotográficos e jornalísticos sobre Dona Romana e sua obra. Lá também está armazenada a biblioteca, composta de livros recebidos como doação e também estão dispostos na parede objetos escolhidos pelos guias, entre os que os visitantes ofertam. Na sala do Arquivo, estão guardados os cadernos e as centenas de cartolinas com registros de lugares que Dona Romana visitou, materiais referentes a cursos realizados em outros planetas, desenhos de animais diferentes dos que conhecemos, desenhos de prédios, plantas baixas de hospitais, aldeias e outros núcleos arquitetônicos. Encontramos muitas representações do asteróide que vai colidir com o planeta Terra, o sol, a lua e outros sóis e luas, seres extraterrestres, imagens de santos e outra entidades, textos escritos em idiomas desconhecidos, semelhantes a hieróglifos e à escrita egípcia, com muitos elementos figurativos como cruces, planetas, imagens de cataclismos, formas abstratas geométricas ou orgânicas, mapas energéticos de pontos específicos e seus respectivos *grampeamentos*. Os grampeamentos, como sugere a denominação, seriam pontos que grampeiam, prendem, seguram, mantêm os mapas ou plantas baixas de construções visíveis e/ou invisíveis. Dona Romana contou que o primeiro desenho que fez representava uma árvore da vida e mostrou desenhos de mapas de diferentes tipos. Um de Ouro Preto, com o desenho da frente e dos fundos de um prédio. Perguntada se esse prédio é invisível ao olho humano, ela responde que é real, tangível, está lá no mundo material. Há também vários desenhos de prédios existentes em Fortaleza. Esses prédios já foram reconhecidos por pessoas que os conhecem por ter visto quando lá estiveram. Dona Romana nunca viajou fisicamente nem para Ouro Preto e nem para Fortaleza. A iconografia presente nas cartolinas é muito rica e variada, tive acesso a uma pequena parte e nesta foi possível encontrar algumas analogias com imagens da milenar ciência mágica da cabala e da

alquimia, como o uroborus, serpente representada circularmente que principia a devorar a própria cauda.

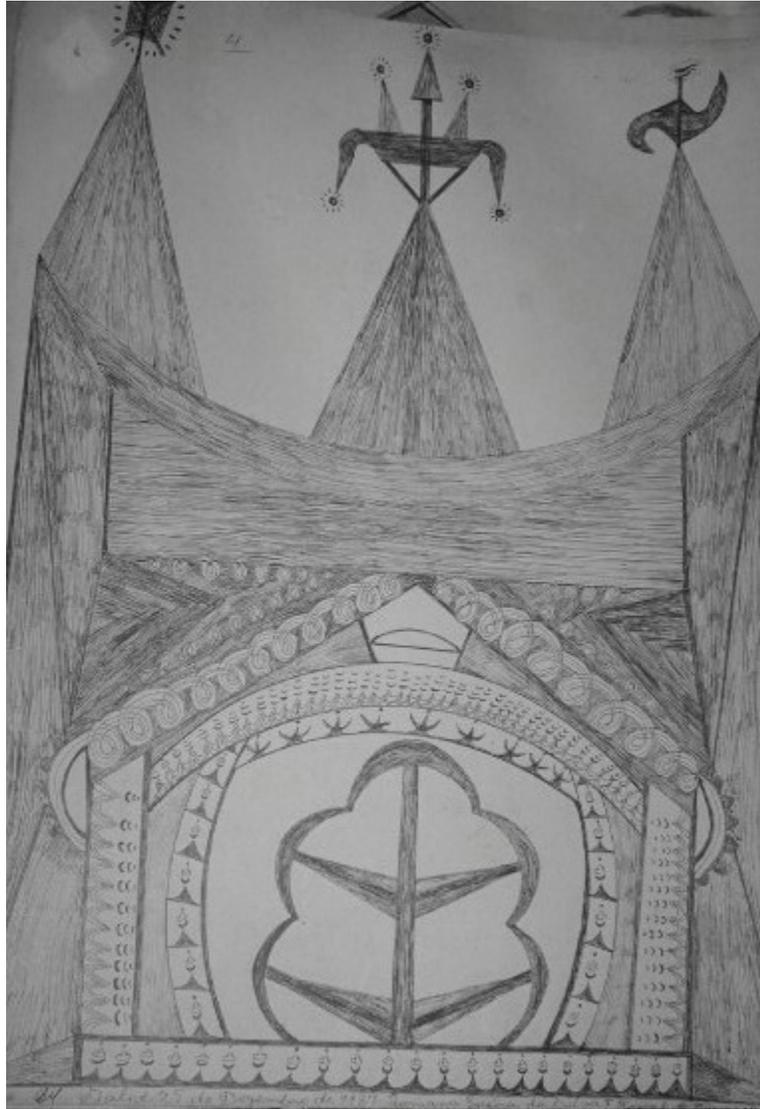


Há muitas plantas baixas de locais com hospitais, refeitórios, áreas de moradia, aprendizado, convivência, lazer, estruturas que remetem as descrições de locais presentes em livros espíritas da linha Kardecista com o *Nosso Lar*, psicografado pelo espírito André Luiz, que relata o cotidiano de uma colônia espiritual para desencarnados localizada próxima a crosta terrestre. Não é nossa intenção entrar no mérito religioso da questão, mas apenas registrar a semelhança do fato. Comentando sobre mapas, Dona Romana explicou que é

muito comum existirem mapas ou plantas baixas sobrepostos. Acompanhei Dona Romana até a capital do estado de Tocantins, Palmas e lá estranhei o fato da cidade, planejada em formato circular, ser tão grande e espaçosa, o que obriga a percorrer grandes distâncias entre os diferentes núcleos da cidade, inclusive áreas com pouquíssimas construções ou baixíssima densidade demográfica. Ela diz que sob a cidade de Palmas existe um outro mapa muito antigo, invisível a nossos olhos e que de alguma forma esse novo mapa foi construído em concordância com aquele, que terá relevância num futuro de transformações.

Nada pode ser retirado do Arquivo e de todo material audiovisual ou escrito a partir da obra de Dona Romana deve ser enviada uma cópia para lá. Dona Romana relata como foi malfadada a tentativa de levar um material para ser exibido na cidade de Goiânia. *“As pessoas que falou pra mim tirar, e eu falei que o que eu já passei na minha vida com isso aqui, então eu não queria experimentar de novo. Porque a primeira vez que saiu peça, eu não tava nem morando aqui, foi as cartolinas, como você já viu lá o tanto de cartolinas. Mandaram eu pegar e levar pra Goiânia. E eu fui e levei umas três cartolinas. Não é que ao sair daqui, logo aqui perto o pneu furou logo debaixo de nós. Aí também não teve dano nenhum. Aí quando chega mais na frente o ônibus tombou do lado nosso e muita gente dentro ônibus, só que não machucou ninguém, ninguém, nem as criancinhas que estavam as mães com as criancinhas no colo sentado em cima do motor do ônibus, também não machucou. Tombou a ponto que nós saímos pelo vidro, ele deitado nós saímos no vidro do ônibus, não teve dano nenhum. Então eu não quis experimentar. E mesmo, pra mim eu não tenho... eu acredito, pela missão que eu tenho eu não acho que eu deva entrar nessas coisas de fazer uma exposição. O que tiver de ser mostrado para o mundo, então ele será mostrado espontaneamente não por mim, pelas pessoas que vem como qualquer uma, como vocês.*

Então será mostrado não por eu querer mostrar, eu acho que isso não é pra mim, pra mim era fazer. Agora, se é pra ser mostrado, vem vocês e mostram.”



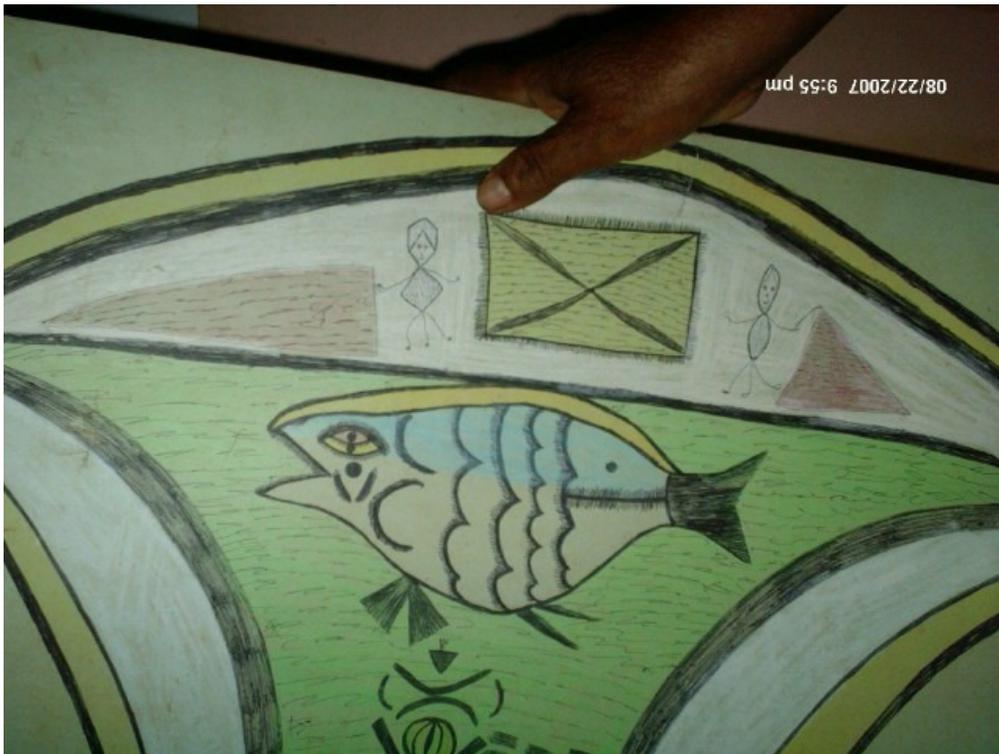
Desenho em cartolina

Mesmo que se quisesse adotar uma metodologia pré determinada, não é assim que as coisas acontecem no Sítio da Jacuba, cidade de Natividade, no sertão de Tocantins, conduzido pela líder espiritual, vidente, benzedeira e escultora Romana Pereira da Silva.

Como já foi dito antes, tudo o que acontece na moradia e no Centro Bom Jesus de Nazaré é planejado sob a orientação dos Três Curadores, os guias espirituais que determinam tudo lá. Nada acontece sem permissão destas entidades que orientam desde o que se come até o vestuário de Dona Romana, que só veste roupas de cor branca há muitos anos e conta que houve época em que só era permitido o uso de túnicas, o que causava alguma estranheza aos circunstantes quando de suas idas a cidade ou quaisquer outros lugares fora do sítio. Os fatos, documentos, as informações também só podem ser relatadas com a anuência dos guias e na hora por eles determinada. Nada lá é feito por acaso, sem preceito. Dona Romana me chama para mostrar dois cadernos. Me aproximo com a câmera fotográfica, mas ela diz que não há nada para ser fotografado. Obedientemente, guardo a câmera, sentamos e ela começa a me mostrar. A princípio são registros de estudos que ocorreram durante duas semanas, conta que as pessoas sentavam-se à mesa grande do salão e ela ou outra médium, Zulmira, recebiam as mensagens. O curso foi ela e "os meninos" que é como chama os médiuns que estejam residindo na casa e/ou desenvolvendo a mediunidade com ela no momento, receberam. As datas são finais dos anos oitenta e início dos noventa. São assuntos muito elaborados, algumas páginas escritas em línguas desconhecidas. Dona Romana explica que a terra é um organismo vivo como nós, cheio de veias.

Há nomes de pontos, linhas e eixos do planeta Terra. Desenhos de instrumentos musicais e registros de pergaminhos que estão guardados no fundo do mar e que só serão encontrados pela mão humana na hora certa. Mapas e desenhos de cada ponto da casa, esquemas que representam a energia dos portões de entrada da casa, representações de mapas que estão embaixo da construção, um mapa dentro de outro, o visível e o invisível se entrelaçando. Existem também desenhos que representam as *grampeações*. Elementos que

unem ou seguram essas energias. São desenhos intrincados, orgânicos, geométricos ou abstratos, com divisões preenchidas com pequenos círculos ou espirais, pontinhos, linhas tracejadas e inúmeros outros grafismos. São muitos assuntos diferentes nos cadernos, nomes difíceis de ler, desenhos numerados. Também há provas ou exames a que foram submetidos os cursistas. Alguns desenhos dos cadernos são feitos por outras pessoas e não por Dona Romana. Há diversas referências às cidades de Shamballa e Atlântida, bastante mencionadas nos meios esotéricos. E há também referências a outras cidades das quais muito dificilmente alguém já ouviu falar.



Desenho de Romana Pereira da Silva



Desenhos de Dona Romana



I. 10. As consultas: medicina popular

Diariamente Dona Romana recebe pessoas em busca de cura e conselho para seus males físicos, mentais, materiais e espirituais. Seria o que é denominado de medicina popular. Devido à relevância do tema, todo um capítulo é dedicado a este tema no livro sobre o Museu do Folclore do Rio De Janeiro:

Na medicina popular distinguem-se duas divisões: medicina mágico-religiosa ligada ao sobrenatural, atribuindo a este o aparecimento e acura das enfermidades; medicina empírico-científica, em que a origem das doenças e respectivas curas se devem a agentes naturais. Entre ambas, como elo de ligação, figuram os remédios à base de substâncias de origem vegetal, animal e mineral. É quando atuam os benzedores ou pais-de-santo, rezando e recorrendo a entidades superiores para a solução de males físicos, assim como curandeiros ou raizeiros que, como aqueles, indicam banhos, defumações, chás, cozimentos e garrafadas. (BISILLIAT, MAUREEN. Museu de folclore Edison Carneiro: Sondagem da alma do povo. São Paulo: Empresa das Artes. 2005, p.24)

Durante minha estada e pesquisa de campo no sítio da Jacuba, em Tocantins, pude observar como Dona Romana prepara as garrafadas, instruída pelos guias, compostas por uma pequena parte da cachaça, água e raízes e ervas curativas. Também indica banhos de ervas ou outros tipos de vegetais, além de rezar, benzer e acender velas para as pessoas.

O trabalho com ervas, raízes e garrafadas iniciou em 1977. Ela conta como tudo começou, recordando o primeiro atendimento que prestou: *“Quando comecei a fazer os chazinhos, porque começou por chá, mandavam eu fazer os chás: Romana você vai em tal lugar, ali tem um pau, mostrava o pauzinho; inclusive uma vez, eles falaram assim: Romana você vai ali no buraco (onde eu tinha tirado barro pra barrear a casa), você vai lá e pega um pezinho de manga, aí mostrou o pezinho de manga desse tamaninho, você pega aquele pé*

de manga e rapa as raízes dele e faz um chá. Aí levantei na hora que o dia amanheceu, ta lá o pezinho de manga, num tempo desse nem manga num tem. Toda vida eu gostei de duvidar, eu ia fazer tudo, mas duvidava. Aí quando eu cheguei lá tava o pézinho de manga do mesmo jeitinho que eles tinham mostrado. Peguei o pé de manga, olhei a raiz, só aquele trisquinho. Aí rapei só aquele trisquinho de rapa, botei num copinho, botei água quente em cima e guardei. Pra quê meu Deus? Fui fazer o café. Quando eu tô terminando de fazer o café tô vendo a mulher: ai, ai ,ai, que eu saio na porta é ela e o marido dela com ela na garupa. Eu falei, o que é? Ela disse, é uma dor no braço, essa noite não deixei ninguém dormir de dor nesse braço, eu tô pra morrer. E eu disse: porque que não foi pro médico? Aí o marido dela diz, olha eu ia passando com ela, pra levar lá no médico depois trazer pra cá, que ela queria vir pra cá, mas ela disse que se eu passasse ela pulava da bicicleta, então se era de caçar uma coisa eu vim logo. O que é que eu? E a mulher gritando, levantava o braço, segurava e gritava. Aí eu entrei lá dentro pequei uma rede e armei, doidinha sem saber o que fazer. Aí um (guia) falou assim: Ué e o chá? Que eram as raizinhas. Ce num tá vendo que tá morrendo de dor assim com um chazinho velho desse? Fui lá apanhei o chá, dei pra ela tomar e sentei encostado na rede dela e fui passando no lugar que ela disse que tava doendo. E ela foi quietando garrou num sono de 7 horas. Acordou 2 horas da tarde tranqüila, não tinha mais nada, tava aliviada. E tem acontecido várias coisas assim.”

Dona Romana mantém, numa rústica estante que fica na saleta onde está o altar dos *Três curadores*, pequenas quantidades das principais ervas e raízes que são normalmente utilizadas para as garrafadas. Afirma que não sabe muita coisa sobre as propriedades de cada vegetal, mas que não precisa se preocupar com isso, pois “*as ervas aparecem numeradas e separadas para cada pessoa*”. Só o que ela tem a fazer é macerar ou cortar os fitoterápicos,

misturar a garrafada e instruir a pessoa sobre a quantidade de colheradas diárias, o modo de usar e se há alguma restrição alimentar durante o tratamento. Ela explica: *“Depende de ordem que eu receber pra qualquer pessoa. Às vezes chega uma pessoa pedindo ajuda e ela precisa das folhas, já outro precisa da raiz. Então isso vai de cada pessoa. Essas garrafadas têm feito mistério, tem tirado muitas pessoas de dentro da cova, muitas, muitas. Pessoas que chegam aqui desenganadas pelos médicos, tem ajudado. A gente faz o que pode, aí às vezes eles levam, começam a beber começam a se sentir bem, aí já eles começam a criar aquela fézinha. Às vezes, vem e voltam já vem pegar mais e com isso vão se curando. Eu acredito que tem ajudado muita gente porque eles voltam. Às vezes vem aqui tá ruim, depois toma, carrega mas logo depois vem pegar mais, até ficar bom.”*

Segundo ela, a garrafada não pode tocar o chão diretamente, pois nesse caso perde totalmente o efeito. Sobre as garrafadas, ela explica: *“É a medicina com ervas, com raízes de pau. As pessoas se preocupam em saber nome de raiz, nome disso, daquilo, eu não me preocupo com nada. A minha preocupação era ir no mato, tirar as raízes, chegava lá eles iam me mostrando – você pega, você pega aquela, você pega aquela. Então não preciso me preocupar com o nome da raiz. Aí eu ponho aí na cuia. Ali eu vou cortando as raízes pra botar na garrafada. Mas a hora que eu vou lá, já está numerada cada raiz que é pra tirar pras pessoas. Cada garrafada que eu vou começar, já eu vou certo naquele número que está ali. Então já pego aquele número e já tiro o pedacinho, boto esse lá e já está numerado o outro. Então eu não me preocupo com nada, não me preocupo. Não me preocupo nem de saber pra que, porque, não. Eu deixo as coisas seguir como elas são.”*

Eva Rizzo de Oliveira considera que o fato de uma pessoa ser benzedeira deflagra o confronto popular versus erudito, como veremos adiante:

O ofício da benzeção sintetiza um dos momentos concretos e possíveis em que aparece o confronto popular/erudito, onde a benzedeira antagoniza o seu conhecimento ao dos médicos e dos padres. (...) é um dos momentos em que a benzedeiras se faz existir enquanto um sujeito concreto. Alguém que realiza alguma coisa própria, um trabalho, numa relação com pessoas. Mesmo que não acreditem que alguém pobre e analfabeto, na maioria das vezes, traga alguma contribuição para se pensar a questão das doenças e aflições.

Esse ofício se coloca como um conjunto de saber fazer específico, constituindo ele mesmo, simultaneamente, um ofício transformador que se constrói e se recria permanentemente, mesmo á revelia do saber erudito. “É o modo como a benzedeira e seus clientes percebem, representam e participam da cultura popular.” (OLIVEIRA, Eva Rizzo de. O que é benzeção.1985, p.74.)

Mais adiante, esta autora acrescenta:

Ainda que o seu saber não seja crítico e questionador, o fato de a benzedeira oferecer para a população uma outra alternativa de cura que não a massakra, porque é mais próxima de suas vidas, já traz em si o espaço de resistência à dominação de classe, o espaço de resistência à cultura erudita. (OLIVEIRA, 1985, p.76)

Esse fator de resistência a uma dominação vigente nos remete a um outro texto, de autoria de Michel de Certeau, no livro *A invenção do cotidiano*. Nele não encontramos uma especificidade tão grande, ele não se refere ao ofício de artista ou de benzedeira, principais atribuições de Dona Romana. Certeau nos alerta para a condição de consumidores ou usuários a que todos nós, cidadãos, fomos colocados, indistintamente. Pelo seu estudo, somos todos dominados pelo consumismo, as relações de poder se estabelecem de acordo com a capacidade de adquirir bens de consumo, inclusive os que não se necessita. Poderíamos, grosso modo, dizer que em parte de sua pesquisa ele discorre sobre o que popularmente chamamos de jeitinho, o popular “jeitinho brasileiro.” Ele se refere a algumas estratégias que os comuns dos mortais fazem uso para sobreviver e sobrepujar a dominação, fala das manobras que se armam por parte dos que seriam os dominados, no sentido de subverter os dominadores; as astúcias, os pequenos e grandes golpes, as invenções, as saídas pela

tangente. Discorre também sobre “*as operações dos usuários, supostamente entregues à passividade e a disciplina.*” (CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes do Fazer. 1998. p.37). Mas por trás dessa suposição, dessa impressão que as pessoas estão passivas e disciplinadas, se escondem suas pequenas ações, estratégias “guerrilheiras”, os *modos de fazer*, os esquemas para burlar o sistema e sobreviver sem consentir com todas as manipulações e tentativas estratégicas de dominação. Seu trabalho tem por objetivo

explicitar as combinatórias de operações que compõem também (sem ser exclusivamente) uma ‘cultura’ e exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis). O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada. (CERTEAU, 1998, p.38)

Seu estudo “*se refere a modos de operação ou esquemas de ação cujos modelos remontam talvez astúcias multimilenares dos peixes disfarçados ou dos insetos camuflados, e que, em todo o caso, é ocultada por uma racionalidade hoje dominante no Ocidente.* (CERTEAU, 1998. p.38) Ele também se reporta a um fator que tem sido foco de investigações há bastante tempo, que é desvendar a causa do insucesso, por parte dos colonizadores espanhóis, nas tentativas de subjugar as etnias indígenas:

Submetidos e mesmo consentindo na dominação, muitas vezes esses indígenas faziam das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. Os indígenas subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir. (CERTEAU, 1998, p.39)

Esses indígenas, não tendo outra alternativa, assimilavam exteriormente os preceitos da ordem dominante, mas o uso que davam a eles, seu modo de usar, de consumir a ordem dominante com finalidades diferentes da origem era o que lhes conferia um certo

poder silenciosamente subversivo. O autor compara esse procedimento com as inventividades do fazer do povo:

Em grau menor, um equívoco semelhante se insinua em nossas sociedades com o uso que os meios “populares” fazem das culturas difundidas e impostas pelas “elites” produtoras de linguagem. A presença de uma representação (ensinada como o código da promoção sócio econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização. (CERTEAU, 1998, p.40)

Em suas colocações, conclui que o produto final, o jeito de ser e fazer alternativo do povo é algo como uma releitura, uma colagem ou pastiche, uma bricolagem: “*Supõe-se que á maneira dos povos indígenas os usuários, ‘façam uma bricolagem’ com e na economia cultural dominante, usando seus interesses próprios e suas próprias regras.*” (CERTEAU, 1998, p.40). São as astúcias, as engenhosidades de formiguinha “*do fraco para tirar partido do forte*”: uma forma de defesa, de encontrar uma saída.

Em nosso entender não é difícil encontrar paralelo com a investigação desse autor nos domínios, no cotidiano, na inventividade de Dona Romana de Tocantins.

I. 11. O GALPÃO: armazenamento para o futuro

Além de erguer esculturas e antenas captadoras de energia, Dona Romana armazena em um galpão em seu sítio, entre outras coisas, muitas garrafas com água, “*pois o precioso líquido vai acabar*” e sacos de diferentes tipos de sementes, pois “*o verde também vai desaparecer*”. Segundo ela, a região onde está localizado seu sítio faz parte do lugar no

firmamento, por onde passa o eixo central da Terra e lá será uma espécie de refúgio quando acontecer o grande desastre. Essa é a razão do armazenamento de suprimentos, que serão distribuídos para todos quando chegar a *grande hora*.



Armazenamento de roupas

A localização do galpão, construído em alvenaria, foi determinada pelos guias como todas as outras construções no sítio na Jacuba. Consta de um salão de entrada e duas salas. Dentro do salão de entrada foi construído um muro circular de pedra ganga, que contém uma infinidade de objetos, cuidadosamente dispostos no chão ou encostados no muro. Aproximadamente metade do círculo está cheio de meios de transporte e a outra metade tem animais de louça e outros materiais, objetos que as pessoas trazem como presentes e que são organizados dessa forma sob a orientação dos guias, os *Três Curadores*. São meios de transporte de todos os tipos, carrinhos e caminhões de plástico e de madeira de buriti,

aviõezinhos de plástico e isopor, ônibus e naves de arame. Dispostas ao longo do murinho circular estão muitos tipos de lanças de madeira, com ponteiros diferentes umas das outras, algumas esculpidas no sítio e outras provenientes de índio, presenteadas por visitantes. Há vasos de flores artificiais, adereços de cabeça feitos de arame e contas, peças de porcelana figurando cachorros, pássaros de louça, pássaros esculpidos em cerâmica, madeira, metal, um preto-velho, conchas e muitos tipos de pequenos objetos. As paredes e o portal das portas onde são estocados as sementes e grãos são pintados com representações de entidades, escrita semelhante a hieróglifos, pombas e santos. Em volta das portas há uma barra pintada com uma escrita desconhecida. Dona Romana diz que esse tipo de escrita é o mesmo que viu quando esteve em Atlântida, numa viagem fora de seu corpo físico. É uma escrita semelhante à hieroglífica. De acordo com o livro *Povos Primitivos: A vida dos primeiros grupos sociais humanos, desde a Idade da Pedra até seu desenvolvimento nas Américas*, estudiosos afirmam que a forma mais antiga de escrita conhecida é a cuneiforme, que consiste em sinais feitos com estilete numa tábua de ferro úmido. Uma das peças arqueológicas mais antiga que se tem notícia é uma tábua de contas da Mesopotâmia, de 3.400 a. C. Outras escritas que guardam alguma semelhança com esta encontrada na obra de Dona Romana são a escrita maia e a egípcia. A escrita pictográfica maia não se parece com nenhuma outra forma conhecida de escrita e sua tradução foi um desafio para gerações de estudiosos. Em 1880, foram traduzidos os primeiros sinais e inicialmente pensava-se que era usada só para registro do calendário e cálculos de astronomia. Depois de 1960, descobriu-se que alguns hieróglifos maias relatavam histórias de reis e seus feitos. A escrita egípcia, onde as palavras são representadas por símbolos, foi desenvolvida por volta do ano 3.000 a.C. Era dividida em três

tipos básicos: o hieróglifo, escrita oficial, das inscrições; a escrita religiosa, escrita com tinta em papiros; e a escrita demótica, mais simples ou popular, utilizada no dia-a-dia.



Galpão de armazenamento de água, sementes e roupas

Numa das duas salas do galpão são guardadas sementes de alimentos, grãos, água, ervas, garrafadas e alguns utensílios para serem distribuídos depois da grande hora. As sementes são estocadas em grandes tonéis de plástico ou metal, e conservadas entre cinzas. Houve época em que essas sementes, algumas estocadas a muitos anos, exalaram mau cheiro. Esse problema acabou depois que Dona Romana foi instruída pelos guias para colocar um pouco de areia no chão, do lado esquerdo da sala. O cheiro desapareceu, mas se a areia não

for recolocada depois de alguma vez em que a sala é limpa e varrida, o mau cheiro retorna. Em outra sala, contígua a esta, estão armazenadas garrafas com água e os sacos de roupas e calçados. Esse galpão originalmente seria construído de forma bem rudimentar, de pau a pique. A obra em alvenaria foi construída pelos auspícios do governo do estado de Tocantins, depois que o então governador do estado, Marcelo Miranda, disponibilizou recursos e pessoal capacitado, engenheiros e arquitetos, que realizaram o projeto de acordo com as necessidades relatadas por Romana. Esse governador, durante sua gestão, também construiu os banheiros comuns externos e mais recentemente patrocinou também uma importante cirurgia coronária de Dona Romana.

Voltando ao tema Atlântida, sobre o qual nos referimos ao descrever os símbolos pintados nas portas do galpão de armazenamento, vejamos algumas palavras de Dona Romana sobre o assunto: *“As maiores energias da Terra sai tudo de lá. Porque no tabernáculo de Atlântida é onde está o olho de Deus na Terra. Então dele sai os dez tipos de energias. Então a gente teve que buscar pra poder saber. Por isso em cada um dos nossos corpos são dez tipos de energia e cada vez nós temos uma. Tem a ligação muito forte da Atlântida com o Triângulo das Bermudas, o espigão oeste brasileiro que todo mundo considera está descoberto e não está. E a cidade é subterrânea, então de uma pra outra elas tem uma ligação muito forte. No espigão oeste, é onde está guardado um grande celeiro de coisas de comer e de estudos que vai ser descoberto só depois da grande hora, pra que possa ser distribuído ao mundo. Depois de tudo, Atlântida, o espigão oeste, a cidade subterrânea que tá com um grande tesouro guardado, tem coisa demais, tá tudo aqui. Os maná, os maná que vai ter pra distribuir pras pessoas até que a Terra se afirme pra que tenha pão pra cada um. Todos os países tem o seu maná, mas como o Brasil não tem nenhum.”*



Portas de entrada e objetos dispostos no chão da ante sala do galpão



I. 12. A cidade de Natividade

O trabalho de Dona Romana se encontra no município de Natividade, também conhecida por sua arquitetura com quase 280 anos e referência histórica para o estado de Tocantins. A grande maioria dos impressos sobre a cidade inclui fotos e informações sobre Dona Romana, sua obra e seu sítio, considerado ponto de visitação importante pelas autoridades locais. Segundo os folders de divulgação turística produzidos pela prefeitura e pelo governo de Tocantins, Natividade é a cidade mais antiga do estado. Fundada em 1734, como o pequeno arraial de Nossa Senhora da Natividade, foi erguida em pleno ciclo do ouro, no Brasil Colônia. Naquela época, seu período áureo, a cidade que hoje tem menos de 10.000 habitantes, chegou a ter quarenta mil escravos vindos da África, trabalhando na extração do ouro, nos séculos XVII e XVIII.

Inicialmente foi encontrado ouro no cimo da serra, mas mais tarde a prospecção foi mudada para a encosta, onde se situa a cidade de Natividade. Nativos contam que ainda nos anos setenta as pessoas saíam nas ruas depois da chuva para catar pequenas pepitas que desciam junto com as águas das montanhas. A produção de ouro entrou em decadência após um breve apogeu. A estagnação da economia do ouro deixou a cidade na penúria e no esquecimento. Apesar disso, naquele tempo foram construídas três igrejas: a de Nossa Senhora do Rosário, a de São Benedito e a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Localizada na região sudeste, distante 218 km da capital de Tocantins, Palmas, a cidade de Natividade é conhecida até os dias de hoje pela ourivesaria. Por seu valor histórico, foi tombada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e escolhida pelo programa e conservação de patrimônio histórico Documenta, do Ministério da Cultura.,

que tem como meta a recuperação e revitalização do núcleo urbano através de reformas e restaurações imóveis. Um dos monumentos mais importantes da cidade é a Ruína da Igreja Nossa Senhora dos Pretos.

CAPÍTULO II: Considerações sobre Arte Popular e outras categorias de Arte.

O historiador Herbert Read aponta para denominadores comuns a todas as artes, desde a pré-história:

Se recordarmos todas as manifestações históricas das artes visuais, encontraremos entre elas um ou mais denominadores comuns. Naturalmente, se definirmos vagamente as artes visuais como algo que, sendo visto, dá prazer, então, no esforço que fizermos para achar algo em comum entre a cor de uma rosa e o Partenon ficaremos reduzidos a fatores fisiológicos no sistema nervoso, Contudo, a arte no sentido restrito começa, por definição, pela passagem do vago ao contorno (...) verificamos que, historicamente. A primeira arte, a arte do habitante das cavernas, começa pelo contorno. A arte principia pelo desejo de delinear e assim também começa na criança. A delineação continua a ser um dos elementos mais essenciais nas artes visuais, mesmo na escultura, que não é apenas massa e sim massa com contorno. (READ, Herbert, O sentido da Arte, 1976, p.28)

II. 1. Arte e Cultura Popular

Vista como manifestação cultural significativa, de caráter estético, a inserção da escultura e pintura popular no circuito oficial de arte é conseqüência do crescente interesse de intelectuais e artistas por esses produtos da imaginação e do trabalho do povo. Tem suas raízes no Movimento Modernista de 1922 e no Movimento Regionalista de Recife, iniciado em 1923, tendo sido consolidado com a primeira Exposição de Cerâmica Popular Pernambucana, organizada por Augusto Rodrigues e apresentada por Joaquim Cardoso, em 1947.

No Brasil, uma das perspectivas teóricas que marcam o desenvolvimento da crítica de arte, na primeira metade do século XX, esteve diretamente ligada aos processos de modernização social e de afirmação das culturas nacionais. Entre os anos 1920 e 1945, importante foi a contribuição do crítico, escritor, poeta e musicólogo brasileiro Mário de

Andrade, uma das principais presenças do Movimento Modernista e um dos seus mais importantes teóricos. O projeto modernista brasileiro configurou-se na busca de um caráter nacional. Para Mário de Andrade, a discussão da arte, enquanto criação é o campo ideal para localizar os intentos que promovem a “construção de um projeto nacional de cultura”. Três são os elementos fundamentais, segundo ele, para chegar-se a este projeto nacional: a liberdade de pesquisa, o desenvolvimento da consciência artística nacional e a atualização da informação sobre arte.

Atualmente, admite-se como parte integrante do mundo da arte popular brasileira uma rica gama de produções, incluindo-se, nesse conjunto, obras que remetem a experiências altamente subjetivas e carregadas de simbolismo.

Mas a arte popular brasileira ainda está longe de ter seu valor reconhecido como deveria, ainda recebem avaliações bem diferenciadas a arte do povo e arte dita culta. De acordo com Lélia Coelho Frota:

A categoria “arte”, como especulação elevada, singulariza alguns indivíduos como protótipos do original e do raro, incorpora-se ao conceito de uma elite cultivada, popular é assimilada ao conceito do anonimato, da “superstição” e da rusticidade de massas analfabetas e pobres.

Embora ao longo dos séculos tenha havido uma certa transfusão entre o que se convencionou chamar de “erudit” e “popular”, em meio a resistências e dominações, reinvenções e repetições, o fato é que o universo do fazer e da vida de inúmeras culturas, exteriores ao conceito de elite cultivada, permanece ainda desconhecido, como acontece por exemplo no Brasil.” (FROTA, Lélia Coelho. Visões do Sagrado na arte popular brasileira: XI retratos de um Brasil de fim de século. Rio de Janeiro: Agir, 1994, p.88)

Para a historiadora brasileira Marta Dantas, o segredo da arte naïf estaria justamente na distância entre o objetivo almejado pelo artista e a sua falta de técnica acadêmica para

concretizá-lo. Ele não continua uma tradição nem rompe com uma, pois, simplesmente, não a estudou e não se preocupa com as normas impostas pelas academias e críticos de arte. Seu objetivo é representar uma imagem ou pensamento sem levar em conta qualquer tipo de barreira conceitual ou técnica. (apud D'AMBROSIO, Oscar. 1999.)

Para Argan, “*se cada qual pode se conduzir de maneira artística, portanto criativa, para romper com o círculo das regras sociais, ser artista já não significa exercer uma profissão que requer certa experiência técnica, mas ser ou tornar-se livre*” (p. 358).

Na História da Arte Moderna não é muito novo, mas quase centenário, o interesse dos artistas ditos cultos por uma maior interação com a arte produzida de forma mais primitiva, mais ligada às raízes. No primeiro mundo, em vários países europeus, entre eles a França e a Alemanha, vale lembrar a importância que a descoberta da arte negra, notadamente a escultura, representou para grandes expoentes da arte moderna, configurando-se como poderoso catalisador criativo. Entusiasmado, inspirando e influenciando artistas como Pablo Picasso, Henri Matisse e outros pertencentes aos movimentos Expressionismo, Cubismo e Fauvismo, foram utilizados como referência diversos artefatos de origem africana. Máscaras, cerâmicas ou tecidos populares configuraram-se como elementos de vital importância formal transformando a arte da primeira década do século XX. Na mesma época, outro exemplo é o pintor Paul Gauguin, que exilando-se voluntariamente buscou no Taiti uma vida mais próxima ao primitivo, no dizer de Argan, “*em busca de uma civilização em que a criação artística não fosse anacrônica nem incongruente,*” para que sua arte não ficasse “deturpada” pelo progresso reinante. (ARGAN, 1995, p.234)

Atualmente, é indubitável a crescente importância e a conquista de maiores graus de visibilidade alcançada pela arte popular no meio acadêmico e no circuito oficial da arte,

como uma manifestação cultural rica e criativa, e que muitas vezes influencia o trabalho de artistas visuais renomados. Por outro lado existe também, por parte de alguns, preconceito e paternalismo, julgamento de que trata-se de uma arte menor.

Sobre a questão do popular, Frota esclarece:

A designação polissêmica de popular indica aqueles saberes dos extratos da população de baixa renda que mantém uma rede de relações viva em seus territórios vizinhos, no campo ou na cidade, com maior grau de individualismo a medida que se adensa a presença do urbano FROTA, Lélia Coelho, Artesania: tradición y modernidad em um país em transformación. Artesanias de America, Artesanias del Brasil . Cuenca, n.46 – 47, p. 25 – 60, ago. 1995. p. 26)

Esta autora considera que quando publicou “Mitopoética de 9 artistas brasileiros” em 1975,

Foi feita uma primeira tentativa no sentido de dar o máximo de espaço e respiração ao discurso e á visão de mundo dos artistas das classes populares ali representados. Pintores e escultores segundo nossas categorias, a artistas ‘primitivos’, segundo a nomenclatura vigente na história da arte, esses criadores nunca haviam recebido um tratamento crítico nem editorial á altura dos recebidos por seus iguais na norma culta. A maioria deles tem em comum a origem rural e uma história de migração para a cidade grande. O que interessa mais, sem dúvida, é a alta invenção plástica que todos imprimem a seu trabalho, que responde inclusive aos conceitos de originalidade e portanto de novidade exigidos pelo público em arte e museus. (FROTA, 1995, P.28)

De acordo com as palavras de Jacques Van de Beuque (1922-2000) criador da Casa do Pontal, Museu de Arte Popular Brasileira,

A definição de “arte popular” já foi objeto de incontáveis debates e controvérsias, uma vez que essas duas palavras, “arte” e “popular”, ao se juntarem, paradoxalmente se ampliam e se restringem. Nenhuma separação conveniente foi também estabelecida entre “arte popular” e “artesanato” e “arte popular” e “arte erudita”. (AGULLAR, Néelson, organizador. Mostra do Descobrimento: arte popular – Fundação Bienal de São Paulo: Brasil 500 Anos, 2000. p.64)

Alguns artistas contemporâneos no Brasil tem se valido da arte dita popular como referência, como exemplo, citamos o trabalho do artista plástico José Leonilson (1957–1993),

nascido em Fortaleza. Movido por empatia, a riqueza de um trabalho inspirando outro, sua criação plástica, notadamente os trabalhos onde se vale da técnica do bordado, apresenta forte influência referencial em relação à obra de Arthur Bispo do Rosário (1909-1989), sergipano cujo acervo com cerca de mil peças se encontra no Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro.

Mário Tavares Chicó, em seu Dicionário da Pintura Universal, identifica os artistas naïfs como criadores de uma pintura popular, alguns com capacidade de revelar, por frescura de imaginação, novas possibilidades expressivas, influenciando assim a arte contemporânea. Pode-se afirmar que seja esse também o caso de Dona Romana do Tocantins.

No dizer do crítico de arte Romildo Sant'Anna, professor do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, há um diálogo entre a arte dita erudita e a naïf: "Esses artistas populares, ingênuos e primitivos são alicerces da cultura. É através dos naïfs que muitas vezes a chamada Arte Oficial vai se alimentar; é bem forte que germina a seiva mais cristalina, e dela se bebe, quando nos cansamos de viver num mundo de ilusões e aparências. É nessas obras que fala a voz do excluído. Assim como fazem nos países realmente cultos, devemos dar vivas aos naïfs do Brasil". *"A arte naïf documenta novas formas e novas maneiras de aprender e expressar os mistérios insondáveis da vida com extraordinária vitalidade, espontaneidade e beleza"*, conclui João Spinelli, professor do Instituto de Artes da UNESP. (apud D'AMBROSIO, 1999.)

A arte popular brasileira é feita com liberdade de expressão e espontaneidade, por artistas que não estudaram em escolas de arte. Autodidatas, os artistas desenvolvem técnicas

rudimentares de maneira empírica, sem se prender, em sua representação, a aspectos formais acadêmicos tais como composição e perspectiva.

Jacques Van de Beuque sublinha a riqueza formal e a autenticidade da arte popular no Brasil, que se deve a características singulares do país:

No Brasil, a miscigenação e a mescla de costumes fermentaram um manancial inesgotável de tradições, memórias, raízes, religiosidades, mitos e lendas, que é a base de inspiração para inúmeras representações formais em CAD região do país. Estas manifestações regionais atestam o vigor e a vitalidade de uma produção marcada pela atualidade e pela renovação constante, fazendo do objeto de arte popular um signo sempre contemporâneo a seu tempo.

Van de Beuque continua, agora discorrendo sobre o processo criativo dos artistas populares:

“A maior expressão da arte popular brasileira porém não reside no objeto produzido e sim na figura do artista, não apenas em sua capacidade criadora, mas em seu comportamento em relação á vida. Sua extrema grandeza é a arte de ser humano, de saber sobreviver dentro das condições as mais adversas e de, mesmo no limite da necessidade, conseguir transformar sofrimento em beleza.” (BISILLIAT, Sondagem da alma do povo, 2005, p.38)

FROTA (2005) nos oferece uma maneira significativa e elucidativa de pensar a respeito da arte popular versus arte erudita. Em primeiro lugar, evita o próprio termo “arte popular” cunhado algumas vezes como algo ligeiramente pejorativo, que pressupõe uma arte menor. Para Lélia, assim como muitas vezes são tênues e difíceis de classificar as fronteiras entre arte e artesanato, também a arte dita culta e a que nasce da fonte povo brasileiro atingem algumas vezes os mesmos patamares qualitativos.

II. 2. Arte Primitiva

Esse termo polisêmico, *Arte primitiva*, é bastante controvertido, a exemplo da denominação Arte popular. Ambos podem aparentar trazer em certos casos em seu escopo uma conotação pejorativa, intencional ou não . Era uma denominação muito usada a cerca de

40 anos atrás para identificar o que hoje em dia “classificamos” como *arte popular* no Brasil. Há ocasiões em que palavras que viriam para explicar, tornar compreensível, confundem. Entendemos que classificações podem trazer alguma dificuldade. Como classificar qualquer obra de arte nunca antes vista por não ter ainda aparecido? Concebida, planejada e realizada por seu criador; única, ímpar? Pode acontecer de nos faltar a existência um termo exato que a represente no léxico artístico. A antropóloga americana Sally Price afirma

desconhecer qualquer outro termo na antropologia ou na história da arte que tenha sofrido tantos ataques irritados por parte de pessoas que achavam que deviam desligar-se dele, mas que gostariam, ao mesmo tempo e em algum nível, de acreditar na sua legitimidade. (PRICE, Sally. *Arte Primitiva em Centros Civilizados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p.18))

A autora, que realizou entre Paris e Nova Iorque a maior parte de sua pesquisa de campo sobre a interação da arte dita primitiva com o *modus operandi* dos lugares ditos civilizados, argumenta que “*para entender o fenômeno, devemos concentrar nossa atenção não nos objetos de arte em si, mas nas pessoas que definem, desenvolvem e defendem a internacionalização da arte primitiva, essa visão social, cultural e econômica.* (PRICE, , 2000)

De acordo com Price, (2000, p.11)

Há um equívoco por parte dos connoisseurs ao considerarem determinadas obras de arte primitivas como obras primas, pois este tipo de avaliação Não leva em conta os critérios estéticos de seus produtores e sim outros tipos de valores ocidentais que lhe são implantados. Ou seja, os produtores das obras primitivas não são consultados a respeito nem de seus próprios critérios estéticos, nem de sua própria avaliação e percepção. Mais ainda, para que possam ser reconhecidas como obras primas primitivas precisam se envoltas pela sombra do anonimato.

Essa real, suposta ou imposta noção de negação de autoria se rende às leis do mercado da arte. Em termos econômicos é importante que a obra de arte primitiva seja considerada anônima. Um marchand parisiense citado no decorrer do livro afirma que se o artista não é anônimo, a arte não é primitiva. PRICE (2000, p.11) põe a nu “*a lógica etnocêntrica e imperialista que motiva a apreciação estética da arte produzida fora dos centros legitimadores do mercado de arte.*” Ela também sublinha os diferentes modos de vista e percepção entre dois lados; de um lado, o artista e de outro o conhecedor ou colecionador das obras: “*Em contextos não ocidentais a apreciação do belo e da criatividade não recai sobre uma área específica da atividade humana, mas engloba todas as áreas de produção da sociabilidade, desde a procriação até os processos produtivos da vida cotidiana.*” (PRICE, 2000, p.10). Continuando, a antropóloga exemplifica a desigualdade de grau de importância conferido à arte moderna em detrimento da arte primitiva. Ela conta sobre o questionamento de James Clifford, por ocasião da exposição organizada pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, em 1984, para celebrar a influência da arte primitiva sobre os modernistas. Clifford questiona o caráter provocador e o potencial revolucionário de uma exposição que trata de maneira manifestamente desigual as artes “primitiva” e moderna, relegando a primeira ao anonimato e à existência a-histórica. No relato etnográfico deste evento ele mostra como a exposição cristalizou em torno de suas opiniões antagônicas de críticos de arte e antropólogos com relação ao modo como a arte não ocidental deve ser apresentada.

No Brasil, o pesquisador Paulo Pardal compara e aproxima a arte “neoprimitiva” ou “primitivista” com a arte naif ou ingênua. Para ele “*os artistas neoprimitivos ou primitivistas imitam a arte naif ou ingênua, geralmente obras tranqüilas e inspiradas em*

modelos figurativos da norma culta.” (PARDAL, Paulo. A escultura mágico-erótica de Chico Tabibuia.. Rio de Janeiro: 1989, p.22)

Mais adiante Pardal (1989, p.22) cita a fala enaltecida de Walmir Ayala, retirada do Jornal do Comércio de 4/12/1938, sobre a exposição *O mundo fascinante dos pintores naifs*, realizada no Paço Imperial:

Não resta a menor dúvida de que o artista primitivo é o mais genuíno criador nacional, no sentido de que não se submete à orientação dos grandes centros, aos vocabulários da moda plástica, e graças à sua santa inocência, vive sonhando uma obra enraizada na fantasia, nos recursos locais, condicionando-se a um consumo sem vícios, em sintonia com o sentimento telúrico e virginal das ressonâncias mais puras e profundas da raça. Por mais que admiremos a arte (digamos assim) culta, reconhecendo a urgência e a inevitabilidade de estarmos integrados num coral internacional de criatividade, este sentimento só será completo se for enriquecido com o respeito à invenção popular, cujo conteúdo tem servido inclusive à arte erudita, haja vista a interpretação refinada das formas populares, religiosas e festivas, em obras como as de Volpi e Rubem Valentim.

Podemos notar que esse autor trata por primitivos os artistas participantes de uma mostra de arte naif, o que pode nos fazer supor que nessa época, final dos anos 30, ambas designações seriam aplicadas indistintamente .

Para a antropóloga Lélia Coelho Frota, possivelmente a escritora que mais investigou e procurou valorizar e dar um merecido lugar de destaque à arte proveniente das camadas mais desfavorecidas no Brasil, a nomenclatura “primitiva” que ainda era usada em meados da década de 70, não lhe parece atualmente adequada em face de um crescente êxodo rural e conseqüente fluidez de fronteiras culturais.

No texto de apresentação da Petrobrás no “Pequeno Dicionário da arte do povo brasileiro” são evidenciados a menos-valia e o enorme preconceito existente em relação às artes populares:

É como se aos artistas populares fosse proibido o reconhecimento de que seus trabalhos têm outras qualidades, além do direito de ser primitivos, Como as a alta qualidade estética fosse um patamar reservado apenas aos artistas que tiveram educação formal, e cultura fosse um monopólio que só por eles poderia ser exercido. E os equívocos e preconceitos não terminam aí: tornou-se usual estabelecer que a arte popular só pode ser encontrada fora dos grandes centros urbanos, como se fosse um triste privilégio das populações rurais. (FROTA (2005, p.8)

Voltando ao tema anonimato, à pretensa falta de autoria da arte produzida em locais “primitivos”, longe das localidades consideradas “civilizadas”, transcrevemos a posição transformadora de Frota (2005, p.22):

Aliada aos propósitos de retirar do anonimato e de conferir identidade aos artistas do povo, há aqui a preocupação de tornar também deles esse trabalho. (...) espera-se que esse Dicionário (Pequeno Dicionário da arte do povo brasileiro) possa constituir, igualmente, um apoio para sua atividade profissional. Tive idêntica preocupação em nomear e contextualizar a criação de fonte popular (...) quando criei, em 1984, a nova sede do Museu Edison Carneiro, no Rio de Janeiro, e depois a exposição de arte popular brasileira do Centro Cultural de São Francisco, em João Pessoa, Paraíba, hoje Museu, que ali se encontra desde 1990.

Ela ressalta a valorização do papel e da figura dos artistas, decorrentes destas iniciativas: “O foco passou do objeto para o sujeito, iluminando a pessoa humana, produtora de cultura, relacionada a todos os aspectos da vida em sociedade.” (FROTA, 2005, p.22):

II. 3. Arte Bruta

A arte de Dona Romana nos remete ao conceito de Arte Bruta, criado em 1945 pelo artista plástico francês Jean Dubuffet (1901 – 1985), que se interessou vivamente pela arte

feita não por artistas mas por "*pessoas obscuras, estranhas ao meio artístico profissional*". Após a Segunda Guerra Mundial, alguns artistas questionam profundamente os ditames da arte tradicional e Dubuffet, autor de *Asphyxiante culture*, está entre eles. Procuram reencontrar a "*espontaneidade ancestral da mão humana quando esta traça sinais*". Surge um forte interesse por uma arte espontânea, sem escola, autodidata. A arte bruta joga com a inabilidade, o rabisco e com formas muito diferentes das chamadas belas artes. Investiga formas puras, figurativas ou abstratas, forjando uma proposital inabilidade em busca de uma aproximação da arte com suas raízes, com sua origem primeva. Dubuffet foi o primeiro artista a se interessar vivamente e a organizar, em 1949 uma importante exposição sobre Arte Bruta. O artista pretende atrair a atenção do público para o mundo cotidiano. Sua posição é radicalmente contra a arte "*culta*", ensinada nas escolas ou exposta nos museus, recrimina a sociedade burguesa de consumo e quer mostrar que o considerado como feio pode manifestar ilimitadas maravilhas. Para Dubuffet, a arte é feita apenas de embriaguez e loucura.

No catálogo da exposição, chamada *A Arte Bruta preferida às Artes Visuais*, Dubuffet configura a definição do termo Arte Bruta. Para ele, "*Entendemos pelo termo as obras executadas por pessoas alheias à cultura artística, para as quais o mimetismo, contrariamente ao que ocorre com os intelectuais, desempenha um papel menor, de modo que seus autores tiram tudo (temas, escolha de materiais, meios de transposição, ritmo, modos de escrita etc.) de suas próprias fontes e não dos decalques da arte clássica ou da arte da moda. Assistimos à operação pura, bruta, reinventada em todas as fases por seu autor, a partir exclusivamente de seus próprios impulsos*". Uma arte autodidata, obras criadas por pessoas à margem do meio artístico e acadêmico, da norma culta, da tradição.

Inclui a arte feita por crianças, pacientes de hospitais psiquiátricos e adultos que, solitariamente corporificam um universo imaginativo e subjetivo através das artes plásticas.

II. 4. Arte, Psiquiatria, Psicanálise

Com alguma dose de preconceito, ou por causar estranheza, uma possibilidade fácil poderia ser enquadrar, por analogia, Dona Romana como uma brilhante visionária com desequilíbrio mental como teria sido o artista Antonio Bispo do Rosário, internado durante muitos anos na Colônia Juliano Moreira, um manicômio judiciário, no Rio de Janeiro. A nosso ver, esse tipo de julgamento ou tentativa de classificação seria reducionismo e um engano, pois colidiria de frente com o fato de ela ser considerada uma pessoa equilibrada e digna de confiança por muitas pessoas que buscam seu conselho. “Segundo FROTA, (2005, P.389),” *“Pelo respeito que inspira sua pessoa, Romana é escolhida com frequência por agências governamentais como agente comunitária, distribuindo alimentos e vestuário para minorar a “fraqueza”, isto é, a dificuldade da vida de famílias da região.”*

Esse fato, por si só, seria suficiente para descartar a possibilidade de insanidade mental e abre um complexo leque de assuntos a serem abordados.

Para um psiquiatra ortodoxo, seria fácil um diagnóstico rápido: esquizofrenia. Doença mental nomeada pelo notável psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler (1857-1939). O termo origina-se das raízes gregas *shizo* (dividida) e *phrene* (mente). Em 1898, como diretor Clínica psiquiátrica de Rheinau, numa ilha do Reno, empregou como interno o não menos notável psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, que mais tarde introduziu na psiquiatria o termo inconsciente coletivo.

De perto e com calma, não me pareceu que uma definição, um rótulo específico fosse fácil de achar. Lado a lado com o que muitos encarariam como esquisitices ou disparates, deparamo-nos com uma pessoa equilibrada a quem as pessoas buscam para aconselhamento sobre fases ou problemas importantes das próprias vidas e as respostas são sensatas, ponderadas, equilibradas. Não apenas as pessoas simples e de pouca instrução buscam seu conselho, também é procurada por pessoas cultas, com nível superior de estudo. Ela acessa, entre outras fontes, ao inconsciente coletivo e traduz em imagens conteúdos praticamente impossíveis de revelar de outras maneiras.

Dona Romana não é alheia a esse tipo de julgamento, ela mesma fala: *“Ih, agora com o que vocês vão divulgar mesmo é que vão me chamar de louca.”* Não são nossas especialidades os campos da psicologia e da psiquiatria, tampouco são nosso foco principal, nosso recorte, que é a produção artística de Dona Romana, embora esta, sua criação, esteja tão entrelaçada e integrada com vários outros aspectos de seu cotidiano, os quais não podemos deixar de tangenciar aqui. Embora tal opinião para mim não faça sentido, tenho me deparado com pessoas que questionam a saúde mental de Dona Romana, fato que, como já me referi antes, ela mesma está ciente, pela estranheza que causam suas declarações e algumas explicações referentes a facetas do chamado Fundamento, motivo principal da criação de todo seu acervo pictórico e escultórico, incluindo os desenhos e a parte escrita. A reflexão e a pesquisa, na tentativa de entender e explicar esse universo tão peculiar que cerca Dona Romana vai formando um grande mosaico inacabado de dados e nos conduz também a esses campos, da psicologia e psiquiatria. A ambivalência está sempre presente quando se busca uma explicação, uma definição, um enquadramento para a figura de Dona Romana. Que diferenças ela tem em relação aos internos do Hospital Psiquiátrico do Engenho de

Dentro, os artistas do Museu do Inconsciente? Todos ouvem vozes, seriam essas vozes provenientes do mesmo tipo ou de diferentes tipos de fontes? Se avaliássemos em termos de fenômenos espirituais, mais especificamente em termos de fenômenos mediúnicos, tornar-se-ia mais fácil detectar as diferenças. Esta seria médium, alguém que serve como canal de comunicação com outros mundos, entre o visível e o invisível e entre os vivos e os mortos. E os outros, os das Instituições Psiquiátricas, seriam os doentes mentais, os esquizofrênicos. O problema que se coloca aqui, é que nem todos acreditam ou concordam com esses conceitos, que seriam válidos para uns e inválidos para outros.

*O termo Esquizofrenia foi cunhado em 1911 por Eugen Bleuler, a partir do grego **schizein**(fender,clivar) e **phrenós**(pensamento), para designar uma forma de loucura a que Emil Kraepelin dera o nome de "demência precoce", e cujos sintomas fundamentais são a incoerência do pensamento, da afetividade e da ação(chamada Spaltung ou clivagem), o ensimesmamento (ou autismo) e uma atividade delirante. Contornado por Sigmund Freud, que preferia falar de "parafrenias", o termo impôs-se entretanto, na psiquiatria e na psicanálise, para caracterizar ao lado da paranóia e da psicose maníaco-depressiva proveniente da melancolia, um dos três componentes modernos da psicose em geral. (ROUDINESCO, E. e Plon, M., In:Dicionário de Psicanálise, Rio de Janeiro, 1998. p.189)*

A procura de uma certa isenção tem sido um esforço ou uma tentativa durante toda essa escrita diante desse universo rico, variado, instigante, múltiplo, ímpar e algumas vezes inexplicável que é a obra de Dona Romana. A psiquiatra suíça Marie Louise Von Frantz traz um dado que elucida de alguma forma pelo menos uma diferença entre o são e o doente, o esquizofrênico, quando fala de força vital, energia de realização. Esclarece que essa força, entre os esquizofrênicos é muito tênue. Ilustra com o caso de uma paciente que tinha convicção “*de que suas visões eram revelações religiosas que deviam ser difundidas pelo mundo.*” (VON FRANTZ, Marie Louise. A sombra e o mal nos contos de fada. São Paulo:

Ed. Paulinas, 1985. (p.42). A paciente pretendia escrever um libreto e enviá-lo para Walt Disney, o que tentou, mas não conseguiu dar cabo à tarefa por falta de vitalidade “*Essas pessoas precisam ser ajudadas de uma forma concreta e a grande questão é se existe ou não vitalidade suficiente.*” (...) *Infelizmente, um tipo esquizóide quase nunca tem vitalidade suficiente, de modo que só podemos ajudar com a nossa própria vitalidade ou a de outrem; geralmente essas pessoas se encontram num estado físico miserável e por isso não conseguem dar forma ao seu conteúdo.*” (VON FRANTZ, 1985. p. 42). No caso de Dona Romana, nos deparamos com uma pessoa com uma vitalidade impressionante, que perto de completar 68 anos, sobe em andaimes levantando pedras para construir esculturas, aconselha e prepara garrafadas para pessoas que a procuram, determina o cardápio das refeições servidas a cada dia para mais de 30 pessoas, às vezes preparando algum dos pratos, corta e costura roupas de cunho místico e dirige desde o entardecer até por volta de dez horas da noite os trabalhos mediúnicos e a recitação do terço sertanejo com voz alta e firme. Muitas ocasiões presenciei sua atuação em todas estas atividades em um mesmo dia, entremeadas ainda de outras que surgem conforme a necessidade. Resulta que conclui-se que falta de vitalidade não é o que existe ali..Por sua singularidade, como já foi dito antes, é bem difícil, para não dizer impossível, enquadrar Dona Romana em alguma categoria conhecida. Ela própria não se reconhece como artista, escultora, mãe-de-santo ou curandeira, embora atue de alguma forma circule por todas essas áreas de atuação. Cônsua de que para alguns ela é considerada louca, diante de atos e criações muitas vezes inexplicáveis, a certeza que ela tem é a de precisar realizar uma missão, em função de um fundamento, que como já nos referimos anteriormente versa sobre a mudança do eixo do planeta, prestes a acontecer a qualquer momento.

A tentativa de enquadrá-la, por uma questão de normatização, ou para abafar a estranheza do desconhecido, seria algo forçado, semelhante a um “*Leito de Procusto*”. Esse personagem da mitologia grega, o malfeitor Procusto, bandido e salteador, construiu uma cama de ferro em sua casa. Os visitantes eram atraídos até lá e obrigados a caber nesse leito de qualquer maneira: se fossem muito altos, tinham as pernas serradas; se eram baixos, eram esticados até ocupar o tamanho da cama. Desta forma, ao invés de ajustar o leito ao tamanho das pessoas, Procusto adaptava as pessoas ao tamanho do leito. A expressão “*Leito de Procusto*” se aplica onde a utilização da força atropela as particularidades, as diferenças, as nuances que distinguem os indivíduos uns dos outros. Caracteriza desrespeito ao universo e ao sistema de vida adotado por cada personalidade. Para evitar uma postura agressiva como essa, tocamos ou tangenciamos vários assuntos que consideramos pertinentes ou afins ao objeto de pesquisa e evitamos veementemente qualquer interpretação ou designação fechada. Nesse trabalho, a ambivalência permeia nossa reflexão o tempo inteiro. As horas em que tudo se afigura simbólico disputam ombro a ombro com as horas onde tudo parece perfeitamente verossímil.

III. Relação da Arte e do esoterismo com o Sagrado, textos de psicanálise

III. 1. Dona Romana: Autoridade Espiritual



Dona Romana antes do começo da festa de São Cosme e Damião

Semi analfabeta, afro descendente, vivendo longe de luz elétrica e das grandes cidades, sua percepção do mundo lhe chegou por meio da intuição, da natureza e das revelações espirituais. Sua produção escultórica está estritamente ligada à autoridade religiosa que possui. É um universo mais simbólico que real repleto de um sincretismo religioso rico e instigante que fala de forças da natureza. Seu processo criativo parece envolver uma memória atávica, ancestral, onde afloram raízes de afro-brasilidade. Pode-se notar uma surpreendente estilização e capacidade de síntese nas esculturas de Dona Romana, o que nos remete a algumas particularidades encontradas na arte africana, essencialmente uma estética reducionista, na qual formas, linhas e massas são reduzidas ou abstraídas com o fito de produzir formas mais simples que aquelas observadas na realidade.

Alguns desenhos traçados por Dona Romana, embora distintos, guardam semelhança com as flechas, traços e cruces dos pontos riscados no chão para invocar a presença de entidades usados nos rituais de umbanda. Seu imaginário é único e ela não admite se enquadrar em nenhuma categoria específica ou nomenclatura pré-determinada seja no campo religioso ou no artístico. Dona Romana não é mãe de santo ou babalorixá ou escultora; diz estar ao serviço do bem comum e fala sobre fenômenos, cataclismos e acontecimentos grandiosos, grandes transformações que deverão ocorrer no planeta. O que nos remete ao *“processo conhecido no candomblé, onde o poder, a força dinâmica – axé - do orixá ancestral após sua morte faz-se presente em um de seus descendentes durante a possessão provocada pela divindade”* VERGÊ, (1981)apud ARAUJO, Emanuel. (1994).

Dona Romana afirma não estar alinhada com nenhuma religião específica: *“Eu acredito em Deus, eu não acompanho religião, eu acompanho o que eu ouço, então se isso for uma religião, é uma religião.”*

Ela acrescenta: *“Eu obedeco a ordem que eu recebo e mais nada, não abaixo cabeça pra nada.”*

Conta sobre o tempo em que freqüentava a igreja: *“Eu já segui a igreja católica, nasci da igreja católica, mas foi a primeira decepção que eu tive, foi a igreja católica. Aos meus 11, 12 anos de idade, chegou praqui umas fitas que vinham pra igreja, que botava assim no pescoço, fita amarela, fita né? Elas sempre tinham um lado de uma cor, outro lado de outra, botava aqui no pescoço com uma medalha de cá e outra cá atrás. Então, quem usasse uma fita daquelas chamava-se filha de Maria. E pra mim foi a maior loucura do mundo, pra mim ganhar uma fita daquela. Então eu fiz tudo pra ganhar uma fita dessa.”*

Dona Romana conta que ajudou, colaborou em diversas tarefas na igreja, durante vários dias. *“Quando elas foram distribuídas, não ganhei, to vendo todo mundo ganhando e eu ficando, aí eu perguntei por que, se eu não ia ganhar uma fita daquelas. Aí tinha uma mulher lá e falou assim: – Não, Romana, não tem como você ganhar uma fita dessa, porque faltam 3 coisas pra que você ganhe uma fita dessa. Eu falei - Então o que é? Qualquer coisa que tiver eu faço. Não, porque primeiro você é preta, segundo, que você é pobre e terceiro, porque você é criança, você tá com 12 anos. Então pra mim aquilo foi o maior desespero da minha vida. Eu peguei e eu fui pensar, se eles consideravam Deus pelo dinheiro, pela cor, porque a gente pode ser preto, pode ser branco, tudo é filho de Deus. Então foi a minha primeira decepção. Aí eu afastei da igreja.”*

Em reportagem veiculada numa das maiores redes de televisão do país, em 2008, sobre pessoas que tem premonições e visões de fatos que aconteceram ou estão por acontecer, um pesquisador de Brasília conclui que essas pessoas acessam certos canais que a grande maioria de nós, seres humanos, não acessa, canais de comunicação com outros tipos de energias, vibrações e dimensões diferentes das que somos familiarizados. Para este estudioso, essas pessoas seriam precursores, exemplos de capacidades que no futuro serão desenvolvidas por todos. Ao que tudo indica, Dona Romana também é uma pessoa que poderia perfeitamente figurar entre o elenco de casos apresentados, de pessoas que acessam diferentes canais de percepção de energias que não são captadas pela grande maioria dos seres humanos. Além das visões das peças que se apresentam e não se ausentam enquanto não forem materializadas com pedras, cimento e outros materiais, ela ouve vozes, tudo o que faz é ditado pelos guias, o que veste, quando deve se ausentar do sítio e até o açougue onde ela deve comprar a carne é indicado pelos guias, conforme observei quando estive com ela. Dona Romana relata que essa não é uma missão muito fácil, mas dolorosa: *“Quem segue uma missão dessas passa por dores, dores que tem horas que você esmorece, ce acha que ce vai morrer. A energia de cada uma coisa dessas que chega é muita dor, muita dor. Aí quando eu vejo aparecer a dor eu já sei, eu tenho que me concentrar e assuntar o que ta dependendo de mim fazer. Aí também a hora que faz passa.”*

Dona Romana fala sobre o início do desenvolvimento de sua mediunidade: *“Eu fui iniciada sozinha trabalhada essa mediunidade sozinha. Porque aqui ninguém entendia de nada, nem se via se falar nessas coisas. Sofri muito, mas sozinha sempre. Sozinha no lugar de pau aí, fazendo... é pra fazer isso eu ia, é pra fazer aquilo eu ia, assim que eu desenvolvi. Só que eu sou consciente, não sou como os outros médiuns que recebem a entidade, não, eu*

sou consciente. Às vezes se eu tenho quer falar alguma coisa pra você, eles falam pra mim e eu falo pra você. Eu não sou médium de incorporação.”

Nem todo mundo em Natividade aceita Dona Romana, sua obra, espiritualidade e cosmogonia. Ela relata um episódio que no final das contas lhe creditou mais credibilidade e respeito, por parte da população: *“Aqui já teve muita conversa, hoje graças a Deus todo mundo acalmou, desde a época do negócio que ia afundar a cidade, que eu mandei avisar. Porque as orientações falou pra mim – Romana você manda avisar na cidade, que a cidade vai afundar nesses dias. Tudo bem, mandei avisar. Nossa! Mas foi um papoco feio. Só ouvia era conversa que iam mandar polícia, iam fazer isso, iam fazer aquilo. Bom, eu fiz o que me mandaram, não tou nem aí. Mas Deus é tão bom, né? Aí, não tinha 8 dias, apareceu uns cientistas que veio de São Paulo, que mandou o prefeito juntar todo o povo daí da cidade, pra encostar lá na porta da igreja que ele precisava falar alguma coisa. Aí o povo juntou na porta da igreja. Aí ele diz – olha, eu mandei chamar por vocês porque a escala Richer acusou que isso aqui tá na hora de afundar. Então com esses dias que nós estivemos aqui, deu 150 tremidinhas, então ta na hora de afundar essa cidade. Aí, sempre no meio de muita gente tem algum louco. Aí tinha um senhor de Randau aí, ele tava lá em cima da caminhonete ouvindo, todo mundo na porta da igreja assuntando. Aí ele falou assim – ces sabem do que é que eu to lembrando? Eu to lembrando que Romana não tem 8 dias que ela mandou avisar pra nós que a cidade ia afundar e nós o que é que nós estava fazendo? Tava querendo mandar era polícia lá pra espancar ela porque ela tava desejando mal aos outros, e agora se ela estivesse aqui pra escutar? Aí todo mundo calou, não falou nada. Mas daí em diante, parece assim que começaram ver que tinha alguma coisa, eu não tava falando de mim. Então parece que as pessoas mudaram mais.”*

Transcrevemos a seguir o parecer do jornalista e escritor Alexandre Acâmpora, Secretário de Cultura na época que estavam sendo construídos os alicerces da cidade de Palmas e que foi uma das primeiras pessoas a tornar conhecida a figura de Dona Romana, através de textos e de um filme documentário sobre ela:

Chamo a Mãe Romana de mãe porque todos que freqüentam sua casa assim a chamam, muito embora ela própria rejeite esse título, preferindo a nomeação de tia. Ela foi, durante um longo período, discriminada e rejeitada. Vista como curandeira obscurantista achincalhada por padres católicos e pastores evangélicos, negada por preclaros intelectuais da terra e ridicularizada pelos burocratas que conhecemos e que apenas se renderam à sua importância cultural depois da repercussão pública que o filme 'o Equilíbrio do eixo do Planeta' obteve no país e no Tocantins.

Mãe Romana é nossa mãe por nos ter legado uma mitologia radicalmente original. Se pouco há em nossa cultura que se diferencie em essência das culturas de todo o restante do Brasil, há Mãe Romana, que nas terras de Natividade desenvolveu através de sua arte, uma mitologia tocantínea por excelência, que perfila os mais significativos valores sertanejos numa intrincada nave de ícones santos somados a extraterrestres, temperados por ervas sagradas, deslindados num discurso caboclo que alinha conceitos da holística e da física quântica. A terra fala, as árvores falam. O vento fala. Tudo tem vida, tudo está em movimento – é o que diz (Acâmpora, Alexandre. Escritos de jornal, 2004, p. 129)

III. 2. A artista Dona Romana

Algumas das esculturas e desenhos de Dona Romana de Tocantins têm uma função não apenas estética, mas também didática e ilustrativa: servem para tornar visível o invisível, para que possamos ver o que só ela vê. É o meio que comunica visualmente o que ela chama de *fundamento*. Segundo Dona Romana, tudo que está fazendo, é uma preparação para uma grande catástrofe a se abater sobre a Terra. A pedido das vozes que ouve e a partir das visões de outros mundos, tudo está sendo preparado para quando o planeta for novamente atingido por um asteróide, como o que extinguiu os dinossauros há milhões de anos. Ela explica que um asteróide colidiu com a Terra causando uma grande destruição. Com a explosão, o eixo

da Terra mudou. Para Dona Romana, um novo asteróide está na mesma rota da Terra e a colisão fará com que o eixo da Terra volte a ser o que era antes. *“A Terra está inclinada, devido a esse primeiro impacto. Com a queda deste asteróide, que pode acontecer a qualquer momento, ela voltará para seu eixo normal”*. De acordo com suas profecias, haveria uma grande destruição, as águas do mar invadiriam cidades, milhões de pessoas morreriam e apareceriam profundas e extensas rachaduras no solo do planeta. *“Todo esse fundamento é uma preparação para firmeza do grande eixo da Terra”*.

Embora seja uma desenhista e escultora admirável e apesar de ter criado centenas de esculturas, Dona Romana não se considera artista e a noção de autoria parece não fazer nenhum sentido: *“Não sou eu quem faz as peças. Elas é que se mostram para mim e pedem para ter existência.”* Sua iconografia inclui imagens de bichos, cruzes, arqueiros e anjos, labirintos com umbrais, guardiães e espadas, pombas, sereias, serpentes, murais com inscrições indecifráveis. Dentro de sua casa, as paredes são repletas de pinturas, com imagens de santos, anjos, pombas, e seres que nem mesmo ela explica o significado, apenas a origem. *“As vozes me pediram para fazer”*, afirma. Outra série revela aparições de animais. *“Enquanto eu não coloco o desenho no papel, eles não vão embora.”*

Dona Romana de Tocantins insiste em negar o fato de ser artista. Embora a grande maioria das pessoas a defina como tal, ela se considera apenas uma pessoa que tem uma missão a cumprir. Para refletir sobre esse fazer artístico, faz-se mister nos aprofundarmos um pouco sobre o que é ser artista, e por conseguinte, sobre o que é arte. Tarefa bastante complexa em tempos pós-modernos, quando a arte se apresenta num leque muito variado e abrangente, mas procuremos alguma clareza.

Em primeiro lugar citaremos algo que se espera em relação á arte, de acordo com o pensamento do historiador Herbert Read:

“O que esperamos realmente de uma obra de arte é certo elemento pessoal – esperamos tenha o artista, se não espírito distinto, pelo menos sensibilidade distinta. Esperamos nos revele algo de original – visão única e particular do mundo.”
(READ, 1976, p.28)

Se a expectativa é essa, podemos afirmar que a criação artística de Dona Romana atende a essa expectativa, apresentando grande originalidade e genuína visão pessoal, única do mundo.



Escultura de avião anfíbio em cimento



Escultura realizada por Dona Romana

O conteúdo da obra de Dona Romana é tão abrangente, que encontramos semelhanças desde a arte pré histórica até a época atual, com peças representando computadores, passando por imagens de cunho cristão, oriental, místico, rural, cabalístico, alquímico, extra terrestre e

muitos outros. Ela não tem modelos para se guiar, para tornar materialmente visíveis todas as visões e vidências.

Para Luquet, “A idéia de produzir algo a partir do nada, é de fato a autêntica condição de arte criadora”(G.H. Luquet, Lês origines da lártr figur´r, Ipek, 1926, apud HAUSER,1972, p.21)

O expressionismo é um dos movimentos artísticos que mais se identifica com uma arte como a de Dona Romana de Tocantins. No catálogo da Exposição Arte Incomum se lê:

Dentre os vários movimentos da vanguarda artística, o Expressionismo foi o que marcou mais intensamente a área científica pelas pesquisas individuais dos artistas, busca de aspectos ancestrais, primitivos, experiências sensoriais e subjetivas. É certo que o Expressionismo também foi influenciado pelas correntes filosóficas e psicanalíticas que contribuíram para a eclosão do movimento, principalmente quando tratava da valorização das representações do mudo interiorizado das emoções, fazendo o caminho inverso de outras correntes da época. (1981, p.29)

Dona Romana, assume a característica rústica, não lapidada ou polida de sua arte. Segundo suas palavras, as peças ou esculturas “são meio tortas mesmo”. Também se identificam na sua obra aspectos ancestrais, buscados pelos artistas expressionistas. Discorrendo sobre arte moderna e especificamente ao expressionismo, estilo e movimento artístico em cujo cerne encontramos alguns elos de ligação com a poética de Dona Romana, Argan ressalta, entre outros fatores, que a expressionista é a poética do feio:

A poética expressionista que, no entanto, permanece sempre fundamentalmente idealista, é a primeira poética do feio; o feio, porém, não é senão o belo decaído e degradado. Conserva seu caráter ideal, assim como os anjos rebeldes conservam, mas sob o signo negativo do demoníaco, seu caráter sobrenatural – a condição humana, para os expressionistas alemães, é precisamente a do anjo decaído. (ARGAN, 1995, p.240)

O autor Herbert Read também aborda a questão da arte versus a beleza. De acordo com seu pensamento:

*A maior parte das nossas concepções errôneas da arte resulta da falta de coerência no emprego das palavras **arte** e **beleza**. Pode-se dizer que só temos coerência no mau emprego delas. Sempre supomos que tudo quanto é belo é arte ou que toda arte é bela, que o que não é belo não é arte e a fealdade é a negação da arte. Esta identificação da arte com a beleza está no fundo de todas as nossas dificuldades a apreciação da arte e mesmo em pessoa extremamente sensíveis a impressões estéticas em geral, esta suposição atua como censor inconsciente em casos particulares em que a arte não implica beleza. Isto porque a arte não é necessariamente beleza, nunca será demais repeti-lo. Quer encaremos o problema historicamente (considerando o que foi a arte em tempos idos), quer sociologicamente (considerando o que a arte é atualmente nas suas manifestações diárias em todo mundo) verificamos que a arte tem sido ou ainda é muitas vezes destituída de qualquer beleza) (Read, 1976, p.21)*

Mesmo depois de concluir que as artes não têm necessidade de serem belas para serem arte, persistem a s elucubrações sobre o belo e o feio:

*Qualquer teoria geral da arte deve **começar** pela seguinte suposição: o homem reage à forma, superfície e massa do que se lhe apresenta aos sentidos, e certas distribuições na proporção da forma , da superfície da massa dos objetos têm como resultado sensação agradável, enquanto a falta de tal distribuição acarreta indiferença ou mesmo desconforto positivo e repulsão. O sentimento de relações agradáveis constitui o sentimento de beleza; o sentimento oposto representa fealdade. (READ, 1976, p.20)*

Na fase inicial da pesquisa, eu supunha que seriam muitas as semelhanças da arte de Dona Romana, comparativamente a outros artistas populares ou outros exemplos de arte bruta. Com o desenvolvimento da pesquisa, pude constatar cada vez mais suas singularidades e o caráter único de sua produção.

Cito aqui a obra da artista visual francesa Nicky de Saint Phalle (1930 – 2002) porque seu universo mágico foi evocado assim que me deparei pela primeira vez com as esculturas

de Dona Romana, a monumentalidade da obra, seu figurativismo simplificado, deflagrando o essencial da figura.



Escultura de Nicky de Saint Phalle

O Tarot Garden, concebido por Nicky de Saint Phalle, é um grande parque povoado de esculturas calcadas nas imagens das cartas dos arcanos maiores do tarot e localizado na cidade de Capalbio, Província de Grosseto, na Itália. O Parque Güel, em Barcelona, foi bastante inspirador para Nicky criar seu parque de esculturas ou Jardim do Tarô. Construído durante dez anos, guarda algumas particularidades em comum com o conjunto escultórico criado por Dona Romana, no que se refere a soluções formais, conceituais e inclusive materiais, como o uso de estruturas de ferro recobertas de cimento e adornadas com espelhos em algumas delas.

As duas artistas nos remetem a referências da obra do arquiteto catalão Antoni Gaudi, sobre quem falaremos resumidamente mais adiante, também lembramos seres extraterrestres e formas arquetípicas e outras influências não nomeadas e de acesso inexplicável no que tange a Dona Romana que não teve acesso a cultura, diferente de Nicky. Auto didata, vivendo no meio culto, Nicky de Saint Phalle não recebeu formação teórica, mas vivendo no meio culto, teve acesso a muita informação artística e cultural, embora mantendo independência frente às idéias pré concebidas da escola culta. Aprendeu sobre arte freqüentando assiduamente museus como o Louvre e já expôs nos mais importantes museus do mundo.



Esculturas de Dona Romana

Uma forte diferença entre os trabalhos dessas artistas é a profusão de cores em Nicky e o purismo natural de Dona Romana onde os materiais escultóricos conservam suas cores

primitivas de pedra e cimento. Nicky, urbana e culta, se serve de recursos e tecnologias outras como gesso, tela de arame e mais elaboradas, como a fibra de vidro, poliéster, bronze e a cor acrílica e vinílica, recursos desconhecidos e inacessíveis ao repertório técnico de Dona Romana. Entre seus estilos únicos há interseções - arte bruta, monumentalidade, mágico, misterioso, pensamento místico, sintetização das formas, intuição, grandeza de mestre. A emoção ao invés da análise e a intuição sobrepujando a reflexão, criando com liberdade e profundas raízes arcaicas.

A monumentalidade e o figurativismo simplificado onde capta o essencial da figura, também são características de Dona Romana. A vasta obra de Nicky inclui monumentos públicos como o conjunto de esculturas da praça do Centro George Pompidou em Paris, happenings de tiros, pinturas, assamblages e filmes. A intercessão entre seus estilos únicos se dá no terreno da arte bruta, da figuração rústica onde encontramos o mágico, o misterioso, o pensamento místico.

À primeira vista poderíamos traçar alguma analogia entre a obra de Dona Romana de Tocantins e a Casa da Flor, obra de praticamente uma vida inteira de Gabriel Joaquim dos Santos. Localizada em São Pedro da Aldeia, no estado do Rio de Janeiro, o caráter de "bricolage" e o uso de materiais como cimento, pedra e cacos aproxima essas duas manifestações artísticas. Coincidentemente, Seu Gabriel também afirmava ouvir vozes e instruções e o ponto de partida da obra foi um sonho que teve quando criança, fato que também ocorreu com Dona Romana. De acordo com dados coletados na pesquisa realizada por Amélia Zaluar, encontrados no catálogo da exposição realizada no Rio de Janeiro,

Seu Gabriel era semi-analfabeto e usava as palavras de forma poética , mantendo a atenção das pessoas que o escutavam em respeitoso silêncio. Não teve acesso a museus, galerias de arte ou livros de arte. (...) Místico, atribuía a Deus a realização de sua obra, ela era fruto de inspiração divina. (Zaluar, 1986)



Casa da Flor

Artista plástico e arquiteto sem diploma, foi considerado um mestre da arquitetura espontânea, construiu, segundo suas palavras, *“uma casa de cacos transformada em flor”* e uma casa feita *“por pensamento e sonho”*, onde foi pedreiro, construtor, marceneiro, operário e artista. A casa, tombada pelo departamento de Cultura do Estado, era ao mesmo tempo moradia - possibilitava proteção e abrigo- e busca estética de uma vida inteira. A Casa da Flor foi se desenvolvendo como um organismo vivo, Seu Gabriel foi decorando seus espaços vazios e trabalhando na moradia até sua morte, veio a falecer com 92 anos em 3 de março de 1985.



Obra de Dona Romana

Guardadas as devidas proporções , assim como a Casa da Flor, poderíamos afirmar que a obra de Dona Romana poderia também ter alguma afinidade com o Parque Güel, em Barcelona, Espanha, autoria do arquiteto catalão Antonin Gaudi (1852-1926), principalmente pelo caráter de bricolage que se encontra em parte de sua obra, particularmente no mobiliário urbano do parque, onde são muito utilizados mosaicos de cacos cerâmicos como revestimento de sua arquitetura. Gaudi buscava as soluções técnicas das suas construções diretamente na natureza, criava muitas formas orgânicas e tinha amplo domínio técnico,

escultórico e estrutural sobre construções com pedra. Suas principais obras são sete monumentos situados em Barcelona, desenhados no final do século XIX e início do século XX. O Parque Güell, o Palácio Güell e a Casa Milà foram declarados Patrimônio Mundial pela UNESCO em 1984 e os restantes monumentos em 2005. O Parque Güell, inaugurado em 1922, foi encomendado por Eusebi Güell, que desejava a construção de uma cidade-jardim na sua propriedade. Nesse parque, na Grande Praça Circular, há um banco em toda a sua volta, com cerca de 152 metros, coberto de mosaicos coloridos, como se vê na foto a seguir. As colunas dos dois pavilhões lá construídos também são cobertas de mosaicos e apresentam o estilo inconfundível de Gaudi. Nas palavras do arquiteto Salvador Tarragó: *“Analisando suas obras se observa que, desde o princípio, dirigiu suas investigações arquitetônicas em um duplo sentido que considerava inseparável: a busca estruturalista conjugada com um mundo plástico sedutor.”* (TARRAGO, Salvador. Gaudi. 1989, p.22)





Parque Güel, obra de Gaudi

A temática religiosa sobressai em grande quantidade de obras produzidas por artistas populares brasileiros: a religião é inspiração constante, direta ou indiretamente para a criação plástica. A representação de santos, presépios e passagens bíblicas é muito encontrada. No estado do Rio de Janeiro, no Campo do Coelho, distrito de Nova Friburgo, encontra-se o Jardim do Nego. Geraldo Simplício (Nego é nome artístico) nasceu em 1943 no Ceará onde foi santeiro e fazedor de ex-votos, antes de se transferir em 1969 para o Rio de Janeiro onde criou sua obra monumental. O Jardim é formado por grandes esculturas feitas com terra e depois cobertas com plástico, que ao interagir com a natureza reveste-se de musgo. Os motivos das esculturas são variados: uma dupla de tartarugas, retirantes nordestinos, bebês,

felinos, uma baleia, um elefante, entre outros. Analogamente à temática de Dona Romana, algumas criações de Nego veiculam motivos cristãos, como o Presépio e a Santa Ceia. Já Dona Romana acrescenta outras cosmologias religiosas ao seu acervo.

Cristina Lopes Cavallo descreve seu processo de trabalho:

Nego trabalha de uma forma absolutamente integrada ao seu ambiente. Além de viver no sítio, isto é, viver e interferir artisticamente no mesmo espaço, e como raramente sai de casa, ele passa a maior parte de seu tempo trabalhando nas esculturas. Com a ajuda de uma pá, mas, principalmente, com as próprias mãos calejadas do trabalho, o artista remove a terra excedente dos barrancos e faz nascer ali as suas esculturas. (CAVALLO, Cristina Lopes. O Jardim e a Escada. A poética da vida e da obra de Nêgo e Selarón. Dissertação de Mestrado em Linguagens Visuais, Curso de Pós Graduação em Ciência da Arte, UFF, Niterói, 2002, p.120)

Em sua pesquisa, Cristina sublinha a importância do discurso de Nego. Assim como Seu Gabriel, que recebia os visitantes da Casa da Flor e contava fatos que prendiam a atenção dos visitantes e como Dona Romana, que explica pacientemente aos visitantes o significado de sua obra, a oralidade no contexto do universo de Nego é fator de grande relevância:

Não se vai, nem se sai do Jardim impunemente. Ali, mais que o contato das obras, temos também o contato direto com o artista que, em sua condição presencial e com suas próprias palavras, narra sua história de vida aos visitantes e fala particularmente de cada escultura, além de emitir longas opiniões sobre temas variados. (CAVALLO, 2002, p.123)

Acreditamos ser importante incluir aqui o artista Moacir, que foi tema de documentário realizado pelo cineasta Walter de Carvalho. Os dados que cito aqui foram retirados do folder de divulgação do filme *Moacir Arte Bruta* realizado em 2005. Atualmente com 45 anos de idade, Moacir é um pintor humilde que vive isolado num recanto do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, no estado de Goiás, em condição paupérrima. Isolado em sua casa com a mãe e outras pessoas da família, portador de problemas auditivos, de fala e formação

óssea, passa todo o seu tempo desenhando com lápis de cera e pintando tudo que lhe vem à imaginação, tudo que brota de seu universo interior. Seu repertório de imagens, que inclui diabinhos, seres bizarros, animais imaginários e genitálias femininas que se metamorfoseiam em olhos, peixes e outras formas, deixa chocadas as pessoas do povoado onde nasceu, em sua maioria, crentes. Nas palavras de Carvalho,

São desenhos de um universo particular da chapada: seres humanos, fauna e flora, visões, religião e sexo. Figuras místicas e beatos. São visões com referências anatômicas desconhecidas, carregadas de sensualidade e erotismo. O traço do artista nos impressiona pelo primitivismo e ao mesmo tempo pela sua extraordinária beleza.

O psicanalista e escritor Antonio Quinet considera que a arte de Moacir não tem influências externas, retrata o mundo interior do artista:

É uma arte bruta de técnica e virgem de referências, pois Moacir não sofre influência da cultura ou da história.”Ele completa: “O documentário, com sua simplicidade e beleza nos mostra a obra de um artista que trabalha com os símbolos brutos do inconsciente. A arte desse artista plástico (...), desvela a viagem pelo nosso interior, pois o que Moacir desenha são imagens oníricas – fortes, sensuais, violentas - que parecem vir à luz sem disfarce, direto das obscuridades do ser.

O que aproxima as obras plásticas de Moacir e Dona Romana é o caráter onírico, profundo, original e universal encontrado na obra dos dois artistas.

Além do estilo próprio e original, das soluções plásticas e da técnica peculiar desenvolvida ao longo dos anos de produção criativa, observamos que o conteúdo da obra de Dona Romana é tão abrangente, que encontramos semelhanças e pontos de encontro desde a arte pré histórica até a época atual. Vemos desde símbolos oriundos do plano onírico e do inconsciente profundo até peças representando computadores, meios de transporte aéreos,

anfíbios e terrestres, entidades nomeadas ou desconhecidas, passando por imagens de cunho cristão, oriental, místico, rural, cabalístico, alquímico, extraterrestre e outros.

III. 3. Arte, Sagrado, Religião

No ensaio intitulado *Visões do sagrado na arte popular brasileira*, a antropóloga Lélia Coelho Frota assinala o grande sentido de solidariedade humana que se encontra entre as populações desfavorecidas. Em suas palavras:

Nenhum brasileiro desconhece o forte sentido de comunidade, quase inexistente em outras classes, que permeia a vida dos pobres. Assumir a criação de filhos de parentes ou amigos desaparecidos cedo, praticar ajuda recíproca no trabalho da terra ou na troca de alimentos, e mesmo organizar de maneira compartilhada festas de santos ou de carnaval, são constantes que coexistem hoje com a desagregação das famílias pela migração involuntária, com o desemprego e com o baixo desempenho não só cultural, mas também ético das mídias, que apenas desenraíza sem nada oferecer de volta.

Essa troca entre as pessoas, essa solidariedade, é exatamente o *modus vivendi* e o *modus operandi* que encontramos no ambiente em que vive Dona Romana, no Sítio da Jacuba, em Natividade, Tocantins. Frota prossegue:

Idêntica reciprocidade de trocas é estabelecida pelos pobres com o plano do divino. Vida e fé não se dissociam no dia a dia do povo. (...) acordar co a oração” Com deus me deito, com |Deus me levanto”; (...) rezar uma espinhela caída; respeitar a água, a água sagrada; agradecer pelo alimento nas refeições, ainda que com um breve”deus abençoa; (...) são exemplos mínimos, em vários níveis de experiência, dessa não dissociação entre viva e fé . (FROTA, Lélia Coelho. Visões do Sagrado na arte popular brasileira. 1994. p. 87)

Mais adiante, afirma o forte entrelaçamento existente entre a religião, o cotidiano e a arte:

Da mesma forma como não há separação entre religião e cotidiano, também a arte, nas culturas do povo, não se dissocia da vida, constituindo um universo poliédrico ponteadado de reciprocidades, trocas de símbolos, semelhanças, improvisos e tradição. Tradição que se manifesta não como resíduo do passado e sim como um conjunto de

práticas culturais materialmente presentes, que se reproduzem através do trabalho e do poder de recriação dos seus agentes. (FROTA, 1994, p.92)

O cotidiano de Dona Romana e seu fazer artístico também é grandemente impregnado de fé e religiosidade. Além da forte presença de uma temática claramente cristã, com várias representações de Jesus Cristo, Nossa Senhora, anjos e o Espírito Santo, muitas das esculturas criadas por Dona Romana representam templos, símbolos e elementos da cultura pré-colombiana e ela cita localidades como Peru e Machu Pichu, entre outras. Algumas peças são cópias de templos ou outros tipos de edificações que existem ou existiram e estariam sendo refeitos como espécies de maquetes que se transformarão em obras monumentais, depois do levantar do grande eixo do planeta e da passagem da *grande hora*. Encontramos muitos mistérios contemplando o acervo total das obras da artista no Sítio da Jacuba, particularmente no segmento de temáticas pré-colombianas, elas próprias cercadas de mistério e dados muitas vezes imprecisos, carentes de documentos comprobatórios. Segundo Herbert Read, a América antiga é a mais misteriosa de todas as fases da história da arte. Aspectos inteiros dessa arte são desconhecidos pela escassez da presença documental, porque pereceram objetos fundamentais, característicos, devido a sua grande fragilidade, como a arte plumária, por exemplo. Ou *“porque foram destruídos pelos conquistadores espanhóis, os vândalos mais impiedosos que o mundo até hoje conheceu.”* (READ, 1976, p.65)

O autor sublinha a complexidade da relação da arte com a religião:

A relação entre arte e religião é uma das questões mais difíceis que temos a considerar. Voltamos os olhos para o passado e vemos a arte e a religião surgindo de mãos dadas dos recessos da pré- história. Durante muitos séculos parecia terem ficado indissoluvelmente ligadas; e então, na Europa, uns quinhentos anos atrás, apareceram os primeiros indícios de rompimento. Ampliou-se e, com o início da Renascença, encontramos uma arte essencialmente livre e individualista nas origens, visando a exprimir tão só a própria personalidade do artista. (READ, 1976, p.56)

Joseph Campbell aborda a maneira como se torna complexa e controvertida a questão da religião ao ser avaliada pelo viés de um contexto histórico. Para ele, que considera a religião como mitografia, o caminho mais plausível para sua compreensão passa pela psiquê:

O ponto crucial de meu argumento é que o imaginário das religiões – quer das religiões avançadas, quer das mais simples e iletradas – é gravemente mal interpretado, ou, mais exatamente, é interpretado de modo extraviado, quando se compreende que se aplica originalmente a eventos históricos. Uma mitografia, por exemplo, como a da Virgem Maria: teria sido um evento histórico? Se foi, ela apresenta um problema mitológico, médico, distante, de fato, de qualquer coisa que possa ser propriamente considerada como de interesse espiritual. Ela não pode ter se referido originalmente a qualquer evento histórico porque a encontramos em mitologias de todo o mundo. É um tem proeminente em mitologia da humanidade, e muitos exemplos datam de milênios anteriores á lenda cristã. Em muitos de seus elementos mais essenciais, a simbologia das religiões é comum á toda raça humana: de tal maneira que, independentemente da religião que aborde, você irá – se buscar por tempo suficiente – encontrar uma contrapartida precisa e freqüentemente esclarecedora para qualquer tema da sua tradição de que gostaria que fosse explicada. Em decorrência disso, esses símbolos devem se referir a algo que antecede quaisquer eventos históricos a que eles possam ter sido localmente aplicados. Os símbolos mitológicos derivam do psiquismo e falam do psiquismo eles não brotam de ou se referem a eventos históricos. (CAMPBELL, 2002, p.24-215)

A antropóloga inglesa Mary Douglas, em seu livro “Pureza e perigo”, discorre sobre “as antinomias pureza/perigo, limpeza/sujeira, ordem/desordem que são as constantes de uma temática que abrange desde alimentação e higiene até tabus sexuais.” (texto da contracapa do livro)

O único tipo de vestuário que Dona Romana tem permissão de usar, por parte de seus guias espirituais, é de cor branca. Ela inclusive não possui nenhuma peça de roupa de outra cor que não seja branca. Podemos associar esses procedimentos com o tipo de pureza a que Douglas se refere. Por outro lado, o Sítio da Jacuba, onde mora é no sertão, onde há seca na maior parte do ano e conseqüentemente, a poeira lá é uma constante. A casa e os arredores, são varridos diariamente e é jogada água no chão de cimento após o almoço, para esfriar a

casa e baixar a poeira. Tudo é organizado e arrumado, o terreno onde estão as esculturas é capinado e as ervas daninha são arrancadas. Nada nos assegura que esses tipos de cuidados tenham um cunho simbólico religioso, pois podem ser percebidos também apenas como ações organizadoras de caráter material.

Conforme Douglas,

O século XIX viu nas religiões primitivas duas peculiaridades que as separam como um bloco das grandes religiões do mundo. Primeiro, eram inspiradas pelo medo, segundo, eram inextricavelmente com profanação e higiene. Quase todos os relatos de missionários ou viajantes acerca de uma religião primitiva falam sobre o medo, terror ou receio em que vivem seus adeptos. A origem remonta a crenças em desastres horríveis que apanharam aqueles que inadvertidamente cruzaram alguma linha proibida ou desenvolveram alguma posição impura. (Douglas, Mary. Pureza e perigo, 1976, p.11)

Como se pode notar em diversas religiões ou seitas, notadamente as que professam fenômenos mediúnicos, as roupas usadas são quase que invariavelmente branca, com raras exceções e as pessoas sempre se banham antes de vesti-las. Algumas vezes são prescritos banhos com infusões de plantas, ervas ou raízes, rosas, sal grosso. No Centro Bom Jesus de Nazaré não é diferente. Este fato vem de encontro ao que Douglas se refere como pureza. Seria um fator facilitador para ligar-se com energias de luz, energias mais altas ou energias divinas. Na umbanda, no candomblé e no espiritismo kardecista as roupas usadas são brancas. Algumas correntes esotéricas, como as que têm como mentores espirituais os Mestres da Grande Fraternidade Branca tem como certo que roupas escuras dificultam ou até bloqueiam a passagem e o recebimento de energias curativas transmitidas por médiuns ao público através de passes magnéticos. Durante minha estada em Tocantins, constatei várias restrições e proibições a que se submetem os médiuns que trabalham com Dona Romana e muitas vezes essas restrições permanecem por períodos longos de tempo e são ditadas através

de orientações interiores, intuições, premonições ou por ter ouvido a voz dos guias. Algumas dessas situações podem ser entendidas como interdições ou tabus de ordem religiosa.

A intercessão dos guias e a presença da magia estão onipresentes no cotidiano de Dona Romana. Lá, tudo se deve a algum fator mágico. Assim, ao deparar-me com problemas técnicos relativos ao armazenamento de imagens da minha câmera fotográfica, vendo minha preocupação, foi sugerido por Dona Romana que isso pudesse se dever ao fato de eu não ter pedido licença devidamente aos Três Curadores, os principais mentores espirituais de todo o fundamento. Tudo que acontece no sítio da Jacuba e no Centro Bom Jesus de Nazaré, comandado por ela, tem uma conotação espiritual ou mágica, o que se come, o que se veste, o que se fala, para onde se vai. Entre as pessoas que lá residem, desenvolvendo a própria espiritualidade e principalmente para Dona Romana, até uma ida do Sítio da Jacuba até o centro da cidade de Natividade é planejada de acordo com a orientação dos guias. O antropólogo inglês E. E. Evans Pritchard, ao descrever em 1937 idéias sobre a influência mágica e das práticas divinatórias de um povo da África central, os Azande, também ressalta a presença contínua do que chama de “bruxaria”. Segundo suas observações:

A bruxaria é onipresente. Ela desempenha um papel em todas as atividades da vida zande: na agricultura, caça e pesca; (...) É um tópico importante na vida mental, desenhando o vasto panorama de oráculos e magia; sua influência está claramente estampada na lei e na moral, na etiqueta e na religião; ela sobressai na tecnologia e na linguagem. Não existe nicho ou recanto da cultura zande em que não se insinue. (EVANS-PRITCHARD, E.E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2005. p.49.)

Mais adiante, ele coloca a presença importância da magia de forma mais assertiva ainda: “na verdade, qualquer insucesso ou infortúnio que se abata sobre qualquer pessoa, a

qualquer a qualquer hora e em relação a qualquer das múltiplas atividades da vida, ele pode ser atribuído à bruxaria” (Evans - Pritchard, 2005, p.49.)

No Sítio da Jacuba, tudo é feito em concordância com os guias espirituais cuja voz exerce forte influência sobre a maioria das situações. A terminologia bruxaria, entretanto, não é adequada ao caso, pois pode sugerir intenções mal intencionadas. Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o substantivo bruxaria, na rubrica ocultismo, é definido como “*utilização de hipotéticas forças mágicas, com finalidade divinatória e intenções malfazejas*”.

O termo magia se aproxima mais do que lá acontece. Retiramos a definição do mesmo dicionário:

Magia: arte, ciência ou prática baseada na crença de ser possível influenciar o curso dos acontecimentos e produzir efeitos não naturais, irregulares e que não parecem racionais, valendo-se da intervenção de seres fantásticos e da manipulação de algum princípio controlador oculto supostamente presente na natureza, seja por meio de fórmulas rituais ou de ações simbólicas metodicamente efetuadas.

III. 4. Arte e Magia

Nos deteremos um pouco sobre a arte pré histórica por encontrar alguma analogia com a arte de Dona Romana, por seu caráter mágico, devido ao fato de que, segundo ela, a grande maioria das peças terão a sua vida própria depois da grande hora, se transformarão em coisas diferentes, maiores e até monumentais e mais elaboradas a partir das peças construídas e conservadas no seu sítio. É um processo similar ao que acontece na magia por similaridade, quando se utiliza uma forma igual ou semelhante á que se quer agir sobre

Como veremos a seguir, Arnold Hauser, no livro *História Social da Literatura e da Arte*, cogita a possibilidade de ter havido, pelo menos em grau mínimo, um caráter não sómente mágico, mas também estético na arte paleolítica. É um assunto para reflexão, embora não tenhamos como verificar a veracidade desta idéia:

O artista paleolítico, embora exclusivamente interessado na eficácia da magia, deve contudo ter retirado certa satisfação estética de seu trabalho, embora considerasse a potencialidade estética deste trabalho como um simples meio a serviço de um fim prático. (HAUSER,1972, p. 19)

Esse caráter estético seria realmente mínimo, de acordo com esta outra colocação

Considerar arte paleolítica como forma expressiva ou decorativa é insustentável. Todos os vestígios nos induzem a discordar de semelhante interpretação. Não é legítimo deixar de tomar em consideração, acima de tudo, o fato de as pinturas se encontrarem, na maioria dos casos, escondidas em cantos de cavernas inacessíveis e totalmente às escuras, onde o seu valor como decorações seria fatalmente nulo. (HAUSER,1972, p. 18)

Herbert Read cita os famosos desenhos de animais encontrados em cavernas de Altamira, na Espanha, como exemplos mais importantes sobreviventes do período paleolítico (de 30.000 a 10.000 a. C.) Compara essa da arte pré-histórica, com a arte bem mais recente dos Boxímanes da Rodésia do Sul e da África do Sudoeste e encontra características similares entre elas:

As representações, (comumente desenhos nas paredes das cavernas) não revelam qualquer esforço de perspectiva: o objetivo consiste de preferência em representar o aspecto mais expressivo de cada elemento no objeto – a vista lateral do pé, por exemplo, combinando-se com a vista de frente dos olhos. Também a outros respeito, não é naturalista a arte destes povos primitivos. Verifica-se abandono deliberado do detalhe a favor do que se poderia chamar simbolismo. Rejeitam-se ou distorcem-se os detalhes das formas naturais com o intuito de sugerir a significação primordial do objeto representado: por exemplo, alonga-se o corpo de um touro para sugerir o movimento do pulo.(...)A arte paleolítica revela desenvolvimento definido do modo de representação linear ou a duas dimensões no período Aurignaciano e no sentido de modo plástico ou a três

dimensões no período Magdaleniano: mas no período Neolítico esta sensibilidade plástica desaparece. (READ, 1976, p.50)

Essa arte primitiva tinha uma função bem específica, de caráter mágico:

Mediante a representação simbólica de um evento, o homem primitivo supõe possa assegurar a ocorrência presente de tal evento. O desejo de progênie, da morte de um inimigo, de sobrevivência depois da morte, ou do exorcismo ou propiciação de espírito mau, constitui motivo para a criação de símbolo adequado. (READ, 1976, p.53)

Hauser também ressalta o caráter mágico das pinturas do homem primitivo:

A melhor prova de que esta visava objetivos mágicos e não estéticos, pelo menos em seus aspectos conscientes, reside no fato de, em tais pinturas, os animais serem muitas vezes representados atravessados por dardos e flechas, ou serem mesmo agredidos com aqueles instrumentos logo após o acabamento da obra. Tratava-se, sem dúvida, de os matar em efígie. (HAUSER, 1972, p.20)

Após sublinhar o caráter mágico da arte primitiva, READ afirma seu caráter artístico: “A consideração da arte dos povos primitivos revela claramente que, em muitos deles, o sentimento estético lhes é peculiar independentemente do desenvolvimento intelectual atingido.” (1976, p.50.) Mais adiante, acrescenta: “Segue-se que na arte primitiva, deparamos com a arte no sentido integral da palavra: arranjos formais exprimindo atitudes emocionais.” (1976, p.53)

III. 5. Os “trabalhos”: Centro Bom Jesus de Nazaré

De segunda a sexta feira são realizados os *trabalhos*, que são práticas religiosas, no Centro Bom Jesus de Nazaré. As manifestações mágico religiosas do Centro não se filiam a nenhuma corrente espiritualista ou religiosa específica. Absorve elementos de cultos do cristianismo ou catolicismo e do espiritismo. Dona Romana afirma que essa linha religiosa é única, não tem outra igual e ela não tem permissão de visitar outra linha.

Nas paredes das duas salinhas onde estão os altares as pinturas de santos cristãos se misturam com sereias, pretos velhos, imagens de índios, caboclos, peixes e símbolos e escritas não identificáveis. É rezado o terço sertanejo, entoadas ladainhas em latim e depois é a vez dos pontos cantados para Caboclos, Jurema, Pretos velhos e outras entidades espirituais que também se presencia em terreiros de umbanda. Os participantes dotados de mediunidade *recebem* ou *incorporam* entidades de outros planos. As entidades de caboclos “*baixam*” em pessoas que são caboclos também, pessoas nativas, que vivem em contato direto com a terra e tem traços fisionômicos mesclados de branco, negro e índio. Os cantos correspondentes a cada entidade são repetidos diversas vezes pelos médiuns, enquanto andam em círculo, alguns girando sobre o próprio corpo. Essa parte dos rituais encontraria uma analogia com o que Elíade Mircéia situa dentro do segmento das religiões da África denomina de cultos de possessão:

Os cultos afro-brasileiros surgiram por volta de 1850, a partir de elementos de origens diversas, apresentando traços autenticamente africanos, como a possessão por divindades “orixás” e a dança em estado de êxtase. No Nordeste o culto chama-se Candomblé, no sudeste, Macumba, mas a Umbanda, com origem no Rio de Janeiro, tornou-se muito popular depois de 1925 – 30. Interditos no início, os cultos de possessão representam hoje um elemento essencial da vida religiosa no Brasil. (MIRCÉIA, Elíade. Dicionário das religiões, 1993, p.33)

Encontramos no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa o significado da palavra médium:

Segundo o espiritismo, pessoa capaz de se comunicar com os espíritos. Derivação: por extensão de sentido, pessoa detentora de dons que supostamente lhe permitem conhecer coisas, dados, ocorrências, etcetera, por meios sobrenaturais. Etimologicamente, vem do latim ‘medius’. Significando ‘que está no meio, intermediário’. Ou pelo inglês médium, significando ‘intermediário, pessoa que intermedeia a comunicação com os espíritos.

Durante os trabalhos, próximo ao final o “pai de terreiro” ou dirigente chama as pessoas que “precisam de ajuda”, pede que se aproximem. A assistência passa na frente de cada um dos médiuns e recebe um pequeno passe ou cumprimento de cada um deles e por último, um passe mais elaborado é recebido pelo “pai de terreiro”, quando este, algumas vezes troca algumas palavras com a pessoa que está recebendo o passe, que sofre variações conforme o paciente e a entidade que esteja atuando no momento: alguns são benzidos com velas, outros com água, alguns são convidados a beber um gole de cachaça e se não for seu desejo, podem apenas cheirá-la. Dona Romana dá início aos trabalhos e delega o andamento a outra pessoa, só interfere durante o andamento se julgar necessária sua intercessão. Ela fica sentada próximo, na sala principal da casa, contígua às salinhas onde estão os altares e são realizados os trabalhos. No final, dá a benção individualmente a todos os presentes, e cada um recebe água e baforadas de cachimbo.

Lá se professa um sincretismo que guarda características ecumênicas. Seria algo semelhante ao que conhecemos como um centro espírita, embora não seja exatamente isso, pois Dona Romana nunca se refere as práticas utilizando os vocábulos “espírita” ou “espiritismo” que poderiam exprimir determinadas características que não estariam exatamente enquadradas nos *trabalhos* que acontecem durante a semana, de segunda a sexta feira, no Centro Bom Jesus de Nazaré. Dona Romana, provavelmente com a intenção de evitar mal entendidos, escolhe a palavra espiritualidade, “*desenvolver a espiritualidade das pessoas*”, “*lidar com a espiritualidade*”. O *Fundamento* não segue nenhuma linha religiosa específica, ninguém sabe o nome da linha nem dos Três Curadores, denominação das três entidades espirituais que guiam todo o fundamento. Depois do levantar do grande eixo é que se saberá. Dona Romana não tem permissão para freqüentar nenhum tipo de centro religioso.

Os cantos entoados durante os trabalhos são determinados pelas entidades espirituais, *“vinha o ponto na cabeça e por aí foi indo.”*

Dona Romana conta sobre a época em que começou a ajudar no desenvolvimento de médiuns na região: *“Em 80 eu ia dar passe nas pessoas e as pessoas caíam. Eu comecei a ficar desesperada sem saber o que fazer. Aí é que essas vozes falaram pra mim que eles tinham arrumado uma licença no astral, pra mim desenvolver um pouco de gente pra facilitar porque esse meio aqui tava muito sofrido. Então só via era gente louca de espírito. Espírito nessa época fazia barbaridades aqui. Subia em casa, subia em espinho, pulava lá de cabeça pra baixo e não morria, subia em pé de pau de espinho, corria, mergulhava em córrego cheio, povo pensou morreu, morreu, morreu, quando dava fé caçava pra cima e pra baixo, não achava, quando dava fé chegava em casa sem ninguém saber por aonde tinha saído no córrego nem nada. Então era muito sofrido aqui. E aí eles disseram que arrumaram essa licença no astral pra mim desenvolver essas pessoas. É tanto que eles – Oh, Romana, você vai ter que trabalhar de segunda a sexta porque o seu período é curto. Pra eles tudo é curto, porque foram 17 anos eu desenvolvendo as pessoas.”*

Dona Romana ressalta a importância do desenvolvimento dos médiuns ser realizado sob a sua orientação, para a preservação da pureza, da autenticidade dos ritos religiosos e procedimentos que acontecem no Centro Bom Jesus de Nazaré: *“Eu não gosto de médium que prepara em outro centro. É muito melhor aqui, porque essa linha é uma linha muito exigente. Então os que são pra ser desenvolvidos nela, eles sempre vem direto pra ela. Nunca foi preciso a gente trabalhar com médiuns que já desenvolveram em outros lugares.”*

Na segunda feira os trabalhos são realizados no mato, numa pequena clareira onde se chega por um caminho que bordeia um dos muros de pedra que fica no fundo do terreno, após ultrapassar uma diminuta abertura do muro, passagem que como todas as outras do sítio, obedece o sentido horário.

A clareira onde acontecem as sessões das segundas feiras à noite é sempre varrida e limpa na segunda-feira pela manhã. É um espaço delimitado por um muro baixo de pedra ganga, com um altar e pequenas formações de pedra dispostas para abrigar velas individuais.

Sábado e domingo são dias em que não há trabalhos, assim como não são concedidas consultas. No sábado é celebrado o ofício, com orações, ladainhas e o terço. Domingo é rezado o terço sertanejo, tradição centenária e com um conteúdo semântico muito apropriado para tempos de seca, muito comuns na região.

Dona Romana conta que ajudou a desenvolver a mediunidade de mais de trezentas pessoas no Centro Bom Jesus de Nazaré. Foi a primeira pessoa a desenvolver a espiritualidade na redondeza. Lembra que quando dava passes nas pessoas muitas tombavam, caíam no chão e ela não sabia o que fazer. Foi então que recebeu permissão, por parte de seus guias espirituais, para trabalhar no desenvolvimento de médiuns, tarefa que durou 17 anos. No início anotava tudo num caderno, depois parou de contar. Na Bizarria, no sítio onde morava antes de se transferir para o atual, na Jacuba, foram 73 médiuns. Hoje em dia ela não prepara mais médiuns, conforme explica: *“Eu hoje não desenvolvo mais, porque não tenho mais licença. Eu trabalhei com médiuns de 80 a 97. Em 97 fechou essa parte. Aí ficou só as minhas garrafadas, que eu vinha já trabalhando com elas.”*



Pintura de Dona Romana no Centro Bom Jesus de Nazaré

III. 6. A criação de roupas ritualísticas

As vestimentas desempenham um papel importante nos rituais e alguns médiuns usam roupas diferentes a cada dia da semana. As roupas são principalmente de cor branca, embora também haja algumas com outras cores combinadas ao branco ou totalmente de outra cor. São confeccionadas a partir de visões dos próprios médiuns ou de Dona Romana. Muitas delas têm pinturas de estrelas, de Nossa Senhora, do Divino Espírito Santo e de outros pássaros; há também pintadas com cruzeiros, cobras, folhagens e outros. As toucas e chapéus também são confeccionados em diferentes formatos e a atividade de cortar e costurar roupas é parte das atividades diárias de Dona Romana, que tem muita prática com o corte, ela mede o tecido na própria pessoa e corta as cavas, mangas, decotes e cós de calças sem medir e nem fita métrica há. Perdeu a conta de quantas roupas já cortou e costurou, centenas delas. Essa é mais uma caridade que ela pratica. A princípio aprendeu a costurar para fazer as próprias roupas e das crianças dela, conta que cortava e costurava um calção para uma criança e ele se rasgava ao sentar por falta de um corte anatomicamente correto. E que tudo era muito custoso, tinha que apanhar lenha para vender e comprar o tecido e depois tinha que apanhar lenha novamente para pagar o feitiço que nem sempre ficava do seu gosto. Tentou aprender com uma costureira que só fazia pedir que ela alinhavasse as peças. Depois de uma semana, Dona Romana conta que desistiu insatisfeita com o método didático vagaroso e infrutífero. Tempos depois, mudou-se para perto de sua casa uma costureira, que foi com quem ela finalmente aprendeu o ofício, chegando a costurar para fora durante algum tempo. Na festa de Cosme e Damião, que tive a oportunidade de assistir durante minha estada, havia muitas crianças com roupas totalmente brancas ou com detalhes de pinturas ou tecidos de outra cor. Dona Romana comentou comigo que muitas ocasiões aparecem pais com crianças muito

doentes, pedindo ajuda e que basta fazer a roupa da criança que a saúde melhora e que muitas vezes chegam magros, abatidos e paupérrimos, de forma que além de cortar e costurar ela tem que providenciar também de comprar o tecido com seus próprios recursos.





Roupas usadas na festa de São Cosme e Damião



GLOSSÁRIO

Antenas: Peças construídas em pontos energéticos indicados pelos guias ou mentores espirituais

Peça: É a denominação usada para as esculturas Dona Romana. Abrange todos os tipos, construções de cimento e pedra, pedras dispostas apenas, antenas de arame e madeira, mosaicos de pedra no solo.

Trabalhos: São as sessões ou trabalhos mediúnicos realizados no Centro Bom Jesus de Nazaré, fundado por Dona Romana

Garrafadas: Remédios; infusões com ervas, folhas, raízes, frutas ou sementes, acondicionadas em garrafas junto com água e uma pequena parte de aguardente de cana.

Grande hora: expressão muito freqüente no discurso de Dona Romana. Refere-se a quando houver a colisão de um asteróide com o planeta Terra e todas as implicações que advirão nesse momento.

Fundamento: Filosofia, cosmogonia, denominação do conjunto de conhecimentos e preparativos para a firmeza eixo do planeta Terra

Três curadores: é como se identificam os guias, mentores espirituais de todo o fundamento

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo mostrou o quanto é vasto o universo de Dona Romana, e como torna-se impossível desvincular o foco principal inicial dessa dissertação, sua arte, a parte pictórica e tridimensional, de todo um contexto maior, que está inserido no que é seu *fundamento*, abrange seu cotidiano e envolve o Centro Bom Jesus de Nazaré.

Na pesquisa de campo observamos muitas atividades que de alguma forma se entrelaçam e complementam: a administração e manutenção de uma propriedade de 10 hectares com três diferentes ambientes com esculturas, um templo dentro de casa e outro ao ar livre, um galpão de armazenamento de água e víveres para o futuro, o funcionamento de uma cozinha que atende diariamente por volta de trinta pessoas, entre agregados e visitantes. Também as orações diárias, os trabalhos espirituais, as viagens astrais, os atendimentos a pacientes, visitantes, curiosos, turistas, repórteres e pesquisadores. As consultas, curas, benzimentos, garrafadas, velas acendidas a pedido, a costura das roupas ritualísticas. A feitura de novas esculturas de cimento e pedra, ou *peças*, a restauração de outras mais antigas. Muitas coisas acontecem a cada dia no Sítio da Jacuba, Natividade, Tocantins.

A riqueza do repertório de imagens se mostra mais e mais à medida que se vai, como sujeito observador, familiarizando com a prolífica produção artística. Mapas, extraterrestres, santos cristãos e outras entidades, cenas bíblicas, cangaceiros, índios, anjos, guerreiros, animais conhecidos ou nunca vistos, templos, casas, tronos, naves, carros de boi, aviões, instrumentos musicais, flores, o sol, a lua, o planeta, o asteróide. O Divino Espírito

Santo, o olho de Deus, pirâmides e outros monumentos, fontes com receptáculos de água, cruzeiros, antenas geradoras, captadoras ou distribuidoras de energia e por aí vai.

Aprender um universo tão complexo demanda tempo e reflexão. E muitas nuances são impossíveis de explicar, até porque imagens muitas vezes expressam bem mais do que a pessoa que as intui ou sente poderia fazê-lo por meio da palavra. Nos deparamos com uma criatividade singular e transbordante, uma arte que não se baseia em normas alheias, mas em seu próprio universo, pessoal e intransferível, onde não se faz “a maneira de”, mas à sua própria maneira. Sem mapas, cartilhas ou manuais de instrução, inventando o próximo momento a cada passo, encontrando o jeito próprio de encarar cada desafio e externar, tornar reais e palpáveis as próprias visões.

No âmago do fundamento a que se refere Dona Romana, que gira em torno de um fator principal, de um futuro acontecimento, que é a mudança ou verticalização do eixo de planeta Terra, está evidenciado um ponto da maior importância no tempo em que vivemos que é a questão ambiental. Simbólico ou não, o conjunto de princípios a partir dos quais Dona Romana realiza todo o seu trabalho deduz a iminência da chegada da *grande hora*, a hora de um radical e grandioso cataclismo. O *Fundamento*, como já sabemos, se baseia na iminente colisão de um asteróide com a Terra, fato que estaria para acontecer a qualquer momento causando grande destruição e transformações no planeta. Tudo que Dona Romana faz está a serviço de uma missão, para a firmeza do eixo da Terra, que de acordo com ela, voltará para sua original posição vertical. Pelo fato de ser uma produção plástica a serviço de uma missão que, segundo Dona Romana é geograficamente ordenada segundo orientações recebidas por seus mentores espirituais, todo o acervo de esculturas, pinturas murais e

desenhos é mantido intacto, nada pode ser retirado do Sítio da Jacuba, o que possibilita que a obra possa ser apreciada como um todo.

Durante o desenvolvimento do estudo sobre nosso objeto de pesquisa, Dona Romana de Tocantins, sua obra e visão de mundo, traçamos algumas analogias, buscamos manifestações correlatas, vimos algumas semelhanças com o trabalho de outros artistas e principalmente encontramos muitas singularidades surpreendentes.

Pretendemos oportunamente dar continuidade a esses estudos, pois acreditamos que ainda há muito a desvendar.

Por hora, esperamos ter lançado boas sementes para clarear algumas questões relativas à obra de Dona Romana de Tocantins e para tornar mais conhecidas sua cosmogonia, voz e arte.



Templo em miniatura



Peças com galpão ao fundo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

ACAMPORA, Alexandre. **Escritos de jornal**. Palmas, TO, 2004

AGUILLAR, Néelson, organizador. **Mostra do Descobrimento: arte popular** – Fundação Bienal de São Paulo: Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual**. Uma Psicologia da Visão Criadora. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1984

ARAUJO, Emanuel. **Arte e Religiosidade Afro Brasileira**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BARBOSA, Wallace de Deus. **Pedra do encanto**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

BEATTIE, John. **Introdução à antropologia social**: objetivos, métodos e realizações da antropologia social. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

BISILLIAT, MAUREEN. **Museu de folclore Edison Carneiro: Sondagem da alma do povo**. São Paulo: Empresa das Artes. 2005

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia**: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano** - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A profissão de sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Atenas, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **Mitologia na vida moderna**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos tempos, 2002.

CASCUDO, Câmara, **Dicionário Crítico**, Marcos Silva (organizador), Perspectiva, São Paulo, 2003.

CAVALLO, Cristina Lopes. **O Jardim e a Escada**. A poética da vida e da obra de Nêgo e Selarón. Dissertação de Mestrado em Linguagens Visuais, Curso de Pós Graduação em Ciência da Arte, UFF, Niterói, 2002

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes do Fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1982.

CHIPP, Herschel B. **Teorias da Arte Moderna**, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

COHN, Norman. **Na senda do milênio**. Milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da idade média. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

COIMBRA, Silva, et alii. **O Reinado da Lua** – Escultores populares do Nordeste. Rio de Janeiro: Salamandra, 1980.

COMELIN, P. **Nova Mitologia Grega e Romana**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1983.

D'AMBROSIO, Oscar. **Os pincéis de Deus**: vida e obra do pintor naïf Waldomiro de Deus. São Paulo: UNESP, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUBUFFET, Jean. **Asphyxiant culture**. Paris: Éditions de Minuit, 1986.

ECO, Humberto. **O Signo**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evans. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Limitada, 2005.

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e Idéias Religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A. 1977

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

FRAZER, James. **O Ramo de Ouro**. Rio de Janeiro: LTC, 1982. (edição resumida)

FRAZER, Sir James Jorge. **La Rama dorada: magia e religión**. México. Fondo de Cultura Économica, 1943.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro, Imago Editora Limitada, 1913-1914.

FROTA, Lélia Coelho. **Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro, século X.X**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

FROTA, Lélia Coelho. **Mitopoética de 9 artistas brasileiros; vida, verdade e obra**. Rio de Janeiro, 1978

FROTA, Lélia Coelho, **Artesania: tradición y modernidad em um pais em transformaci3n**. Artesanias de America, Artesanias del Brasil . Cuenca, n.46 – 47, p. 25 – 60, ago. 1995.

FROTA, Lélia Coelho. **Visões do Sagrado na arte popular brasileira: XI retratos de um Brasil de fim de século**. Rio de Janeiro: Agir, p. 87 – 106, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

GIDDENS, Anthony, et alii. **Modernização reflexiva**. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.

GOMBRICH, Ernst Hans. **História da Arte**. São Paulo: Círculo do Livro, 1972

GOMBRICH, Ernst Hans. **Arte e ilusão**: um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo, Martins Fontes: 1995.

GRAVES, Robert. **Deuses e heróis do Olimpo**: as maiores aventuras de todos os tempos. Rio de Janeiro: Xenan, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & a Editora, 1997

HARVEY, David. **Condição Pós- Moderna**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1992.

HAUSER, Arnold. **Historia Social da Literatura e da Arte**. São Paulo: Martins Fontes. 1972

HULTEN, Pontus e Magali Arreola. **Niki de Saint Phalle**: esculturas / curadoria: Jean Gabriel Mitterrand. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1997

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: 1964

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação**: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Editora Vozes: 1989

KING, Francis. **Magia: a tradição ocidental**. Lisboa, Portugal: edições Del Prado, 1996

LAGNADO, Lisette. **Leonilson, são tantas as verdades**. São Paulo: SESI, 1995

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Papirus Editora, 2005.

MACLAGAN, David. **Mitos da criação**: o aparecimento do homem no mundo. Lisboa, Portugal: edições Del Prado, 1997.

MALINOVSKI, Bronislav. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: Uma história de amor e ódio. Companhia das letras. São Paulo: 2004

MAVIGNIER, Almir et alii. Brasil: **Museu de Imagens do Inconsciente**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro.1994

MIRANDA, José Luís Cardoso de. **Apresentação e elaboração de projetos e monografias**. Niterói, RJ: EDUFF, 1997.

MIRCÉIA, Elíade. **Imagens e símbolos**. Ensaios sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1991

MIRCÉIA, Elíade. **Dicionário das religiões**. Lisboa:Publicações Dom Quixote. 1993

MUSUMECI, Leonarda.(org.) **Antes do fim do mundo; milenarismos e messianismos no Brasil e na Argentina**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2004.

OLIVEIRA, Eva Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1985

ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas**: cultura popular, Olho d'Água, São Paulo, 1992.

PARDAL, Paulo. **A escultura mágico-erótica de Chico Tabibuia**. UERJ: ERCA. Rio de Janeiro: 1989

PEREIRA, Cristina da Costa. **A Inspiração Espiritual na Criação Artística**. Niterói, RJ: 1999

PONTUAL, R. **Dicionário das artes plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

PRICE, Sally. **Arte Primitiva em Centros Civilizados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000

ROUDINESCO, E. et Plon. M. **Dicionário de Psicanálise**, Jorge Zahar: 1998.

READ, Herbert. **O sentido da arte**. São Paulo: IBRASA, 1976.

SHWARTZMAN, Simon **A Redescoberta da Cultura**. Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, São Paulo: 1997.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra Ltda., 1981

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: 1992.

TARRAGO, Salvador. **Gaudi**. Barcelona: Editorial Escudo de Oro, 1989

TAMASSIA. M. B. **Você e a mediunidade**. São Paulo: Casa Editora o Clarim, 1983.

TOBIAS, José Antônio. **Como fazer sua pesquisa**. São Paulo: Editora Ave-Maria. 2001

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem-** e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002

VON FRANTZ, Marie-Louise. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

WILDUNG, Dietrich. **O Egito: da pré-história aos romanos**. Lisboa: Tashen, 2001.

WILKINSON, Phil. **Povos Primitivos: A vida dos primeiros grupos sociais humanos, desde a Idade da Pedra até seu desenvolvimento nas Américas**. Rio de Janeiro: Editora Globo S.A. 1989.

XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1938

Catálogos de Exposição:

FABRIS, Annateresa. **Arte incomum**. XVI BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO, São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1981.

Dubuffet, Giacometti, De Kooning, Bacon: **4 mestres contemporâneos**. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1973.

KLEIN, Paulo. (curador.) **Pop**. São Paulo: CCBB, 2002. (Catálogo de exposição)

Tradição e Ruptura- Síntese de Arte e Cultura Brasileiras: Fundação Bienal de São Paulo, 1984,1985

Viva o povo brasileiro: artesanato e arte popular. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A.1992.

ZALUAR, Amélia. **A casa da flor: uma casa de cacos transformada em flor**. Solar GrandJean de Montgny, Centro Cultural da PUC. Rio de Janeiro.1986.

Artigos de Revista:

TRINDADE, Lena. **Dona Romana, de Tocantins, a mulher que viu tudo**. Revista Marie Claire, edição 120, 2000

Artigos de jornais:

Jornal O Girassol. Palmas, Tocantins, 3 de outubro de 2005

Jornal Le Monde. Paris, França, 14 de agosto de 2008.

http://marieclaire.globo.com/edic/ed120/rep_romana5a.htm

<http://www.ogirassol.com.br/especiais65/>

<http://www.ambafrance.org.br/abr/label/label45/arts/page.html>(Jean Dubuffet)

http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2003/09/030902_asteroiderg.shtm